

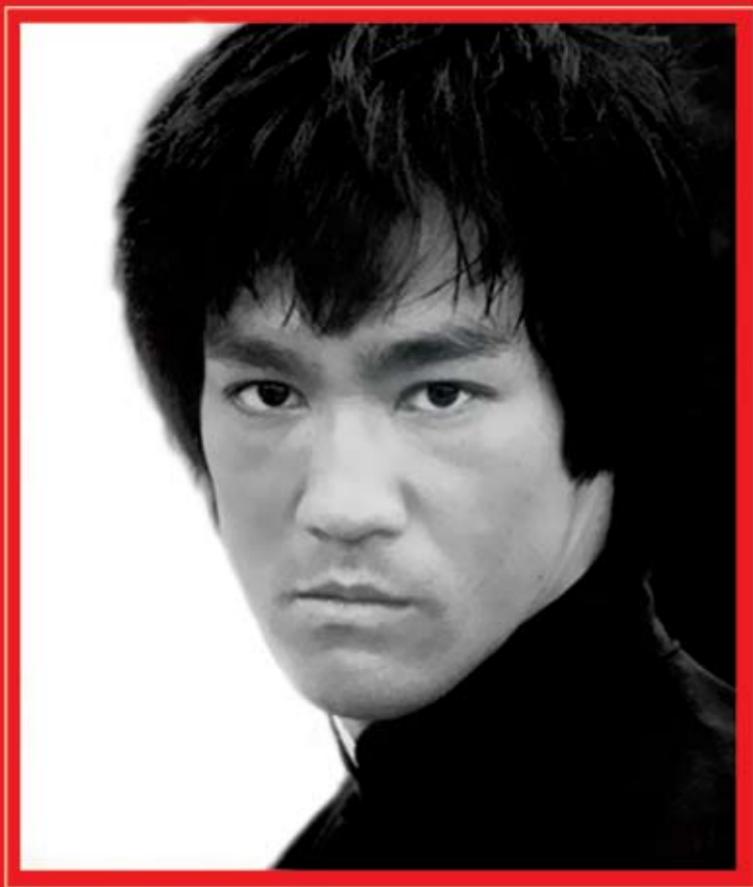
BRUCE



o inesquecível

LEE

e as artes marciais



José Augusto Maciel Torres



O inesquecível
**BRUCE
LEE**

e as artes marciais



Palavras iniciais do autor

Quando falamos de Bruce Lee, vem logo a nossa mente a figura do mito do cinema e da marcialidade que jamais será esquecido, pois, apesar da sua morte prematura, os seus feitos o imortalizaram.

Se estivesse vivo, Bruce Lee estaria gozando os frutos do seu dedicado trabalho em prol das artes marciais. Sua dedicação à filosofia marcial e aperfeiçoamento das técnicas usáveis no cotidiano, bem como sua procura pela perfeição no cinema o fizetam inesquecível e inigualável.

Muitos tentaram, sem sucesso, imitá-lo e até mesmo igualar-se ao Pequeno Dragão, mas é impossível assemelhar-se a alguém que é único e de natureza ímpar, principalmente quando se é inovador e genial, estando-se pioneiramente com as idéias muito à frente dos outros seres viventes em nosso planeta.

Sinto-me honrado em poder escrever esta obra sobre o mitológico Bruce Lee, pois foi a partir dele que os conceitos cinéfilos marciais adentraram no Ocidente e desde então a febre pelo *Kung Fu* (cujo termo certo na veredade é *Wu Shu*, pois *Kung Fu* quer dizer Tempo de Habilidade) e temas afins se constituíram algo comum em nossa sociedade. Este despertamento cada vez mais nos permite amar a marcialidade e sua fluência filosófica. E em cada lugar que estejamos, pequeno ou grande, lá encontraremos alguém que conhece arte marcial e por osmose, Bruce Lee.

Espero que esta obra sirva para manter viva a figura ímpar e inigualável do Pequeno Dragão cujo nome foi Bruce Lee.



José Augusto
Maciel Torres



Criação e Projeto: Estúdio MidWest
Diretor: Fausto Kataoka
Editor chefe: Fábio Kataoka (editor@mwg.com.br)
Autor: José Augusto Maciel Torres (josemtorres@ig.com.br www.escolapaozhelin.com.br)
Projeto gráfico, arte e diagramação: Fábio Amador Bueno (bueno@iron.com.br)
coord. produção: Carlos Kataoka
Revisão: M^a Zenólia Almeida
administrativo: Agnaldo Torres
Redação: Rua Ferreira de Almeida, 73.
São Paulo/ SP CEP 02517 150



www.escala.com.br
Editora Escala
escala@escala.com.br
Av. Prof^a Ida Kolb, 551 – Casa Verde
CEP 02518-000 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (+55) 11 3855-2100 Fax: (+55) 11 3951-7313
Caixa Postal: 16.381 – CEP 02599-970
São Paulo – SP – Brasil

EDITORIAL

editorial@escala.com.br
Fax: (+55) 11 3855-2138
GERENTE: Sandro Aloisio

SUPERVISOR DE ARTE: Edson Pereira

COORDENADORA DE PRÉ-IMPRESSÃO: Cintia Karina dos Reis

REVISÃO: Maria Nazaré Baracho e Denise Silva Rocha Costa

COORDENADORAS DE PRODUÇÃO: Adriana Ferreira da Silva, Fernanda de Macedo Ferreira Alves e Natália Modesto de Paiva

GERENTE DE CRIAÇÃO PUBLICITÁRIA: Otto Schmidt Junior

ASSESSOR DE IMPRENSA: Marco Barone

imprensa@escala.com.br

PUBLICIDADE

publicidade@escala.com.br

Fax: (+55) 11 3855-2132

Jairo Ivo Fiszbein, Leonardo Batista, Sérgio Ricardo Biagio, Zélia Oliveira, Ritha Corrêa e Silvana Pereira da Silva (tráfego)

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

PORTO ALEGRE: Rogério Cucchi, rogeriocucchi@terra.com.br – Tel.: (+55) 51 3268-0374

VENDAS DIRETAS

Antônio Corrêa – Tel.: (+55) 11 3855-2100

correa@escala.com.br

Anne Vilar – Tel.: (+55) 11 4446-6158

annevilar@escala.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR

Alessandra Campos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Tel.: (+55) 11 3855-1000 Horário: 08h00 às 19h00

Fax: (+55) 11 3857-9643

atendimento@escala.com.br

ISSN 0000000 – Distribuição com exclusividade para todo o BRASIL, Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro da Silva, 907 – Tel.: (+55) 21 3879-7766. Números anteriores podem ser solicitados ao seu jornaleiro ou na central de atendimento ao leitor, ao preço do número anterior, acrescido dos custos de postagem.

Disk Banca: Sr. jornaleiro, a Distribuidora Fernando Chinaglia atenderá os pedidos dos números anteriores da Editora Escala enquanto houver estoque.

Filiada à

ANER

www.aner.org.br

Palavras iniciais do autor	05
Iniciando a conversa	08
Conversando com Mestre Li Hon Ki	16
Uma breve história do <i>Kung Fu</i>	18
<i>O Kung Fu</i>	22
O Templo de <i>Shaolin</i>	24
Depois da destruição do Templo de <i>Shaolin</i>	36
Bruce Lee, nascimento, infância e adolescência	42
Bruce Lee nos Estados Unidos	47
As artes marciais nos dias atuais	50
Entrevista com o professor Genivaldo Vicente	54
Bruce Lee e as outras artes marciais	56
Bruce Lee e suas fugas amorosas	58
A personalidade de Bruce Lee	60
O soco de uma polegada	64
Brandon Lee	64
A história do estilo <i>Wing Chun</i>	66
O Mestre Yip Man	70
Bruce Lee e a criação de novos estilos marciais	73
O Besouro Verde	79
Filmografia Completa de Bruce Lee	81
<i>Jeet Kune Do</i> pelo próprio Bruce Lee	82
Como escolher um bom professor de <i>Kung Fu</i>	88
Entrevista Com Bob Wall	90
Entrevista com Dan Inosanto	93



Iniciando a conversa

Na atualidade o *Kung Fu* é bastante popular em nosso país, existindo uma gama de academias, associações e afins em todo o território nacional. Algumas têm filiações a federações nacionais e internacionais, outras não. A divulgação e grande aceitabilidade social do *Kung Fu* se deu graças à denominada Febre do “*Kung Fu*” existida na década de setenta, inicialmente com os filmes do saudoso Bruce Lee, nos cinemas, e depois com o seriado de TV intitulado de *Kung Fu*, que teve no papel principal o David Caradine protagonizando um monge do templo Shaolin de nome Kwai Chang Keyne, apresentando neste seriado toda a concepção filosófica e religiosa da marcialidade chinesa. Desde então o *Kung Fu* começou a ganhar adeptos e admiradores inicialmente no eixo Rio-São Paulo e posteriormente em todo território nacional.

A capital paulista foi pioneira no ensino do *Kung Fu*, pela grande quantidade de chineses que lá vivem. Porém, no meio do surto inicial do *Kung Fu*, muitos chineses que tinham noções primárias de *Kung Fu* ou que tinham aprendido por meio de fitas de vídeo, passaram, de forma mercenária, a se auto-denominarem Mestre de *Kung Fu*. Muitos destes pseudos-mestres aprenderam com o Mestre Toshiba, ou seja, por meio de fitas de vídeo, colocando-as para assistir nos aparelhos de vídeo-cassete de marca Toshiba, daí o nome, em forma de piada.

O fato de uma pessoa ser chinesa não a gabarita a ser um mestre nas artes marciais ou nas terapias chinesas (acupuntura, *tui-nah*, moxaterapia etc). Isto se assemelha ao fato de pensarmos que toda pessoa que é brasileira entende de capoeira, capacitando-a para ser um mestre na arte da capoeiragem. Infelizmente, no passado não tínhamos Internet, que nos permitisse acessar facilmente diversas informações em todo o mundo, dificultando-se assim as enganações.

Com a procura maior que a oferta, alguns chineses mais sabidos pediram seus amigos trouxessem ou enviassem fitas de vídeo sobre os diversos estilos de *Kung Fu* diretamente da China e por meio destas se auto-denominaram “mestres”. Muitos destes mestres, discípulos dos mestres Toshiba da vida, tinham aprendido alguns princípios do *Kung Fu* em seu país de origem e aqui na nossa terra, de forma enganosa e negligente, fingiam que ensinavam esta nobre arte marcial de origem

chinesa. Infelizmente esta origem acéfala acabou produzindo no Brasil uma enorme quantidade de instrutores de *Kung Fu* mal-preparados e sem princípios filosóficos marciais equilibrados.

Ate hoje observo pasmado como algumas pessoas fazem questão de se apegar a chineses, mesmo sabendo que estes nada sabem sobre *Kung Fu*, para poder tirar fotos e de forma orgulhosa apresentar para seus alunos. Acredito que ter um mestre chinês é o sonho de consumo de muito mestre de kung fu pelo Brasil afora.

Desde a chamada “Febre do *Kung Fu*”, surgida na década de setenta, que o índice de falecimentos de mestres marciais chineses aumentou muito, pois muitos chineses e até mesmo brasileiros ao serem questionados sobre onde aprenderam determinado estilo de *Kung Fu*, respondiam: “meu mestre era um chinês muito dedicado ao *Kung Fu* e somente passava seus conhecimentos de forma secreta. Com seu falecimento, levou para o túmulo todos os seus sábios conhecimento, ficando somente a minha pessoa como seu discípulo”. Isto na verdade era uma grande mentira dita pelos pseudos-mestres para justificar a sua falta de conhecimentos marciais e logicamente a origem do que estava ensinando.

O próprio Bruce Lee sempre falou da importância das concepções filosóficas e religiosas acopladas à marcialidade. É interessante lembrar que nos Estados Unidos da América o povo tem xenofobia, ou seja, não gosta de estrangeiro, por isso que o pequeno Dragão sofreu tanto pela discriminação racial, pois ele era chinês para o povo americano, e apesar de ter nascido nos Estados Unidos, a sua face chinesa o transformava em um estranho. Vide o descontentamento da mãe de Linda, sua esposa, ao saber que ela iria casar com um oriental, quando na verdade Bruce Lee havia nascido nos Estados Unidos e era cidadão americano. Enquanto o povo americano tem xenofobia, os brasileiros tem xenofilia, ou seja, adora estrangeiros. Acredito que é pelo fato de termos aprendido com os europeus e até mesmo com os americanos, na atualidade, que somos inferiores. Fundamentado nisso adoramos dizer que temos um mestre chinês, mesmo que este não saiba nada, dar um status diferenciado...

No filme *Kung Fu*, cujo papel principal é de David Carradine, e que seria estrelado por Bruce Lee, não tendo sido pelo fato de o Pequeno Dragão, entre outros motivos, ser chinês e ter um inglês com sotaque chinês, encontramos uma visão muito bonita em se tratando do Templo de Shaolin e a postura dos monges budistas especialistas na arte do

Kung Fu. Inicialmente observamos a luta constante do ser humano para vencer o seu maior inimigo, que é ele mesmo. O domínio de si mesmo representa a plena harmonia com o universo como um todo. Isto passa por uma explicação que vai além dos nossos conceitos cartesianos e positivistas existidos no Ocidente. Essa concepção surgiu após anos de prática e de burilamento espiritual em que os caminhos sutis são os primórdios para tanto. “Gafanhoto” era o termo com que os mestres se dirigiam ao jovem Kwai. o “Gafanhoto” era ensinado administrar suas emoções e perceber o não perceptível pelo mundo dos sentidos, ou seja, através do empirismo, valorizando-se os aspectos fenomenológicos do indivíduo, levando-o a “enxergar” no lugar de somente “ver”. Para isso era necessária a boa prática da arte marcial e das técnicas do *Chen*, que em japonês é *Zen*, literalmente, quer dizer “meditação”.

Neste filme é mostrada a fluência marcial através de um monge cego que nos leva a perceber o quanto nossos “olhos interiores”, quando bem aflorados, podem nos permitir ir além do que nos limita nossa parte somática. Como nos expõe em uma das suas obras o Professor Hermógenes, conhecido escritor e mestre do yoga: “a falta de pernas cria asas no homem”. Esta visão interior que vive enterrada dentro de cada um de nós nos leva, quando burilada, até os primórdios da “iluminação”, objetivo maior de todos os religiosos e amantes da marcialidade oriental.

Sábios e pesquisadores do Oriente têm consciência de que quando se trata do espírito humano pode-se fugir de tudo e de todos, menos de nós mesmos, ou seja, do nosso “guerreiro interior”. Este sim é o nosso verdadeiro inimigo, que acaba gerando perigos em todos os sentidos da nossa existência, levando-nos nesta batalha conosco mesmos ao uso de diversas técnicas que vão além dos nossos cinco sentidos, estando as armas para se vencer esta batalha escondidas dentro de nós mesmos.

O termo “marcial” vem de Marte, deus da guerra, no panteão romano, irmão de Minerva, deusa da sabedoria. Isto não quer dizer que este deus representasse a guerra exterior ou meramente belicista, responsável pela destruição do homem enquanto ser físico e moral, o simbolismo maior desta guerra é a derrota do “guerreiro interior”, que encontra-se ardendo em chamas dentro de cada um de nós. Isto nos leva a perceber o quanto somos minúsculos em relação ao universo no qual vivemos e com o qual estamos envolvidos.

Na Índia antiga, os deuses *Kartykeya*, na América pré-colombiana o deus *Tezcatlipoca*, tinham a mesma representação bélica com semel-

hanças na essência que defende a vitória interior como único meio de se chegar ao pleno desenvolvimento em todos os níveis do ser humano. Infelizmente o guerreiro nos seus passos iniciais acredita somente com a força física ter-se-á vitórias. Somente o tempo e a evolução espiritual iram lhe ensinar que a verdadeira vitória dar-se-á dentro do interior de cada um. Esta é a grande verdade passada por todas as religiões e filosofias do Oriente e do Ocidente.

Quando iniciei nas artes marciais na década de setenta, meus primeiros treinamentos foram no karate, estilo shotokan; ainda muito novo, fui ouvindo sobre a superioridade do karate, com exclusividade no estilo que treinava. Tive a oportunidade de ler naquela época, na extinta revista *Do, A Revista das Artes Marciais*, posições radicais de diversos mestres contra a criação de novos estilos marciais. Toda reflexão crítica deve ser radical, rigorosa e de conjunto. E para um jovem adolescente, que era naquela época, seria impossível, principalmente pela falta de conhecimentos e fundamentações racionais, tecer comentários inteligentes sobre as opiniões destes mestres.

Hoje, conhecendo a maioria destes mestres e sabendo que a maioria deles não está interessada na essência do budo e sim no ganhar dinheiro usando sofismas marciais, acredito que a criação de novos estilos marciais venha a depender da capacidade de cada indivíduo. Basta observarmos a história das artes marciais e veremos como diversas pessoas de origem oriental, entre os séculos IX e XX, criaram estilos marciais próprios.

Baseado nisso acreditamos que Bruce Lee, ao criar o *Jeet Kune Do*, seu próprio estilo marcial, e o expor de forma sistemática em seu livro *O Tao do Jeet Kune Do*, traduzido e editado no Brasil pela Conrad Editora, somente apresentou ao público em geral a síntese das suas experiências vivenciais e teóricas dentro da marcialidade, levando em consideração a praticidade marcial, ou seja, o uso dela nos dias atuais.

Têm pessoas que procuram as artes marciais por esporte, outras por diletantismo, enquanto algumas querem a marcialidade para defesa pessoal, ajudando-as no dia-a-dia a sobreviver nas metrópoles existentes em todo o mundo, pois há muita violência nas mesmas.

Muitas artes marciais estão obsoletas em termos de praticidade como defesa pessoal nos dias atuais, servindo somente para esporte. O *Jeet Kune Do*, criado por Bruce Lee, tem, além da essência filosófica, condição sine qua non no contexto marcial oriental, uso prático

como defesa pessoal que na verdade vai definir vida ou morte em dado momento. Digo sempre que arte marcial é semelhante às línguas, não basta ter diploma, tem que ter praticidade. Se alguém lhe pergunta se você fala francês em francês e ao ouvir sua resposta positiva e começa a somente falar nesta língua, pois é a única que ela sabe falar, você vai ter que mostrar que sabe falar esta língua neo-latina. O mesmo acontece com artes marciais. Se uma pessoa lhe socar e lhe chutar, o importante é sua defesa. E se for preciso um rápido contra-ataque, isso poderá, muitas vezes, salvar sua vida. O resto é “papo furado”...

Houve muitas críticas feitas a Bruce Lee sobre a criação do seu estilo, principalmente pelos orientais tradicionais, que, pela sua xenofobia, não aceitavam, em hipótese alguma, a criação de uma nova escola marcial a partir de um mestiço, metade chinês e a outra metade americana.

Devido a essas opiniões e que levaram até mesmo membros da família de Bruce Lee a afirmarem que ele foi assassinado e não morto por um edema cerebral, como é sabido oficialmente, muitos mestres marciais, inclusive orientais, acreditam somente nos estilos treinados tradicionalmente, mesmo que esses sejam ineficientes nos dias atuais enquanto defesa pessoal.

As artes marciais têm grandes semelhanças com as religiões não somente em termos de concepções axiológicas e metafísicas, como defendo no meu artigo “As Artes Marciais conduzem o homem até Deus”, como em se tratando de abordagens políticas e centramentos de poder. As pessoas de determinada religião afirmam categoricamente que sua forma religiosa é a correta e vai levá-lo até o seu Deus; as demais religiões estão erradas e são heréticas. De forma semelhante acontece com as artes marciais. Muitos afirmam que suas técnicas marciais são únicas e que são altamente eficientes. Ao fazerem tais afirmações estão em ledro engano. Haja vista que qualquer arte marcial é benéfica, dependendo somente de cada indivíduo procurar aquela que mais tem adequação ao seu ritmo de vida.

Ao tecermos comentários sobre a marcialidades e seus aspectos filio-religiosos é necessário que venhamos a tentar entender o que é ARTE que vai nos dar o complemento do espírito marcial. Sabemos que a arte é um caso privilegiado de entendimentos intuitivos do mundo, tanto para o artista que cria obras concretas e singulares, quanto para o apreciador que se entrega a elas para lhes penetrar o sentido.

O verdadeiro artista intui a forma organizada dos objetos ou eventos sobre os quais focaliza suas atenções. Ele vê ou ouve o que está atrás das aparências exteriores do mundo que o cerca. Um exemplo disso é visto no filme *Amadeus*, de Milos Forman, que tem uma cena que apresenta nitidamente isto que estamos defendendo. A sogra de Mozart, emocionada e chateada, conta ao compositor quais os motivos que levaram sua filha a abandoná-lo. Mozart ouve bem e de repente se concentra nas palavras da sua sogra e compõe uma ária para a Flauta Mágica. Como bom artista que era, Mozart conseguiu perceber pelo poder seletivo e interpretativo dos seus sentidos, formas que não podem ser nomeadas ou reduzidas a um simples discurso verbal explicativo. Partindo do princípio de serem sentidas e explicadas. A intuição do artista o faz fugir da criação de cópias da natureza e o permite criar símbolos dessa mesma natureza e da vida humana.

Isto se aplica a todas as artes e artistas apresentados. Baseado nisso as artes marciais jamais poderiam ficar fora desta esfera de transcendência, que acopla diversas formas dos símbolos existenciais, colocando o artista marcial como um buscador de algo que se encontra oculto dentro de si mesmo, impedidas de serem conceituadas de forma cartesiana. Somente se irá perceber isso por meio do ato de sentir e fazer bem feito. Neste momento adentramos em nós mesmos e percebemos o quanto somos fracos e inferiores e após apagarmos toda a nossa parte externa veremos o quanto temos de escuridão dentro do nosso ser.

Esta é a real caminhada que o praticante marcial deve ter. Eliminando primeiramente as nossas ilusões, *Maya* em sânscrito, e se conduzindo para o burilamento do espírito. Apesar de parecer fácil esta é a pior etapa da evolução marcial, ficando somente para poucos que assim conseguem por meio de constantes treinamentos e condicionamentos psicobioenergéticos, ficando como algo oculto e misterioso. Nem todos conseguem acompanhar esta longa e difícil caminhada rumo ao auto-conhecimento, pois para a maioria é mais fácil absorver a parte da esportividade e belicidade da marcialidade.

O termo “esotérico” é de origem grega e significa “secreto” ou “oculto”. Essa palavra deriva de “esotéricos” que também em grego tem o significado de “escondido”, cabendo estes conhecimentos para poucos escolhidos. Em oposição a “exotérico”, que tem o sentido de público ou externo. Exemplificando isso encontramos nos ensinamentos de Jesus Cristo a existência de partes ocultas e as abertas ao público em geral.

Encontramos no Novo Testamento Jesus falando para seus discípulos o seguinte: “A vós é permitido saber os mistérios dos reinos do céu, mas a eles (o povo) não é concedido, por isso falo por meio de parábolas, para que vendo não vejam, e ouvindo, não ouçam e nem entendam (Matheus, XII,11,13 etc)”.

Concluimos então que a parte interna existe em toda religiosidade, bem como caminhos metafísicos mundiais, ficando uns poucos destinados à parte interna. Para os demais fica a parte externa.

A parte externa da marcialidade é muito fácil de ser assimilada, bastando-se ter desenvolvimento somático e apuramento técnico, enquanto a parte interna marcial é extremamente difícil de ser atingida por todos, pois irá depender de uma auto-educação e extrema dedicação metafísica e espiritual.

As artes marciais somente centradas na parte física são aleijadas. Tendo somente idéias cartesianas e positivistas, existentes em nosso mundo ocidental, as dúvidas somente serão perpetuadas, nos deixando somente com as buscas externas dentro de uma visão lógica aristotélica.

Não existe domínio do universo sem a plena centralização das energias internas. Como o homem é o “Microcosmo” nos resta para estarmos acoplados ao universo uma plena harmonização com o “Macrocosmo”, que é o universo que nos cerca. Nesta guerra interna vale mais o sentir do que o conceituar.



Conversando com Mestre Li Hon Ki

Mestre Li Hon Ki é uma figura bastante conhecida no meio marcial brasileiro. Nascido em Hong Kong, a 12 de fevereiro de 1952, atuou no passado em diversos filmes de artes marciais feitos no Oriente, inclusive alguns estrelados por Bruce Lee.

Residindo faz algum tempo no nosso país, o Mestre Li foi o introdutor na América do Sul, dos estilos *Hung Gar* e *Wing Chun* (estilo marcial praticado por Bruce Lee), autor do livro *Ving Tsung* e possui academia de artes marciais chinesas no bairro da Liberdade, em São Paulo, onde atualmente ministra cursos e seminários, bem como em todo o Brasil e América do Sul, relacionados a acupuntura, terapias chinesas e artes marciais.

Amigo pessoal do prof. José Augusto Maciel Torres, autor desta obra, este mestre nesta entrevista, feita na sede do Centro Cultural Brasil-China, em Salvador, capital baiana, nos fala sobre sua relação profissional com Bruce Lee.

José Augusto: Quando o senhor conheceu Bruce Lee?

Mestre Li: Em 1969 na cidade de Hong Kong. Quando ele chegou a Golden Harvis, participei de uma reunião para trabalhar em seu primeiro filme, THE BIG BOSS.

José Augusto: Qual a primeira impressão que o senhor teve sobre ele?

Mestre Li: Um “baixinho” convencido. Eu já o conhecia como um famoso artista de *Hollywood*. Ele falava, neste dia, mais ou menos três palavras em chinês (cantonês) e uma em inglês.

José Augusto: Ele era um lutador de verdade ou somente um bom ator?

Mestre Li: Isto eu não sei. Porém, no início todos os dubladores não eram simpáticos a ele, pois o achavam bastante convencido.

José Augusto: Como assim, convencido?

Mestre Li: Faltava ao Bruce Lee o respeito ao ser humano, afinal, ele era um astro.

José Augusto: Quando foi que o senhor passou a trabalhar com Lee?

Mestre Li: Na verdade eu não trabalhei com Bruce Lee, mas sim com o produtor dos filmes nos quais Bruce Lee trabalhou como ator principal. Meu primeiro trabalho em filme ao seu lado foi no ano de 1971, em sua segunda, pois em seu primeiro filme, eu não trabalhei devido ao fato de ter viajado para a Coreia, com o diretor Wung Fu, onde trabalhei em outro filme.



Reprodução

José Augusto: Ao manter contato direto de forma profissional com Bruce Lee, o senhor continuou achando-o um grande convencido?

Mestre Li: Não. Quando eu cheguei da Coreia todos os dubladores haviam mudado de opinião em relação a Bruce Lee, achando-o um ser humano bastante espiritualizado e inteligente, pois em seu primeiro filme rodado na Tailândia, Bruce pediu a um amigo meu, o dublador Chan Lun, que alugasse um carro para ele passear na Tailândia, mas Chan Lun sofreu um acidente com este carro, sendo que por isso quase foi preso pela polícia tailandesa, pois não tinha dinheiro para pagar o carro. Bruce, de forma humanitária, pagou o prejuízo do carro sem reclamar. Deste dia em diante todos os dubladores passaram a admirá-lo pela sua postura ética, respeitando-o como ser humano. Outro fato o deixou mais admirado com os dubladores e com todos que trabalhavam diretamente com Bruce Lee. Era sua velocidade e potências nos golpes marciais. Naquela época a maioria dos artistas marciais precisavam que fossem feitos usos das câmeras para o aumento da velocidade e potência dos seus golpes marciais nas cenas dos filmes, mas com Bruce Lee era diferente: os golpes marciais aplicados por Bruce Lee eram muito rápidos e potentes, obrigando que as filmagens fossem feitas em câmera lenta, porque se assim não fosse feito os golpes desferidos por Bruce Lee em seus filmes jamais poderiam serem vistos pelos telespectadores.

José Augusto: Quais foram suas participações nos filmes de Lee?

Mestre Li: Atuei como dublê e diretor de artes marciais.

José Augusto: Quem mais atuou com o senhor nesses filmes?

Mestre Li: O Chuck Norris e o Dan Inosanto.

José Augusto: Qual a sua opinião em relação ao Lee como ator e divulgador das artes marciais chinesas?

Mestre Li: Como ator ele foi muito bom, pois mostrava com perfeição as técnicas marciais, com especialidade ao *Ving Tsung*. Como lutador é muito difícil imitá-lo pois seu estilo marcial se deteve somente a ele próprio.

Uma breve história do *Kung Fu*

Bruce Lee recebeu o título de “Rei do *Kung Fu*”, assemelhando-se a Pelé, que recebeu o título de “Rei do Futebol”, e a Roberto Carlos, que também tem a titulação de sua majestade, pois é considerado o “Rei da Jovem Guarda”. Porém todos sabem, pelo menos no Brasil, o que é futebol e sabem da potencialidade musical do Rei Roberto Carlos. Mas será que todos no Brasil sabem o que é *Kung Fu*?

A palavra *Kung Fu* é de origem chinesa e significa “Tempo de Habilidade”, sendo que no Ocidente é que esse termo passou a ser sinônimo de “Arte Marcial Chinesa”. Na China é usado o termo *Wu Shu* para designar arte marcial e *Kuo Shu* significa arte marcial chinesa.

As principais diferenças entre *Wu Shu* e *Kuo Shu*, na China, é que o primeiro se refere às artes marciais de uma forma geral, independente de sua origem, enquanto que o segundo termo se refere às artes marciais cuja origem são chinesas. A China antiga é cheia de histórias em que as artes marciais estão presentes. Isto se deve a uma gama de fatos sociais nos quais o uso das artes marciais se fez presente nesse país. O passado chinês tem histórias de vários imperadores tiranos que obrigavam este povo a sempre ter que fazer uso da belicidade marcial para se defender, ou até mesmo para defender seus superiores.

O povo chinês vivia em plena harmonia com a natureza pelo fato de cultivar e depender da agricultura, levando-o a criar uma concepção teórica na qual o universo é o “Macrocosmo” e o homem o “Microcosmo”, sendo que a harmonização entre o macro e o micro irá gerar a saúde global. Em sua visão filosófica os chineses acreditam que existe uma energia universal denominada de *Chi*, enquanto os japoneses herd-

aram esta teoria e denominam esta energia de *Ki*. Sendo esta a essência de toda marcialidade oriental e também das terapias orientais tais como *Acupuntura*, *Tui-Nah*, *Moxaterapia*, *Chi Kung*, *Shiatsu* etc. Dentro desta visão chinesa esta energia vital, *Chi*, caminha por canais existentes no corpo humano denominados pelos ocidentais de “Meridianos”. Estas fundamentações panteístas e metafísicas também levaram os chineses a criarem exercícios físicos e respiratórios baseados nos animais e na movimentação do *Chi* por toda a natureza e também no ser humano.

O *Wu Chinsi* é originário da China antiga e tem suas raízes nos seguintes animais: o veado, o macaco, a águia, o urso e o tigre. Cabe ao médico e filósofo chinês Hua To basear-se nesses cinco animais e criar um sistema de exercícios de essência e de caráter psicobioenergéticos. Muitos métodos de equilíbrio da energia vital foram criadas na China e todos eles estão acoplados, direta ou indiretamente, às marcialidades chinesas.

Os diversos estilos de lutas marciais forma surgindo na China e, por esse ser um país de grande tamanho geográfico, fez com que em cada lugar individualmente fossem desenvolvidos sistemas particulares de *Kung Fu*. Variedades de estilos se devem ao fato de que as aulas marciais na China antiga eram feitas de pai para filho, com o tempo cada um ia adequando seu sistema marcial a sua realidade social e de acordo com a praticidade para defesa pessoal. Em muitos casos cada família fazia sua adaptação marcial e as ensinava como plenamente correta, achando que as demais eram falhas. Assemelhando-se ao corporativismo das religiões, como já relatei anteriormente.

Na China se padronizou que os estilos marciais do norte fazem maior uso das pernas enquanto no sul o uso maior está nos golpes com os braços, gerando assim o conhecido ditado chinês: “pernas no norte e braços no sul”. O norte da China, por ser mais montanhoso, permite aos seus habitantes terem pernas fortes e ágeis, devido às longas caminhadas nas montanhas. Enquanto os habitantes do sul viviam nos pântanos semeando arroz e faziam muito uso dos barcos para deslocamentos, o que os obrigava a terem braços fortes para possibilitar uma boa colheita.

Apesar dos estilos marciais chineses serem divididos em norte e sul, devido ao fato do maior uso das pernas ou dos braços, conforme relatei anteriormente, algo se assemelhava entre eles, ou seja, a visão filosófica e metafísica em que os princípios do *Tao* acoplados ao *Chi* e concepções afins são iguais em toda a China, apesar da grandeza geográfica do país.

Nos primórdios da era Cristã o Budismo tinha na China uma força

política muito grande, e a maioria dos líderes budistas tinham cargos públicos de destaque dados pelos imperadores chineses, pois a religião de Buda, que, apesar de ter sido criada na Índia e lá não ter muito destaque, era vista na China antiga como o patamar da salvação humana. Existia devido a esse fato um grande ciúme entre os seguidores de Lao Tse, isto é, os taoístas, pelo fato desta linha religiosa ser essencialmente chinesa em diferença ao Budismo, que era originado da Índia. Infelizmente, para o Taoísmo, naquela época esta religião não era considerada como uma religião oficial. Tentando dar um novo status ao Taoísmo, para conseguir poder político, os seus líderes começaram a criar semideuses para esta religião, objetivando o seu fortalecimento aos olhos dos imperadores chineses. Surge então os semideuses taoístas denominados de Imortais, com destaque para os Oito Imortais Bêbados, que depois serviu como base para o estilo de *Kung Fu* denominado de *Chui Pa Hsien* ou simplesmente “Estilo do Bêbado”.

Existe uma grande diferença entre os estilos marciais chineses internos e externos, originados de suas diferenciações religiosas. Os estilos Taoístas são chamados de *Nei Chia* (internos) e os budistas são denominados de *Wai Chia* (externos).

Os estilos internos são caracterizados pelos movimentos lentos centrados na respiração profunda e suprema interiorização energética, tendo como essência o total controle da energia *Chi*. O mais conhecido destes estilos entre nós é o *Tai Chi Chuan*. Enquanto que os estilos externos são caracterizados pelos movimentos rápidos e com finalidades belicistas, em que o combate corpo a corpo é bem visível, entre outros citamos o *Wing Chun*, estilo praticado por Bruce Lee.

A essência da filosofia do *Tao*, que a grosso modo podemos traduzir como “O Caminho”, é voltada para o lado espiritual, assim temos “O Caminho da Essência Espiritual”. O *Tao* teve origem nos pensamentos do filósofo Fu Hi, que não tinha nenhuma relação com religiosidade, apesar de ser conhecido como taoísta, dentro de uma linhagem filosófica, a exemplo do existencialismo daqui do ocidente, que ficou bastante conhecido por meio das obras do escritor e filósofo Sartre, que jamais pregou uma religião, mas sim uma concepção filosófica. Os seguidores do *Tao* tiveram seu afloramento na dinastia *Chou*. Revoltadas com as

inúmeras guerras existentes na China, naquele período, muitas pessoas iam para as florestas chinesas para conseguir energia e tentar entrar em contato com o *Chi* universal, tentando encontrar assim a felicidade. A maioria das pessoas que agiam assim queria se afastar dos bens materiais, inclusive o dinheiro, além disso também se afastava da família, passando a viver sozinha.

Muito tempo depois o filósofo chinês Lao Tse ampliou os ensinamentos do *Tao*, condicionando-o para se tornar uma nova religião. Além da fase religiosa do taoísmo para fazer frente ao budismo na China, esta religiosidade teve mais duas fases, a Filosófica (*Tao Kia*) e a Mágica-Alquimista (*Tao Kiao*).

Durante a fase mágica-alquimista houve muita pobreza dentro do taoísmo. Esta foi a fase maior desta religião. Seus fundamentos eram que existia uma imortalidade e que o homem deveria encontrar uma erva a qual seria o mecanismo para preservar a vida sem a existência da morte. Procurava-se nesta fase os gênios da imortalidade, denominados de *Hsien*.

Na fase filosófica do taoísmo a grande essência foi o livro do filósofo Lao Tse (604-517 a.C.) cujo título é *Tao Te King*, ou traduzindo a grosso modo “O Livro do Caminho Perfeito”. De acordo com os sinólogos (estudiosos da cultura chinesa), este filósofo chinês havia deixado estes escritos na mão de um guarda após deixar a China e desaparecer para sempre. Neste livro existe uma filosofia muito profunda a exemplo de todos os livros denominados de sagrados, das grandes religiões, como a Bíblia e o *Bhagavad Gita*, e sua profundidade metafísica o faz vivo e fortemente presente até mesmo nos dias atuais. Os conteúdos dos seus escritos são universais e atemporais.

O taoísmo e o *Tao Te King* serviram de inspiração para o surgimento de todas as técnicas terapêuticas chinesas. O maior incentivo que é dado nesta obra é para as pessoas fazerem o bem e com isso possibilitarem uma maior evolução espiritual, equilibrando assim o *Chi* e tendo como resultado a harmonia holística. O desejo de eliminar a morte física fez com que, no Templo do Imperador Huang Ti, surgisse em 120 a.C. a acupuntura, que deu origem ao livro *Huan Nan Tsu*, obra que cita os métodos mais modernos para fugir da morte (adequado àquela época), baseando-se em exercícios físicos fundamentados nos animais e na energia *Chi*.

O Kung Fu

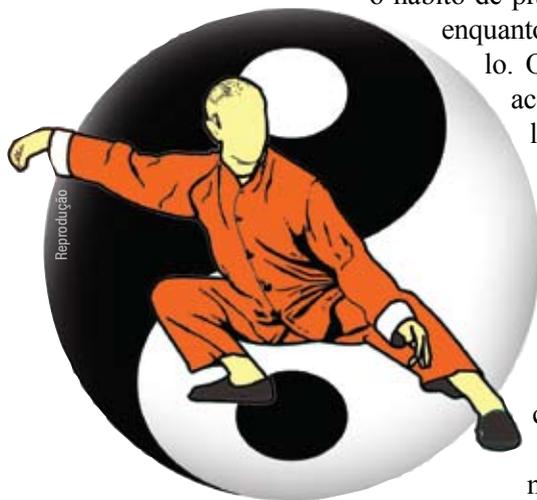
No capítulo anterior comentamos sobre o médico e filósofo Hua To, criador dos exercícios para uma boa saúde baseados nos cinco animais, que são o veado, o macaco, a águia, o urso e o tigre. A maioria dos estilos de *Kung Fu* ainda levam os nomes dos animais que geraram sua imitação marcial. Entre outros citamos *Tong Long* (Louva Deus), *Fu Jow Pay* (Tigre) e *Fan Tzi* (Águia).

Hua To nasceu no distrito de Po, na Província de Anewei, e viveu entre os anos 141 e 203 a.C. Isto são hipóteses, pois não se sabe exatamente o tempo do seu nascimento e da sua morte, porque em se tratando de história na China antiga a maioria dos fatos são originados da história oral e muitos fatos são omitidos. Mas dentro de uma análise histórica hipotética, feita por sinólogos modernos somos levados a crer que estas datas são bastante aproximadas

O médico Hua To criou o estilo *Wu Chi Si*, tendo suas fundamentações em uma série de movimentos somáticos baseados no controle respiratório. Este estilo, além de ser um ótimo método de defesa pessoal, objetivava dar tratamentos terapêuticos a quem os praticava. A essência desta arte era o uso correto da respiração para o bom equilíbrio do *chi* em todo o corpo humano, gerando assim uma homeóstase no indivíduo, que o afastaria das doenças. O interessante era que este médico tinha

o hábito de praticar diariamente o seu estilo, enquanto incentivava os outros a imitá-lo. Os movimentos eram suaves e acompanhados de uma respiração leve e centrada na energização de todas as partes do corpo humano. Seus movimentos eram semelhantes aos *kata* do *Karate* moderno.

Este médico chinês foi possuidor de uma sabedoria incomparável. Fazia operações com anestésicos fabricados por ele mesmo. Infelizmente sua morte foi trágica e prematura



devido à ignorância (como se sabe) reinante na época. Um soberano chinês de nome Chou Chou chamou este médico até seu reinado para o examinar, pois sentia fortes dores de cabeça, e ninguém conseguia diagnosticar e, conseqüentemente, o tratar. Hua To fez um rápido exame e percebeu que este soberano tinha um tumor e que precisava ter seu cérebro aberto para uma cirurgia, pois só assim o mal seria eliminado. O soberano achou que este médico queria matá-lo e mandou que o executassem. Pouco tempo depois o soberano Chou Chou veio a morrer devido ao seu tumor no cérebro.

Outra grande obra escrita na China, voltada para os métodos terapêuticos e profiláticos chineses é o *Nuy-Pi-Em*, que traduzido a grosso modo quer dizer “Textos Integrais”. Este livro foi escrito pelo sábio Go Ko Hung (mais ou menos 254 a 335 a.C.).

Destes diversos métodos marciais internos chineses, o mais popular no Ocidente ainda é o *Tai Chi Chuan*, que se caracteriza por ser a primeira arte marcial praticada por Bruce Lee, com a orientação do seu pai. O *Tai Chi Chuan* não é popular somente no Ocidente, pois na China, diariamente, milhares de pessoas o praticam. Sua origem, segundo a lenda, foi graças ao monge *Chang San Feng* ou *Chang San Fong*, que viveu na dinastia *Sung* no mosteiro de *Shaolin*. Um dia, meditando sobre a eliminação da violência humana, foi bruscamente interrompido por uma luta entre uma cobra e um grou. Observou os movimentos circulares da cobra em combate com o grou, percebendo então o valor das esquivas e dos movimentos circulares que eliminam o poder do adversário, criando assim o *Tai Chi Chuan*.

Algumas lendas também dão conta de que este mesmo monge recebeu os ensinamentos do *Tai Chi Chuan* por meio de um sonho, em que os personagens centrais eram os “Homens dos Dragões de Fogo”. Com este sonho o Mestre Chang recebeu os princípios da energização no *Tai Chi Chuan* e suas movimentações circulares.

O que de fato é real no *Tai Chi Chuan* é que este método marcial chinês é de suma importância para o equilíbrio energético do indivíduo, bem como proporciona aos seus praticantes um bom desempenho respiratório. Esta arte marcial interna vem a cada dia mais ganhando adeptos em todo o nosso cotidiano e seu adentramento é percebido cada mais nos diversos meios sociais, das universidades às praças públicas vemos diariamente diversas pessoas praticando *Tai Chi Chuan*. Isto é muito bom, pois mostra o quanto temos da cultura chinesa em nossa sociedade.

O Templo de *Shaolin*

Um Templo Budista na montanha de *Soong Shan*, na província de *Honan*, que teve sua fundação nos primórdios da Era Cristã e por ter participado, direta ou indiretamente, das histórias envolvendo artes marciais, políticas e religiosidade na China, tornou-se famoso e admirado mundialmente.

Quem trouxe para o Ocidente o Templo de *Shaolin* foi o seriado de TV intitulado *Kung Fu*, cujo ator principal era David Carradine, levando aos lares ocidentais uma nova visão da marcialidade e religiosidade de um país milenar: a China.

Templo de *Shaolin* significa o Templo da Jovem Floresta ou Monastério do Pequeno Bosque. Tudo que se refere à marcialidade chinesa dentro dos aspectos espirituais tem uma ampla relação com este templo, sendo impossível se falar de artes marciais chinesas sem tocar no nome de *Shaolin*. Os mais de trezentos estilos de *Kung Fu* existentes na China em sua maioria tiveram ligações com este templo.

O treinamento em *Shaolin* era bastante rigoroso e sistemático. O termo usado para as artes de lutas neste templo era *Shaolin Chua*, que ao traduzirmos temos Artes dos Punhos da Jovem Floresta. Este estilo inicial em *Shaolin* gerou muitas outras escolas marciais. O termo Jovem Floresta, se deu graças ao fato de os monges neste templo plantarem um bosque com várias árvores frutíferas e algumas plantas.

O primeiro templo *Shaolin* foi construído por volta de 450 d.C., em face de que neste período histórico da China, várias pessoas se converteram à religião de Buda, que tinha pouco tempo que chegara da Índia, país onde se originara. Estes excessos de conversões ao budismo não eram em sua maioria pelo povo ter fé ou mesmo procurar paz e harmonia espiritual, o que realmente os chineses queriam era se ver livres das perseguições e sofrimentos impostos pelos imperadores, pois segundo as leis, daquela época, da China, todos estavam ligados aos desejos do Imperador, podendo este fazer o que quisesse com o seu povo. Porém, ao se converter ao budismo, os chineses deixavam de ser parte do Império Chinês e passavam a ser integrantes da espiritualidade, desvinculando-se imediatamente do Imperador, devendo daí então respeito somente às leis de Buda e à espiritualidade. Como o povo estava sofrido e amargurado, a única solução era a conversão em massa a religiosidade budista, livrando-se então das barbaridades cometidas pelos soberanos, que eram verdadeiros tiranos.

Dentro desta visão a ordem monástica de *Shaolin* rapidamente possibilitava o refúgio espiritual. Com o desenvolvimento da ordem, outros templos *Shaolin* foram surgindo, entre outros o de *Honan* da província de *Fukien*, que teve sua fundação feita por um monge chamado Tashin Sheng.

Segundo os historiadores chineses, houve cinco templos *Shaolin*. Porém, quando se estuda história da China, tem-se uma variedade de teorias e conceitos variantes de autor para autor. Tal fato se dá pelos múltiplos e variados escritos chineses que afirmam cada um, uma coisa diferente, e o pior é que o idioma chinês é interpretado de várias maneiras pelos entendidos. Daí as localizações destes templos divergirem de autor para autor. Uns dizem que estes cinco templos se localizavam nos seguintes lugares: *Honan*, *Funkien*, *Wotang*, *Oweis-han* e *Kwantung*. Outros afirmam que as localizações corretas são: *Honan*, *Fukien*, *Ngor Mee*, *Wu Tang* e *Kwang Tung*. Graças a Deus, ou melhor, ao “Bom Buda”, que estes pesquisadores concordam pelo menos em que *Honan* e *Fukien* fazem parte da localização exata dos templos *Shaolin*.

Conforme podemos observar nesta caminhada histórica, nos momentos iniciais do budismo e dos templos *Shaolin* na China, estes somente objetivavam a espiritualidade. Alguns historiadores afirmam que nos mesmos, precariamente, já existiam princípios de marcialidade entre estes monges budistas. Mas sinceramente, acho um pouco difícil. Porém fica-nos quase impossível precisar tal fato, devido à falta de dados históricos com exatidão em relação a isto. O que se sabe de concreto é que as artes marciais surgem de fato, no templo de *Shaolin*, por volta de 520 d.C., graças ao pioneiro de Bodhidharma, que foi o 28º patriarca do budismo, sendo este também conhecido pelos nomes de Ta Mo, em chinês, e Daruma Taishi, em japonês.

Bodhidharma era filho do rei Sughanda; este pertencia à casta dos guerreiros (Kshastriya). Por isso, apesar de ter convertido ao budismo muito cedo, o Príncipe Bodhidharma mantinha aliado aos seus estudos religiosos um esquema muito severo de treinamento marcial, tendo este princípio sido doutrinado nas artes de lutas pelo famoso mestre marcial indiano Prajntara, que pouco a pouco foi se afeiçoando a Bodhidharma e lhe passou todos os princípios da marcialidade dentro de uma visão interna e externa, transformando-o em um guerreiro muito poderoso. Possuidor de uma consciência espiritual bastante apurada, graças aos ensinamentos budistas que o espiritualizaram.

Bodhidharma, ainda na Índia, em seus estudos vivenciais, começou a perceber que a meditação era a base para evolução espiritual e que de nada adiantaria a técnica marcial sem a espiritualidade. Porém, se aliadas, a marcialidade e a espiritualidade seriam uma “porta aberta” para outros níveis de evolução humana. A parte física vai se desgastando ao avanço da idade no homem, mas se esta for aliada aos princípios da espiritualidade com raízes na meditação, poderão condicionar o homem ao pleno equilíbrio consigo mesmo e com o universo que o cerca. Desde então Bodhidharma pôde perceber que nada poderia ser feito individualmente e sim conjuntamente. Observando o processo humano através da plena harmonia cósmica. Cada ser vivo é um pedaço do universo e ao ser “morto” ou “ameaçado”, representará uma agressão para todos. Um inseto ao ser eliminado condicionará para que o universo seja atingido.

Portanto, jamais ataquemos ou ofendemos algum ser vivo, porque isto representa uma agressão ao cosmo e conseqüentemente a nós mesmos. Uma vida tirana representa um ataque a nós mesmos, possibilitando-nos uma vitória que vai além dos níveis psicossomáticos.

As lutas passam a ser uma maneira para dominar o interior do homem, levando-o a ter o pleno controle das suas fobias. A defesa pessoal contida na marcialidade passa a servir para a auto-defesa física, como último recurso, ou ainda para defender os mais fracos das opressões dos mais fortes. Algo que o budismo defendia era a igualdade dos direitos humanos, seguindo a qual o forte jamais deveria agredir o fraco, aproveitando-se da sua superioridade física.

Bodhidharma nesta época tinha uma missão que era difundir o budismo original no máximo de locais possíveis, pois, em vários países próximo à Índia, o budismo se desenvolvia, mas de uma maneira errada. Baseava-se na salvação pela fé e na especulação metafísica. Um dos países onde existia um forte desvio do budismo verdadeiro era a China. Bodhidharma, com isso, foi até a China para pregar a realidade budista como deveria ser. Indo andando até o território chinês, o patriarca budista se dirigiu até a corte do Imperador Liang Wu Ti, que era um grande tirano para o seu povo.

Ao chegar ao domínio do imperador Liang, o Patriarca Bodhidharma entrou em choque com este soberano pelo simples fato deste, além de tirano, seguir uma linha falaciosa do budismo, em que as bases de salvacionista eram cercadas por rituais. O certo, segundo Bodhidharma, era exatamente o contrário da essência budista que usava a meditação

para se ter a interiorização e o auto-conhecimento. Aos poucos, Bodhidharma se desentendeu com este soberano, por motivos óbvios, é claro! O patriarca budista se refugiou durante longos anos no mosteiro de *Shaolin*, o primeiro que localiza-se ao norte da montanha de *Soonh Chan*, evitando assim que o imperador o matasse.

Ao ter acesso a este templo, o patriarca Bodhidharma ficou em meditação durante nove anos, chegando a uma total harmonia com o seu interior como um indivíduo senhor do auto-conhecimento, segundo o qual a supremacia para se chegar à verdadeira iluminação está no saber meditar. Existem diversas lendas sobre a figura deste patriarca, principalmente porque os chineses da antiguidade, e assim são todos os povos mundiais, centravam seus valores em concepções místicas e oriundas em lendas. Deste momento em diante, o patriarca resolveu hiper-valorizar a meditação e criou alguns novos conceitos para os pensamentos budistas, denominando-os de *Dhyanna*, que em sânscrito significa Meditação. Porém, para os chineses ficou conhecido pelo nome de *Chan*, tendo posteriormente ido para o Japão com a denominação *Zen* e para a Coréia como *Sun*. Essa técnica meditativa passou pouco a pouco a fazer com que várias pessoas fossem até o templo de Shaolin e lá aprendessem os métodos *Chan*, passando avante estas novas concepções da meditação.

O *Chan*, que em japonês, como já relatamos, é chamado de *Zen*, evoluiu juntamente com as demais artes do Oriente. No Japão o *Zen* teve uma grande participação social e filosófica, evoluindo à medida que a cultura nipônica assim também o foi. Muito da cultura japonesa tem enraizamento no *Zen*. Entre outras citamos a cerimônia do chá, *ikebana*, *bonsai*, muitas artes marciais etc. Além destas manifestações, toda a marcialidade tem relação, direta ou indireta, com o *Zen*, inclusive a criação do *Bushido*. Também o código de honra dos *samurai* tem ampla relação com esta arte metafísica tradicional, eraizando-se de forma semelhante, como foi na China e no Japão, com as artes marciais coreanas, tais como o *Taekwondo*, *Hapkido* etc.

Os treinamentos do templo de *Shaolin* eram de uma severidade enorme, transformando o monge em uma verdadeira arma, levando-o a ter pleno conhecimento da marcialidade e mantendo o completo domínio da mente sobre o corpo. Neste templo os monges meditavam diariamente das quatro da manhã às vinte e duas horas. Faziam somente breves interrupções para comer, beber, defecar e urinar, e poder fazer

algumas atividades comuns a todos dentro do templo. Isto era por poucas horas, voltando-se imediatamente para a prática meditativa. Haviam casos de monges que desmaiavam e até mesmo morriam durante a meditação pelo tamanho da severidade exigida. Percebendo que os monges precisavam de uma atividade física para complementar a ociosidade resultante das longas meditações, o patriarca Bodhidharma começou a ensinar movimentos de luta a eles, objetivando dar-lhes maior desenvolvimento somático.

As artes marciais inicialmente eram ensinadas pelo patriarca no templo de *Shaolin* para alguns poucos escolhidos e tinham muitas vantagens, entre estas a de servir como meio de defesa pessoal para o uso contra bandidos nas longas e solitárias caminhadas que os monges tinham de fazer por toda China, pregando as doutrinas religiosas. O patriarca procurava mostrar que tanto a marcialidade como a meditação tinham essenciais méritos para a evolução do ser humano.

Alguns pesquisadores afirmam que a arte marcial que os monges budistas inicialmente treinavam eram o *Vajramushiti* (*Vajra*-real, *Mushiti*-soco). Esta era uma arte marcial indiana, que hoje, pelo menos na Índia, é extinta. As afirmações do treino do *Vajramushiti* pelos monges budistas são feitas por estudiosos de renome, entre eles o escritor e mestre marcial Marco Natali, que escreveu o livro *Vajramushiti*, editado pela Editora Edições de Ouro (Tecnoprint). Devido à dificuldade da pronúncia do sânscrito, que é uma língua morta indiana, os chineses fizeram mudanças nos diversos nomes relacionados ao budismo, colocando termos chineses. Por isso, segundo alguns pesquisadores de renome, o termo *Vajramushiti* passou a ser denominado em chinês dentro do templo de *Shaolin* com o nome de *Lo Han* e posteriormente *Nalo Jan*, *Arohan* e *I Jinsin*.

Durante a dinastia *Ming*, muitas coisas novas aconteceram na China. Uma delas foi que o monge Kwouk YueN andou por toda a China e depois de pesquisar todos os estilos de *Kung Fu* existentes na época, levou-os para dentro do templo *Shaolin*, adaptando-os às marcialidades lá treinadas e conhecidas, havendo dentro do templo um aprimoramento técnico destas marcialidades vindas de fora e aperfeiçoadas cada vez mais dentro das perícias marciais. Daí surgiram cinco estilos em *Shaolin* assim denominados: tigre, grou, leopardo, serpente e dragão. Também nesta dinastia *Ming* os *Manchu* invadiram a China, obrigando muitos oficiais chineses a fugirem, e para não serem mortos se refugia-

rem no templo de *Shaolin*, dado ao fato deste ter uma localização privilegiada e de ser impenetrável. Devido às suas dimensões, o território do templo *Shaolin* era considerado neutro politicamente, ou seja, não tinha nenhuma ligação política e com isso os *Manchu* não poderiam invadir, pois afinal das contas as terras do templo *Shaolin* eram divinas e tinham cunho espiritual.

Os oficiais chineses e os monges budistas dos templos de *Shaolin* passaram a ensinar secretamente ao povo uma arte marcial denominada *Kung Fu Shaolin*, possibilitando a defesa deste povo das atrocidades dos *Manchu*. O respeito pelo estilo *Kung Fu Shaolin* tomou dimensão tamanha que passaram a ser apresentados nas demonstrações públicas desde templo de *Shaolin*, nas comemorações do ano novo, sempre aliados à dança do Leão.

O monge Kwok Yuen foi outro famoso influenciador da marcialidade chinesa no templo *Shaolin*. Este monge nasceu na província de *Yen Chou* e teve um aprendizado dos princípios marciais *Shaolin* com o mestre Hung Yun. Passando os movimentos marciais *Shaolin* a ter setenta e duas séries de técnicas marciais. Porém, insatisfeito com o que aprendera, o monge Kowk passou a pesquisar por toda a China os diversos estilos marciais objetivando um aprofundamento belicista e de eficiência na defesa pessoal. Obtendo, de cada mestre que encontrava durante sua peregrinação pelo território chinês, alguns fundamentos da marcialidade, acoplando-os aos já conhecidos. Durante sua longa caminhada, o monge Kowk se tornou muito amigo de um mestre chamado Li Cheng, habitante da cidade de *Lanchow*. Após o aprendizado com este mestre, o monge Kowk aumentou seus movimentos marciais originais de setenta e duas para cento e setenta e duas formas que em chinês são denominadas de *Tchia Dsu*, divididas em cinco grupos diferenciados, estas formas posteriormente foram denominadas em japonês de *kata* e em coreano de *kihon*, existindo uma caracterização destas formas (*Tchia Dsu*) para cada grupo que tinha o nome de um certo animal.

Assim, as formas do dragão eram usadas para manter o pleno estado de alerta e a evolução espiritual. Os movimentos eram feitos sem muito uso da força, preocupando-se com a respiração correta, com movimentos longos, fluentes e continuados, pondo sempre a direção respiratória para baixo do abdômen. Existe uma centralização da energia *Chi* em todos os setores do corpo humano e da mente, buscando sempre a harmonia com o cosmo. Já as formas relacionadas ao tigre eram voltadas

para desenvolver e ter o fortalecimento dos ossos, músculos e tendões, buscando movimentações curtas e bruscas e baseando no pleno fortalecimento do corpo humano. Isso visa dar ao praticante certas evoluções somáticas que o fariam detentor de um físico bem preparado para o combate nas guerras.

Quem praticava as formas relacionadas ao leopardo objetivava o pleno controle da força, usando para tanto movimentos rápidos com bastante inteligência e precisão. Porém quem fazia o estilo serpente tinha um melhor desenvolvimento da energia vital (*Chi*), preferindo nos combates o uso de golpes feitos com as pontas dos dedos, cultivando uma respiração mais pausada com lentidão; buscando profundidade e consciência cósmica. Por fim, quem preferia os movimentos do grou, tinha como finalidade o encontro do autocontrole e domínio interior.

Os *manchu* pouco a pouco começaram a perceber que as penetrações dos oficiais chineses nos templos de *Shaolin* eram uma forma política e não religiosa de se ver livre das batalhas com eles. Daí deixaram o respeito religioso de lado e tentaram de várias formas invadir o templo de *Shaolin*, sendo que sempre se davam mal, pois o esquema de entrada no templo era quase impossível. Primeiro por existirem paredes muito fortes e altas, e segundo por se ter um esquema de segurança, feito pelos próprios monges, de alto nível, afinal os monges eram peritos em artes marciais. Um outro detalhe importante era que os monges eram muito sábios e tinham uma auto-produção nos templos que os permitia ter alimentos durante muitos anos, visto que existiam enormes plantações de alimentos dentro dos templos, permitindo-os o luxo de não precisarem sair dos templos durante muitos anos.

Os governantes *manchu*, sabedores da impossibilidade de penetração no templo *Shaolin*, resolveram subornar um monge para poder através deste conseguir a entrada dos guerreiros *manchu* no templo *Shaolin*. Este monge traidor, que se chamava Ma Ning Yee, recebeu como pagamento uma grande quantia em dinheiro e um cargo político de relevância no governo *manchu*. Esta traição foi tramada com o apoio de três generais Manchus que foram: Chan Man Yu, Cheung Ching Chow e Wong Chun May.

O monge traidor colocou veneno nas águas do templo e o incendiou (1733 d.C.). Enquanto o templo pegava fogo, o mesmo monge traidor abriu as portas para os guerreiros *manchu* que em pouco tempo dominaram o templo e mataram a maioria dos monges existentes lá

dentro. Somente cinco mestres e quinze discípulos conseguiram fugir da destruição do templo. Alguns poucos mestres conseguiram fugir e sobreviver ao massacre de momento. Em relação aos discípulos, somente seis tiveram destaque na história social chinesa: Hung Hee Kung e Luk Ah Choy, criadores de estilo *Hung Kuen*, posteriormente tornando-se famosos com o nome de *Hung Gar*; Fong Sai Yuk, responsável pela criação do estilo baseado nos movimentos dos cinco animais do estilo *Shaolin*; *Tse Ah Fook Weng Chun* e *Tsung Chin Kum*, que se tornaram lendas vivas do folclore chinês, graças às suas perícias em combates corporais.

Muitos relatos históricos sobre o templo de *Shaolin* e os de seus monges ficaram perdidos no templo devido à falta de escritos daquela época. Mas, muita coisa se sabe por meio da história oral e por alguns poucos escritos que existem sobre a história da China naqueles períodos. A marcialidade chinesa deve muito a esses templos e respectivos monges budistas. “O Livro Da Transformação Muscular”, que em chinês é *I Chin Ching*, que teve somente um volume, dos dois escritos, que sobreviveu ao tempo, nos relata a série de exercícios dos monges de *Shaolin*. Sendo estes denominados em chinês de *Shih Pa Lo Han Sho*, que literalmente traduzido significa: As Doze Mãos de Lo Han.

A essência da filosofia chinesa do passado teve raízes no templo de *Shaolin*. Para se tornar discípulo no templo de *Shaolin*, inicialmente era necessário se ter uma relação rigorosa desde os primeiros momentos. As crianças, para serem admitidas no templo, deviam ser levadas por seus pais até a porta do mesmo, nos primeiros dias da primavera, período de chuva. Deveriam ficar na porta do templo esperando que o mesmo fosse aberto pelos monges para assim poderem entrar. A idade destas crianças variava entre sete e 12 anos; sendo que os monges de *Shaolin* levavam dias para abrirem os portões do templo, obrigando-as a ficarem na chuva e ao desejo dos ventos e friamentos durante um bom tempo. Desde aquele momento inicial, as crianças já eram selecionadas, pois as que ficavam, eram poucas, e deveriam ser aceitas para o templo de *Shaolin*. As demais, nunca. Estas outras, por fugirem das primeiras dificuldades, jamais agüentariam os rigorosos treinamentos do templo de *Shaolin*; as crianças selecionadas, e que tinham permissão para entrar no templo, passavam por várias outras etapas eliminatórias. Após a entrada as crianças eram levadas até um pátio interno e seguiram até uma grande mesa onde se encontrava um velho monge budista. Ao terem permissão para sentar à mesa, estas crianças eram rigorosamente anali-

sadas em suas maneiras educacionais de comportamento, a elas não era permitido pedir comida. As que assim agiam, recebiam os alimentos e, após comer, eram dispensadas, pois consistia falta de educação solicitar alimento. As boas maneiras determinavam que se deveria esperar o desejo dos monges em as servir.

Depois de algum tempo era dado às crianças que não tinham sido dispensadas (neste período existiam poucas crianças) uma tigela sem o fundo e uma grande bolacha seca, que era do tamanho do fundo da tigela, e depois era servido o chá. Para se agir corretamente, era necessário que a tigela tivesse o fundo forrado com a bolacha seca e achatada para daí beber o chá. As crianças que faziam isso corretamente eram aceitas e as demais, dispensadas, porque não tinham, segundo os conceitos do templo, condições intelectuais para ter o aprendizado no templo. Tinha outro detalhe importante ainda nestes momentos iniciais da seleção dos futuros monges. As crianças que inteligentemente pegassem as bolachas e as colocassem para tomar o chá deviam esperar para que o monge idoso que estava à mesa bebesse o seu chá e as autorizasse a beber também. Isto porque o respeito aos mais velhos era uma obrigatoriedade para quem pretendia ser um monge *Shaolin*.

O teste não tinha acabado ainda. Após esta etapa, vinha a fase do teste de paciência e humildade, que era feito de seguinte maneira: dava-se uma vassoura para a criança e deixava-a alguns dias, ou até meses, varrendo os mesmos lugares, sempre devendo cumprir as ordens sem questionar. Não era somente varrer que as crianças tinham que fazer. Elas eram colocadas para fazer tarefas de limpeza geral, desde a cozinha aos sanitários. Havendo ainda contar antes humilhações com estes, obrigando-os a estarem sempre com humildade e senhores da sua paciência. Independente destas múltiplas tarefas, as crianças tinham que estudar as doutrinas religiosas budistas ensinadas no templo e seguir os diversos rituais lá existentes. O comum era dormir pouco e trabalhar muito. O tempo e espaço (que segundo o budismo não passam de pura *maya*, ou seja, ilusão) deveriam ser esquecidos. Daí, quanto mais tempos houvesse de dedicação aos estudos budistas, melhor seriam, pois os anos são ilusões e nada mais. Portanto, os candidatos a monges (neofitos) deveriam não ter ligação com o tempo, esquecendo se era dia ou se era noite, se estas, no templo, faziam o tempo; esquecendo um dia ou um ano. Pouco importava. O tempo e o espaço não existiam. O existente era somente as séries de dedicações à religiosidade budista e o

preparatório para o auto-conhecimento através da meditação. Com todas estas humilhações e mais algumas “coisinhas”, as crianças, apesar de morarem no templo, ainda não eram consideradas estudiosas budistas.

Para realmente serem aceitas como reais discípulos de *Shaolin*, tinham como última etapa o início do treinamento do *Kung Fu*. Aí teriam que ter muita perseverância, pois inicialmente elas eram meros sacos de pancadas dos monges mais velhos, tomando uma série de surras diárias. Porém, se conseguissem sair pelo menos vivas desta fase, era então aceitas como disipulas; passavam a mudar as cores das vestimentas e ter um tratamento melhor, como dormir nos dormitórios e ter mais mordomias. As tarefas humilhantes então eram deixadas para os futuros candidatos, tendo desde então um estudo mais profundo sobre as doutrinas budistas e conseqüentemente o aumento do número de meditações diárias.

As demais etapas posteriores até a obtenção das vestes amarelas não eram fáceis, pois existiam uma multiplicidade de testes marciais e artísticos, que passavam pelos conhecimentos da caligrafia à poesia, bem como os testes de conhecimentos da doutrina religiosa budista e das terapias orientais (massagem, moxaterapia, acupuntura etc). Independentes disto, os monges tinham que saber cozinhar, plantar e colher, falar, escrever e ler em vários idiomas, inclusive o sânscrito (língua inicial do Budismo). O monge tinha que possuir um ecletismo intelectual bem amplo, que incluía desde política a educação religiosa. Para que ao manter contato com o povo em geral, pudesse agir não somente como líder espiritual, mas como conselheiro para os diversos problemas sociais existentes em cada local. Poderíamos afirmar que o verdadeiro monge *Shaolin* deveria “pensar como sábio e agir como um homem simples”, pois, apesar de todos estes conhecimentos, a conservação da humildade e boas maneiras ao lidar com as pessoas de níveis inferiores eram de suma importância.

O templo de *Shaolin* não era somente uma escola marcial, era uma escola para vida espiritual, onde a marcialidade era “carro-chefe” da condução para níveis mais elevados da consciência humana. A beligerância e a corpolatria eram mal-vistas pelos monges de *Shaolin*. Para eles, o fundamental era a evolução do espírito que passava por uma enormidade de detalhes, que somente com os anos é que brotariam de dentro de cada um, levando os seres humanos a perceberem que não era preciso se ter somente o domínio físico, pois isto era somente um pedaço para se atingir determinados conhecimentos essenciais para ex-

istência humana. Uma condição primordial para ser um monge *Shaolin* era o conhecimento da ciência terapêutica tradicional, na qual a acupuntura, a *tui-nah* (massagem chinesa) e os usos das ervas medicinais eram usadas para a profilaxia e o tratamento integral. Os monges, em suas andanças pela China junto ao povo, tinham que ter condições de em qualquer lugar arrumar ervas para poder tratar os necessitados, bem como, se fosse necessário, recorrerem às técnicas marciais para a defesa do povo em geral. Muitos historiadores nos relatam que os monges usavam muito as massagem como terapia, evitando sempre o uso da acupuntura, pelo fato desta técnica requerer o uso de agulhas, que eram muito caras na época. Por ter votos de pobreza e por lidar com muitas pessoas pobres, os monges faziam massagens nos mesmos pontos da acupuntura, gerando assim energização e harmonia do homem com o universo, proporcionando-lhe saúde psicobioenergética.

Dentro do templo de *Shaolin* as exigências marciais eram tão fortes como as de espiritualidade. As etapas para se chegar ao reconhecimento marcial como monge de *Shaolin* dentro do templo, e passar a ser um verdadeiro conhecedor dos princípios que regem as lutas, eram muito severas. Após longos anos de treinamentos marciais, o monge deveria lutar e vencer os cinco lutadores dos estilos de *Shaolin*. Derrotando-os, o aspirante poderia solicitar a prova do “Corredor da Morte”, que consistia em passar por um local onde existia cento e oito bonecos de madeira que eram devidamente preparados e objetivavam derrotar qualquer ser humano que por ali tentasse passar. O esquema se resumia da seguinte maneira: a cada boneco que era derrotado, imediatamente outros surgiam, obrigando o lutador a ter uma perícia marcial muito apurada, além de possuir um domínio interior maior ainda, pois teria que ter muita concentração e percepção a cada novo passo que dava. Após passar pelo Corredor da Morte, o monge deveria abrir a porta de saída deste corredor. Porém, somente existia um meio de fazer: era erguendo uma pesada urna. Ao fazer isso, imediatamente a porta abriria, obrigando o monge a carregar esta urna com os antebraços e com isso deixar as marcas dos animais representativos dos estilos dos *Shaolin*. Esta urna era quentíssima e, portanto, como o monge tinha que carregá-la com os antebraços, acabava obrigando-o a ter as marcas dos animais que iriam lhe caracterizar pelo resto da vida. Se pararmos para analisar friamente, era impossível apenas com desenvolvimento físico e técnico marcial se passar por essas etapas finais do templo de *Shaolin*, pois os monges

precisavam ter toda uma preparação que ia além do que poderíamos tentar explicar pela nossa “mediocre” filosofia ou ciência.

A cultura ocidental nos ensina que o significado da palavra filosofia é: “amigo da sabedoria”. Mas esta sabedoria, à qual nos referimos no ocidente, se resume a somente raciocinar e, as referências de vivenciar por meio físico, mentais e espirituais durante a história Ocidental são paupérrimas.

O que denomina filosofia no Ocidental, surgiu na Grécia antiga. Porém, na idade média, tudo foi “trevas”, pois o homem viveu o Teocentrismo, cuja representação maior do pensar se resumia em “pedir licença a Deus”, ou melhor, aos seus “representantes” na terra, que eram o clero cristão católico, senhor de um poder social muito grande que o tornava forte política e economicamente. Já na Idade Moderna, o homem separa a fé da razão, centrando o seu pensamento nele mesmo. Surgiu o antropocentrismo, que gerou o nascimento do Cartesiano, cuja máxima “Penso, logo existo!”, era a base da racionalização naquele período, possibilitando ainda nesta fase da história a ciência se separar da filosofia. Neste momento, o conhecimento científico toma o seu caminho com métodos e objetos de estudos definidos. Porém, na idade Contemporânea, surgida a partir da revolução francesa em 1789, nós, homens, nos encontramos no teocentrismo, ou seja, as máquinas definindo o pensar humano.

Nesta breve caminhada histórica Ocidental, relatada, podemos observar o quanto a religiosidade cristã nos influenciou e nos marcou, bem como na China e em boa parte do Oriente o Budismo assim o fez. Mas, as práticas e filosofias budistas dos *Shaolin* se fundamentavam nas atividades físicas, não desprezando a parte mental e espiritual, enquanto nossos conceitos cristãos sempre foram voltados para a mente e o espírito somente. A parte somática sempre ficou em segundo plano e muitas das vezes em plano nenhum, tal como a nossa filosofia que tem uma essência e fundamentação mental. Logicamente, estes princípios filosóficos nos levam a perceber determinados valores marciais de outra maneira, permitindo-nos separar o marcial do filosófico, pois a marcialidade somente representa a parte bélica e esportiva, devendo quem praticar artes marciais se preocupar muito mais com a técnica do que com as fundamentações filosóficas.

Estes são os conceitos errôneos que, infelizmente, nós ocidentais temos. E o pior é que pela influência americana, também estão se tornando

pensadores desta maneira os orientais modernos. São supervalorizados o esporte e as lutas exteriorizadoras, baseadas simplesmente nas técnicas somáticas. Isto é muito medíocre, pois a verdadeira técnica vem de dentro de cada um de nós. Surgindo, é claro, por etapas da evolução humana que passa pelo treinamento e condicionamento físico. Mas isto não é tudo, é somente o começo de algo que se for bem trabalhado possibilitará uma evolução do homem em semelhança com os monges *Shaolin*, que conseguiram acoplar mente, corpo e espírito no avanço marcial, pondo-nos como “senhores” de elementos sutis inexplicáveis pelos nossos paupérrimos conceitos cartesianos e positivistas.

Depois da destruição do Templo de *Shaolin*

Vimos anteriormente que após a destruição do templo de *Shaolin*, somente cinco mestres e quinze discípulos conseguiram sobreviver e conseqüentemente fugiram pela china adentro. Estes, ao se espalharem por toda a China, se fortaleceram, criando grupos secretos, cujo objetivo era inicialmente catequisar o povo em geral para derrotar os *manchu*, expulsando-os do território chinês. Para tanto eram feitos diversos treinamentos de *Kung Fu* e princípios de meditação e filosofia *Shaolin* por pessoas escolhidas no meio do povo. Estas eram treinadas secretamente na arte do *Kung Fu* pelos fugitivos do templo de *Shaolin* e pelos seus discípulos imediatos.

Muitos grupos e associações ocultas de *Kung Fu* surgiram neste período na China. Eram entidades com características políticas que faziam do *Kung Fu* a base para a representação do homem no combate corpo a corpo com os *manchu* e as essências budistas, as fundamentações para plena evolução interior desses revolucionários. Essas entidades eram dominadas de: *Hung Mun*, *Hung Tong* ou *Triades*; enquanto seus membros eram dominados pelo povo chinês pelo nome de: *Tong*. Cada dia que se passava, os adeptos destas entidades aumentavam. A insatisfação do povo chinês era muito grande e o recrutamento de adeptos para estes grupos era feito de boca nos diversos lugares da China. Era muito comum, algumas vezes, alguns líderes destes movimentos serem mortos pelos guerreiros *manchu*, haja vista que alguns lugares existiam entre o povo chinês que os entregavam para os *manchu* em

troca de míseros trocados. Mas estas histórias de traidores são algo normal no contexto mundial. O ser humano, por ter uma essência hipócrita e egoísta, muitas vezes se deixa levar por promessas fúteis e tentadoras. Veja como o nosso povo é facilmente enganado pelos políticos com promessas de melhorias de vida e outras bobagens mais. Então imaginemos uma época em que o povo chinês morria de fome e era tiranicamente controlado por outro povo. Centrados nisso os traidores surgiam e conseguiam permitir aos *manchu* matar muitos revolucionários.

Os *tong* eram compostos em sua maioria de pessoas cultas e bem preparadas nas diversas áreas artísticas e culturais, inclusive nos métodos terapêuticos tradicionais chineses que eram a acupuntura e massoterapia, possibilitando-os a se portarem como verdadeiros líderes revolucionários, dando-lhes fortes raízes para que pudessem doutrinar o povo chinês em suas leis e ao mesmo tempo preparar alguns para serem peritos em inúmeras técnicas mentais, físicas e sociais. A dinastia *Ching* inteira foi marcada pela presença destes revolucionários que a cada dia que passava conseguiam mais simpatizantes. Somente com a república chinesa no ano 1912 é que os *Tong* tiveram seu fim. Por isso, a história da China tem em seus escritos uma enorme quantidade de feitos relacionados a estes revolucionários, que tinham uma única finalidade: ver a China livre dos tiranos e exploradores estrangeiros. Inicialmente, a revolta destes era contra os *manchu* depois de voltarem para outros povos ocidentais que passaram também a explorar o sofrido povo chinês. Estes povos ocidentais, que tiveram atritos com *tong*, foram os franceses, ingleses, portugueses e espanhóis.

Os *tong* usavam os cabelos longos ou cortados à maneira ocidental como método para demonstrarem suas revoltas contra os *manchu*, que obrigavam os chineses a usar no cabelo o rabicho semelhante aos *ming*. Um dos fatos históricos marcantes da história chinesa cuja participação maior foi feita pelos *tong* foi a “*Revolta dos Boxers*”. Assim denominada pelo fato de os ingleses não conhecerem bem o idioma chinês e passaram a denominar de “arte do boxe” os movimentos de *Kung Fu* feitos pelos lutadores chineses, visto que na Inglaterra, neste período, o boxe tinha grande expressão social.

A história da China é repleta de problemas de atritos políticos e religiosos, principalmente contra o cristianismo, que era uma religião que foi introduzida neste país e representava a tentativa do domínio ocidental ao povo chinês. Daí, todos aqueles chineses que se convertiam ao

cristianismo eram vistos com desprezo pela maioria dos chineses que tinham uma visão nacionalista, devido aos ideais revolucionários pregados pelos *tong*. As batalhas, neste período na China, eram muitas e os *tong* treinavam dia e noite as técnicas do *Kung Fu*, objetivando a expansão dos estrangeiros orientais e ocidentais do território chinês. Muitos mestres de renome no *Kung Fu* iam pouco a pouco se unindo às causas revolucionárias. Todos centrados na idéia de pôr fim ao domínio estrangeiro.

A China possui uma série de fatos históricos que mostram o quanto as influências dos monges *Shaolin* foram fundamentais em diversos fatores. Como vimos, eles foram os responsáveis por movimentos políticos e religiosos que serviram como matéria-prima para muitas definições sociais, além de ter sido por meio destes monges que as milenares terapias chinesas começaram a se popularizar. Em cada lugar que estes monges passavam, deixavam uma variedade de meios para tratar as patologias. Valiam-se de plantas e ervas medicinais, bem como de métodos de massoterapia e controle de energia vital, proporcionando a todos um completo bem-estar físico e mental, propiciando harmonização energética. O *Kung Fu* era o meio com que os chineses podiam contar para lutar contra seus adversários, muitos deles estrangeiros que invadiam seus territórios e se denominavam “Donos da China”. Os chineses eram um povo que contava somente com seus conhecimentos bélicos no combate corpo a corpo e seus instrumentos de trabalho, que se transformaram em armas brancas, baseando-se para o uso das armas brancas nas técnicas marciais do *Kung Fu* codificadas no templo *Shaolin*.

Na evolução histórica e social do *Kung Fu*, o budismo teve uma influência ímpar, em se tratando dos estilos externos, enquanto os estilos internos do *Kung Fu*, tais como o *Tai Chi Chuan*, o *Hsing I*, o *Chi Kung* e o *Pa Kua* sofreram fortes influências *taoístas*. Possibilitaram aos praticantes dos estilos externos e internos terem uma essência filosófica centrada em princípios religiosos que observavam as marcialidades como “Caminho”, para o encontro de si mesmo, responsável pela evolução interna de todos aqueles que se envolvem com as artes marciais. No passado, mais ou menos no século XVI, o Monge Kwok Yuen, com objetivo de criar um código filosófico para ser seguido pelos monges de *Shaolin*, permitindo-os fazer o bom uso do *Kung Fu*, evitando fazer da nobre arte do *Kung Fu* uma arma sem fundamentações morais, criou as “Dez Normas Budistas”, que logo abaixo transcrevemos e comentamos:

1 – O praticante do *Kung Fu* deve treinar ininterruptamente

O treinamento marcial é eterno para o praticante, devendo este treinar sempre e pondo em cada golpe ou exercício o máximo de concentração e precisão possíveis como se fosse o último golpe de sua vida. Os treinamentos são a base da evolução marcial. Quando tecemos comentários sobre treinamentos constantes não nos referimos somente à parte física e técnica, mas sim a tudo o que se relacione com a evolução dentro de *Kung Fu*, inclusive os condicionamentos mentais e espirituais.

2 – O praticante do *Kung Fu* deve usar suas técnicas somente para a defesa pessoal.

Todos aqueles que praticam, e principalmente que ensinam artes marciais, devem ter como princípio básico a não violência; usando seus conhecimentos marciais somente em último caso para servir como defesa pessoal.

Deve-se evitar o exibicionismo que não leva ninguém a nada, a não ser parecer que é um grande lutador. Mas a quem devemos provar que somos fortes é pra nós mesmos e jamais para os outros. Sigamos ao pé da letra o que nos ensina o ditado oriental transcrito a seguir: “Forte realmente é aquele que vence sem lutar, mesmo possuindo o poder de vencer lutando”.

3 – O praticante de *Kung Fu* deve ter respeito para com todos aqueles que praticam *Kung Fu* há mais tempo que ele.

O respeito aos mais velhos era uma das características fundamentais no templo *Shaolin*. Frisamos bem isso anteriormente neste mesmo livro quando comentamos sobre a entrada das crianças para o tempo. Daí, independente de uma pessoa ser mestre ou discípulo, o simples fato de ter mais tempo de treino na prática do *Kung Fu* a fará respeitada por todos os mais novos, possibilitando com isso que seja preservada a hierarquia centrada no respeito aos mais velhos, pois segundo a filosofia marcial dos *Shaolin*, o idoso é sinônimo de sabedoria e por isso devemos sempre respeitá-lo.

4 – O praticante de *Kung Fu* deve ser amigo, honesto e demonstrar sempre cordialidade para com seus amigos

A amizade e respeito para com seus semelhantes são de suma importância para quem pratica o *Kung Fu*, devendo o praticante marcial ter o respeito e a consideração por todos os seres viventes no planeta,

desde os homens até os animais mais inferiores. É dever do praticante marcial respeitar também todos aqueles que têm menos tempo de treinamento de *Kung Fu* que ele.

5 – O praticante de *Kung Fu* deve evitar demonstrações de lutas

Era de importância vital para os praticantes de *Kung Fu* no templo *Shaolin*, e é até hoje para qualquer artista marcial, evitar desafios e lutas fúteis, objetivando a apresentação de suas técnicas marciais para exibição e fins de vitórias externas.

6 – O praticante de *Kung Fu* nunca deve ser agressivo ou demonstrar maneiras rudes

O homem não é um ser físico e sim moral e social. Daí é preciso ter a consciência, quando praticamos *Kung Fu*, de que a sociabilidade e a boa educação fazem parte da nossa existência, pondo-nos como pessoas respeitadas e admiradas pela sociedade pelo que somos e pela energia positiva que transmitimos. Devemos nos afastar de fofocas e de comentários e pensamentos negativos, preferindo os pensamentos e atos que nos elevem e proporcionem felicidade para todos.

7 – O praticante de *Kung Fu* jamais deve comer carne ou provar bebidas alcoólicas

Estes princípios que proíbem comer carne, ingerir bebidas alcoólicas têm raízes nas fundações religiosas budistas existentes no templo de *Shaolin*. Não devemos nos esquecer que estas regras foram feitas para os monges budistas de *Shaolin*. Era proibido de qualquer maneira aos monges o uso de álcool e de carne, visto que o ato de comer carne é, segundo o budismo, um ataque a seus princípios que nos ensina a jamais matar. Comendo carne, nós estaremos fazendo o uso de um alimento que existe graças à morte de um animal.

Quanto ao álcool, este é um elemento que tira todo o domínio da mente do praticante marcial, levando-o até mesmo a ter uma dependência viciosa.

8 – O praticante de *Kung Fu* deve conter seus impulsos sexuais

Relembremo-nos que estas regras foram feitas para os monges budistas que não tinham atividades sexuais devido aos votos religiosos. Porém, para nós na atualidade somente servem de lembrança para

tomarmos cuidado com os nossos excessos sexuais que podem nos trazer muitos problemas. O mais grave entre eles é a AIDS.

9 – O praticante de *Kung Fu* jamais deve ensinar sua técnica às pessoas que são budistas

Esta regra também se aplicava aos monges do monteiro *Shaolin*. Partiam do princípio de que ensinar artes marciais para qualquer um era perigoso, visto que muitos iriam somente se interessar pela parte externa da marcialidade, permitindo a muitos fazerem uso indevido dos golpes, muitos destes mortais, do *Kung Fu*.

Infelizmente, na atualmente se ensina *Kung Fu* para qualquer pessoa. Isso é um perigo, mas a força do dinheiro fala mais alto e muitos mestres, inclusive chineses, passam técnicas marciais para “gato e cachorro”.

10 – Praticante do *Kung Fu* tem que evitar a cobiça e a agressividade

A humildade é a base da essência do *Kung Fu*. Um verdadeiro praticante do *Kung Fu* não se ofende com as críticas, nem tampouco se deixa tornar vaidoso pelos elogios, considerando tudo isso passageiro, agindo como já mencionamos anteriormente.

“Pensando como um sábio e agindo como homem humilde”



Reprodução



Reprodução

Bruce Lee, nascimento, infância e adolescência

No ano de 1939 levou o famoso ator da ópera chinesa, Lee Hoi Chuen, de Hong Kong até os Estados Unidos da América, juntamente com sua esposa Grace Lee e seus dois filhos, objetivando trabalhar em uma turnê em solo americano. A 27 de novembro de 1940, enquanto o ator chinês Lee Hoi Chen se encontrava em New York, a jovem Gracie Lee, na cidade de San Francisco, dava à luz a uma linda criança. A senhora Lee resolveu chamar seu filho recém-nascido de Lee Jun Fan, que literalmente significa Retorno a San Francisco. Parece que esta jovem de descendência européia, mas que tinha nascido em Xangai, estava prevendo o futuro do seu filho, pois ele não somente voltaria para esta cidade onde nasceu como ficaria famoso não somente nos Estados Unidos como em todo o mundo com o nome de Bruce Lee.

Tendo problemas com os caracteres chineses a jovem mãe posteriormente mudou o nome do seu filho para Lee Yuen Kam. Pouco depois, pelo fato deste garoto ter nascido no ano e na hora do dragão, ficou conhecido pelo público chinês como Lee Siu Loong, ou seja, O Pequeno Dragão.

Outra história interessante na vida do Pequeno Dragão em relação ao seu nome foi que ainda no hospital, em San Francisco, uma enfermeira, de nome Mary Glover, olhou-o ainda recém-nascido e chamou-o de Bruce. Sendo este apelido somente usado pela família quando ele foi estudar no La Salle College, na cidade de Hong Kong, pois o seu apelido inicial entre os membros da família era Pequena Fenix, que em chinês é Sai Fun.

O ato de chamá-lo com nome feminino se deveu ao fato de que a cultura chinesa tem muitos conteúdos de superstição, igualando-se às credences existentes no interior do nosso país, e baseado nisso a mãe de Bruce havia perdido seu primeiro filho e para tanto era necessário que os filhos que nascessem posteriormente, como foi o caso do Pequeno Dragão, fossem apelidados com nomes femininos para despistar o demônio, evitando assim que este o matasse. Além disso Bruce Lee teve sua orelha furada com a mesma finalidade de confundir este ser do mal. Estes hábitos eram muito comuns nas famílias chinesas, inclusive uma das grandes dificuldades que os sinólogos têm em saber distinguir

o real do fantasioso no contexto histórico e social da China são exatamente os fatos de não se saber distinguir onde termina a superstição e inicia a realidade na cultura deste povo.

O fato de viver em uma família de artistas possibilitou a Bruce Lee ir facilmente vivendo em um clima que até mesmo por osmose já o condicionava a ser o que no futuro, apesar da sua morte prematura, acabou sendo. Após o fim da turnê da ópera chinesa nos Estados Unidos, na qual trabalhava o senhor Lee Hoi Chuen, pai do Pequeno Dragão, retornou a sua cidade natal, Hong Kong, levando junto o recém-nascido, sua esposa e seus outros filhos, Peter, Phoebe e Agnes, iniciando então uma nova etapa na vida daquele que seria um rei marcial e cinematográfico.

Com pouca idade, ou melhor, aos quatro anos, Bruce Lee, por imitação artística herdada, já era um apaixonado pela arte da representação. Sempre procurando seguir o pai nos espetáculos, levando-o a cada vez mais a adentrar emocionalmente no universo da arte, algo que iria acompanhá-lo por toda sua vida. Aos seis anos teve uma participação como ator no filme *The Beginning of a Boy*. Nesse filme atuou no papel principal e teve grande sucesso.

Aos oito anos atou em um segundo filme no papel principal e a partir deste passou a ser conhecido pelo público chinês de Lee Siu Loong, ou seja, O Pequeno Dragão. Ao chegar aos 18 anos Bruce Lee já tinha atuado em mais de vinte filmes chineses, sendo estes filmados durante a madrugada devido à barulheira diária existente em Hong Kong. Em muitas destas filmagens os atores somente mexiam os lábios fingindo que estavam falando, sendo que somente depois eram feitas as dublagens dos próprios atores em estúdios. Inclusive, dois meses antes da morte de Bruce Lee, em Hong Kong, diagnosticada como sendo um edema cerebral, ele teve um primeiro edema em um estúdio pelo fato de estar em um local sem ar condicionado, muito quente, e passar para outro com excesso de ar frio.

Bruce Lee, apesar de gostar bastante de ler, não era um bom aluno. Este hábito de leitura o ajudou bastante durante toda sua vida, auxiliando-o nas suas pesquisas marciais, filosóficas e cinematográficas. Inclusive, sua biblioteca pessoal era composta de mais de dois mil volumes de livros envolvendo os assuntos dos seus interesses.

Bruce era míope e sem os seus óculos era difícil viver. Sendo que o agravamento da sua miopia se deu pelo fato de ele estar constantemente lendo revistas e livros na cama antes de dormir, às escondidas da sua

mãe, contendo nestes muitas letras minúsculas. Por sinal a leitura era a única coisa que deixava-o quieto. O resto do tempo era em hiperatividade, ou melhor dizendo, o nosso herói era portador do Distúrbio de Déficit de Atenção, o famoso DDA, muito estudado na atualidade por psicólogos, psicopedagogos, psicanalistas etc. O que caracteriza a existência do DDA é o excesso de inteligência, algo que Bruce tinha muito.

As lentes de contatos, que passaram depois a serem usadas por Bruce, muito ajudaram nas suas práticas marciais e trabalhos cinematográficos. Suas brincadeiras e travessuras eram inúmeras durante sua infância e adolescência, marcando-o desde então para todos que o conheciam, diferenciando-o de todos os outros garotos que viviam ao seu redor. Durante muito tempo o Pequeno Dragão participou de diversas *gangs* de ruas, especializadas em brigas, existentes em Hong Kong. Suas participações na escola eram poucas, mas suas presenças em brigas organizadas eram constantes.

A primeira arte marcial de que Bruce praticou foi o *Tai Chi Chuan*, tendo seu pai como seu instrutor, mas não gostava desta arte, pois queria algo para defesa pessoal e não meramente terapêutico como se apresentava, inicialmente, para ele, o *Tai Chi Chuan*. Finalmente aos 13 anos de idade começou a treinar *Wing Chun* com o Mestre Yip Man, pagando doze dólares por aula. Rapidamente se apaixonou por esta arte marcial chinesa e passou a se dedicar de forma *full-time* a ela. Segundo se diz, Bruce Lee foi um dos melhores alunos de Yip Man, mas isto é questionado por alguns estudiosos da sua vida, pelo fato de acreditarmos que ao se tornar famoso e o maior divulgador do *Wing Chun*, Bruce acabou ganhando esta fama de bom aluno como mecanismo de agradecimento pelos seus feitos em prol desta arte marcial e deste Mestre.

Aos quatorze anos Bruce Lee inicia na dança, outra paixão além do cinema e do *Wing Chun*. Nosso herói estudou a maioria das danças existentes na China naquela época, mas seu grande apego era com o “cha-cha-cha”. Isto levou-o a vencer diversos campeonatos de dança, inclusive no ano de 1958 ganhou o troféu *Crow Colony Cha-Cha Championship*.

Na sua adolescência Bruce Lee tinha uma relação bastante conflituosa como seu pai, o que o obrigava sempre a estar fora de casa, para evitar conflitos com seu genitor e os demais membros da família. Por falar em família, a de Bruce Lee era enorme neste período da sua vida, pois mais de 16 pessoas e diversos animais viviam no primeiro e se-

gundo andares de um grande apartamento sob o severo comando do pai de Bruce, que era um budista radical e queria que os deveres familiares fossem respeitados de qualquer jeito, como é característico de qualquer família tradicional chinesa até nos dias atuais.

Bruce Lee sempre evitava chegar a casa com marcas de lutas, pois seu pai era radicalmente contra a violência, enquanto nosso herói tinha deleite nos combates físicos, saindo vencedor ou perdedor, o importante era lutar, e pra valer. Bruce estudava no *La Salle College*, onde todos eram chineses católicos e rivais dos britânicos que estudavam no *King George V College*. Pelo fato do contexto histórico e social dos chineses e britânicos é óbvia esta rivalidade, tendo em vista que isto é endógeno, sendo compreensíveis através de análises antropológicas e axiológicas. Comumente os britânicos brigavam com os chineses fora das duas escolas e em locais neutros onde sempre, graças ao uso sistemático do *Kung Fu*, os chineses se saíam bem. Servindo isto como mecanismo de experiências para Bruce poder usar o seu *Wing Chun* de forma real. Quando voltou a residir em Hong Kong, já famoso, Bruce Lee matriculou seu primeiro filho, Brandon Lee, nesta mesma escola onde anteriormente havia estudado.

Durante sua adolescência ainda no Colégio de educação britânica em que estudava, Bruce Lee treinou boxe e fez uso de pesos em seus treinamentos marciais, o que fez com que muitos dos seus colegas do *Wing Chun* o chamasse de traidor por ter fugido dos princípios marciais chineses existentes no *Kung Fu*. A visão dos chineses em relação à marcialidade assemelha-se ao fanatismo religioso, qualquer fuga às regras doutrinárias transforma qualquer um em um herege. Daí para a cabeça de um chinês entender um da sua raça, tal como era Bruce Lee, treinando uma luta britânica, como o boxe, é muito complicado...

Devido às constantes brigas de ruas de que Bruce participava o seu estilo de *Kung Fu* ficou adaptado a situações reais de combate. Tanto que seu estilo, o *Jeet Kune Do*, era conceituado como uma sofisticada forma de luta de rua. Para Bruce qualquer arte marcial seria boa se fosse eficiente em combate real durante uma briga de rua, o resto era conversa inútil e perda de tempo.

Bruce foi para os Estados Unidos da América, com a finalidade de preservar sua cidadania americana, com apenas 18 anos de idade. O último feito por ele em Hong Kong foi *The Orphan*, que foi um grande sucesso cinematográfico. Porém sua vida estava um caos nesta cidade

chinesa. Diversas brigas levavam Bruce constantemente às delegacias de polícia. O melhor mesmo era sua ida para os Estados Unidos para tentar iniciar vida nova e, quem sabe, mudar sua mentalidade para algo menos violento. Por fim em 1959, Bruce Lee, com cem dólares no bolso, embarcava para o solo americano.

Bruce Lee nos Estados Unidos

Ao chegar a solo americano Bruce Lee teve que trabalhar no restaurante de uma amiga do seu pai de nome Ruby Chow. Lá atuou como lavador de pratos e garçon sendo este um trabalho comum para os imigrantes chineses naquele país à época. Nesse mesmo período nosso herói se matriculou na *Edson Vocational High School*, conhecendo então Jesser Glover, que, ao ver uma demonstração de *Wing Chun* feita por Bruce, insistiu para que este lhe ensinasse aquela arte marcial. Após conseguir convencer os seus outros colegas que moravam na mesma pensão que ele, estes cederem o seu quarto para ministração de aulas de *Wing Chun*, o jovem Jesser, acabou também convencendo estes colegas a terem aulas com Bruce. Eles foram seus primeiros alunos nos Estados Unidos. Porém o número de alunos foi aumentando e Bruce foi obrigado a arrumar outro local para suas aulas marciais.

Então foi alugado um velho porão na esquina da rua Maynard. Como eram dez alunos e o aluguel custava cem dólares, cada um pagava dez dólares por mês. Esta foi a primeira academia do Pequeno Dragão que tinha o nome de *Lee Jun Fan Kung Fu Institute*, onde Bruce Lee, no fim das contas, acabou ministrando, inicialmente, aulas de graça.

Neste período Bruce Lee escreveu seu primeiro livro cujo título foi *Chinese Kung Fu, The Philosophic Art of Self Defense*. Apesar de tê-lo produzido de forma artesanal e fazer somente mil exemplares, esta obra ainda deu lucro para nosso herói. Nesta produção editorial tinham várias formas dos diversos estilos de *Kung Fu*, expostas em fotos tendo como modelos marciais James Lee e outros praticantes de lutas chinesas.

No ano de 1964, o mestre marcial Ed Parker convidou Bruce Lee para participar de um campeonato Internacional de Artes Marciais em *Long Beach*. Nesta oportunidade Bruce Lee fez uma demonstração marcial e impressionou quando mostrou o soco de uma polegada. Esta

apresentação foi filmada e representa hoje uma relíquia, tendo em vista que este fato mudou muita coisa na vida de Bruce como também na história do cinema e da marcialidade mundial.

Neste evento estava muita gente famosa, dentre elas se encontrava uma cabeleireira de celebridades de nome Jay Sebring, que mais tarde, de forma trágica foi assassinada juntamente com Sharon Tate por Charles Mason. Jay, cortando pouco tempo depois os cabelos do famoso produtor de TV William Dozier, soube que ele procurava um ator para um seriado que iria se chamar “O filho de Charlie Chan”. Falando esta cabeleireira para este produtor sobre a demonstração de Bruce Lee, acabou impressionando-o e levando-o a solicitar a Ed Parker para ver a filmagem deste campeonato onde Bruce fazia esta demonstração. Vendo a filmagem, William Dozier gostou e imediatamente convidou Bruce para assinar contrato com a 20th Century Fox.

Por obra do destino este seriado no qual Bruce foi contratado não deu certo, mas esta produtora resolveu colocar Bruce Lee para atuar junto com Van Williams em um seriado de nome *The Green Hornet*, no Brasil exibido com o título de Besouro Verde. O sucesso de Bruce nesta série foi muito grande, o que o levou a ter diversas participações em outros filmes e seriados americanos.

Como tinha família para sustentar e seu salário como ator ainda era insuficiente, Bruce Lee, se valendo da fama que tinha graças a sua atuação como ator, iniciou a ministrar aulas, cobrando por hora uma média de 100 a 250 dólares. Sua clientela marcial crescia cada dia mais, sendo seus alunos muita gente famosa, entre outros Steve Mc Queen, James Coburn, Lee Marvin e James Garner. E não eram somente pessoas famosas do cinema que tinham aulas com Bruce Lee. Grandes mestres das artes marciais também eram seus alunos, tais como Joe Lewis, Chuck Norris, Bob Wall, dentre outros. Porém acredito que na atualidade o mais famoso aluno de Bruce Lee é o artista marcial Chuck Norris, pois naquela época Norris tinha sido sete vezes campeão de *Karate* e era dono de uma grande rede de academias em todos os Estados Unidos, especializada em *Karate* coreano, sendo que nos dias atuais este artista marcial é um famoso empresário e conceituado artista cinematográfico.

Bruce Lee, juntamente com James Coburn e Stirling Silliphant fizeram um projeto para a realização de um filme intitulado “A Flauta Silenciosa”. Porém este projeto não foi avante, pois a produtora queria que este filme fosse rodado na Índia devido a alguns entraves financeiros.

Bruce e seus colegas de roteiro foram até este país, mas infelizmente não tiveram condições de levar avante este trabalho cinematográfico. “A Flauta Silenciosa” somente foi rodada em 1978, cinco anos após a morte do Pequeno Dragão.

A 20 de julho de 1973 Bruce Lee foi até a casa da atriz Betty Ting Pei, com a finalidade de conversar sobre sua participação no filme *The Game Of Death*, que nosso herói estava filmando e devido a sua morte prematura não chegou a concluir. Na residência desta atriz o Pequeno Dragão sentiu uma forte dor de cabeça e acabou ingerindo um sedativo de nome *Equagesic*, e resolveu se deitar. Pouco tempo depois o seu amigo Raymond Chow, juntamente com a atriz anfitriã tentaram acordá-lo e como este não respondia, acabaram conduzindo-o para o *Queen Elizabeth Hospital*, sendo que por volta das dez e meia da noite foi dito pelos médicos que Bruce Lee havia falecido.

A causa da morte do Pequeno Dragão foi um edema cerebral causado por hipersensibilidade ao analgésico ingerido por Bruce, o *Equagesic*. Esta suposta causa da sua morte não convenceu a muitos dos seus familiares e nem a maioria das pessoas que o conheciam. Muitos afirmam que Bruce foi envenenado pelos chineses que não gostavam dele pelo sincretismo e visão ecumênica das artes marciais que ele pregava constantemente.

Uma verdade é inquestionável, a morte física de Bruce Lee não deu fim ao mito e à popularidade deste chino-americano que com seus trabalhos, seja no cinema ou nas artes marciais, mudou a mentalidade mundial.



Reprodução

As artes marciais nos dias atuais

Digo sempre que falar sobre o futuro é algo bastante perigoso, tendo em vista que acredito que o passado está na frente, pois podemos vê-lo, enquanto o futuro está atrás, impossível de ser visto. Já o presente, devemos vivê-lo de forma constante, aproveitando os bons momentos; e das dificuldades tirarmos aprendizados. Assemelhando-se a visão do sábio que aprende com seus erros e o tolo não aprende com seus feitos errados, cabendo a todos aqueles que querem evoluir emocionalmente e espiritualmente aprender constantemente com seus erros, bem como com os dos outros, fazendo assim uma síntese entre a percepção fenomenológica e a empirista, colocando a serviço do mundo dos sentidos e das idéias uma melhor análise do universo e do homem como um todo.

Sendo assim limito-me a somente comentar sobre a atualidade das artes marciais e de forma bastante hipotética tentar aproximar do futuro. O que é vivido dentro do contexto marcial de hoje é o reflexo de algumas atitudes errôneas de algumas pessoas que sem compromisso com os conteúdos do *Budo*, filosofia das artes marciais, devido à visão meramente mercenária que de forma ignorante foi passada nacionalmente. Quando falo de ignorância refiro-me à maneira como estes próprios mestres marciais se auto-prejudicaram ao não preservarem os fundamentos metafísicos e filo-religiosos que são a essência que dignifica a marcialidade.

Tanto é verdade que os conteúdos espirituais e filosóficos são de suma importância para o ser humano, não somente nas artes marciais como em todos os setores da vida, que encontramos dentro das teses de Daniel Goleman e Gardner, pai da inteligência emocional e das inteligências múltiplas, respectivamente, atualmente bastante estudadas na educação, psicologia e até mesmo na administração, a defesa do uso da religiosidade e gestão das emoções para o bem-estar humano. Isto as artes marciais ensinam faz séculos e exatamente esta parte foi deixada de lado pela maioria dos mestres.

É preciso voltamos nossos olhos para os aspectos teóricos e vivenciais do *Budo*. É inadmissível que enquanto todas as outras áreas dos saberes humanos, inclusive os científicos, se voltam para espiritualidade, as artes marciais que nasceram acopladas à filosofia e religiosidade se afastam abruptamente destes seus princípios primordiais que a fizeram

adentrar séculos afora na cultura e concepções axiológicas de diversos países, inclusive formando novos paradigmas e possibilitando diversos cortes epistemológicos.

Muitos movimentos embrionários têm sido feitos para resgatar esta concepção filosófica na marcialidade. Dentre outras somos sabedores da posição louvável do Professor Marcelo Gomes, líder do Bushido no nosso país, que está conduzindo uma Confederação Brasileira de *Bushido* e *Budo*, entidade sem fins lucrativos, com a finalidade de resgatar estes princípios basilares marciais em todo o nosso país.

Movimentos como este para resgatar a filosofia e metafísica na marcialidade nacional são bastantes louváveis. Acredito que ao darmos consciência ao ser humano dos valores sociais inseridos nas artes marciais, estaremos possibilitando um futuro melhor para as mesmas.

Durante a década de noventa atuei em campanha nacional, inclusive com artigos publicados na extinta Revista KIAI, na qual era colunista, objetivando criar condições para regulamentação da profissão de professor de artes marciais em nosso país. Argumentava que apesar de muitos docentes marciais terem outras profissões-medicina, advocacia, fisioterapia, dentre outras - é das artes marciais, que, direta ou indiretamente, sustentam suas famílias. Infelizmente, não fui compreendido. Um dos poucos que acreditaram nas minhas idéias foi o *Grandmaster* Carlos Roberto Silva, que naquele período residia em João Pessoa, na Paraíba, e nos dias atuais está nos Estados Unidos da América, lecionando artes marciais em uma universidade. Na capital paraibana fiz diversas palestras, inclusive iniciei a escrever um código de ética dos professores de artes marciais, que depois acabei abortando, pois observei o descaso que existia em relação às minhas idéias. O pensamento das pessoas era somente na criação de Ligas, Federações e Confederações.

Entidades federativas e confederativas dariam poder e *status* financeiro dentro das diversas artes marciais no entender da maioria. Daí muitos criaram estas entidades como se fossem academias, de cunho particular e com a única finalidade de obter lucros pessoais. Este ledo engano possibilitou o surgimento de diversas entidades que de forma sofismática dizem congregam esportivamente os marcialistas em território nacional.

Não estou aqui fazendo uma apologia contra as entidades federativas ou confederativas, pois sou presidente de algumas; estou sim, apresentando fatos de forma científica e em oportunidade fazendo uma aná-

lise dentro do senso crítico, haja vista que tenho respaldo curricular e epistemológico para tal, e tendo esta oportunidade, de ouro, não poderia deixar de opinar. Sou sabedor de que existem diversas entidades dentro do contexto citado que são sérias, porém é sabido por todos que muitas deixam muito a desejar, isto devido a uma má gestão.

Falava nesta época em minhas teses em defesa da regulamentação profissional da docência marcial, na criação de sindicatos de professores de artes marciais para que fizessem manifestações nacional em prol de uma grande conscientização da marcialidade. Também falava que se não tomássemos uma posição urgente os graduados em Educação Física iriam tomar o mercado dos marcialistas. Fui severamente criticado pelos denominados grandes mestres das artes marciais. Como era “raia” pequena, calei-me. E pouco tempo depois observo a regulamentação da profissão de Educação Física e em consequência disso a obrigação nacional do registro no Sistema CONFEF/ CREF, como provisionados, para todos os docentes marciais em território brasileiro para poder continuar desenvolvendo atividades marciais. Diversas celeumas foram levantadas. Hoje, fico pasmado ao ver figuras que me criticaram durante a época em que defendia a regulamentação profissional dos professores de artes marciais surgirem, como paladinos do povo, defendendo algo que no passado foram contra. Realmente, o povo precisa de alguém que o defenda ele mesmo. Sendo que na maioria das vezes os pioneiros são os que sofrem, muitas vezes mal-compreendidos por todos os que têm seus interesses financeiros abalados. Na verdade o grande entrave no meu projeto inicial para a dita regulamentação marcial foram os gestores marciais que achavam que isto iria gerar diversos problemas financeiros para suas entidades.

Hoje, as artes marciais sofrem pela falta da consistência administrativa existida em seu contexto geral. Posso comentar isso de cátedra, devido ao fato de conhecer os dois lados da moeda, estando na atualidade como coordenador e idealizador dos Programas de Instrução para Provisionados (PIP), realizado na cidade do Salvador, capital baiana, ligado ao Conselho Regional de Educação Física da Bahia e Sergipe (Cref-13), em parceria educacional com faculdades para emissão dos certificados em níveis de extensão universitária. E convivendo com a maioria dos provisionados, professores de artes marciais do estado da Bahia, pois este curso por ser realizado em caráter intensivo, uma vez por mês, em tempo integral, bem como por ter um jornal na Bahia,

destinado ao público marcial, o Bahia Marcial, e presidir entidades de gestão marcial tais como a Confederação Brasileira de *Karate* de Semi-Contato, em nível nacional e a Federação Baiana de *Kung Fu*, em caráter regional, sempre estou a par da realidade vivida pelos marcialistas.

Tenho observado a carência que este público tem de conhecimentos e como todos procuram o resgate aos princípios da filosofia na marcialidade.

Ao fazermos um trabalho de resgate das artes marciais, mostrando sua importância social, teremos uma nova visão dos professores de artes marciais, possibilitando então uma melhor análise do docente marcial em relação a si mesmo e sua função social. Digo sempre em minhas aulas que o professor de artes marciais é um grande educador. Os pais das crianças para as quais ministramos aulas não têm tempo para acompanhá-las diariamente devido às suas necessidades profissionais, cabendo ao docente marcial fazer o papel de formador do caráter e da dignidade do seu alunado. É bom não esquecermos que na maioria das vezes são as crianças que lotam as academias, principalmente nas cidades do interior do nosso país, pois os adolescentes e adultos, devido aos seus afazeres profissionais e educacionais, acabam se distanciando da prática desportiva marcial, enquanto que para as crianças a parte lúdica reforça suas potencialidades energéticas.

Ao pensarmos dentro de uma visão holística marcial poderemos nos afastar da belicidade e cada vez mais nos aproximarmos até mesmo por osmose de concepções éticas que cada vez mais irão dignificar as artes marciais.

Solicito a cada um que esteja direta ou indiretamente relacionado às artes marciais que faça sua parte em prol de um mundo melhor através da consciência marcial. Você é capaz disso. É só querer!



Reprodução

Entrevista com o professor Genivaldo Vicente

O professor Genivaldo Vicente do Espírito Santo é natural da cidade do Recife, capital pernambucana, tendo iniciado no *Kung Fu* em 1987, na sua terra natal, sendo aluno do Mestre Julio Kushida, discípulo direto do Grão-Mestre Chan Kowk Wai, um dos introdutores do *Kung Fu* no Brasil, que chegou a nosso país na década de sessenta e desde então ministra aulas diariamente. Atualmente, o Professor Genivaldo reside e desenvolve atividades com a docência marcial na cidade de Salvador, capital baiana. O estilo de *Kung Fu* que ensina é o *Shaolin* do Norte. Sendo credenciado como professor de *Kung Fu* pela Federação Baiana de *Kung Fu*, acupunturista e massoterapeuta formado pela Universidade Livre de Terapias Psico-bioenergéticas/ ULTEP, e possui registro no Sistema CONFEF-CREF, sob o Cref-13-001909-P-Ba, tendo feito o Programa de Instrução para Provisionados, na primeira turma da cidade de Salvador, realizado pela Escola Pao Zhe Lin de Formação Profissional em parceria educacional com a emissão do certificado em nível de extensão universitária com a Faculdade de Várzea Grande (Mato Grosso).

Nesta entrevista concedida ao Professor José Augusto Maciel Torres, ele nos fala sobre *Kung Fu* e temas afins.

José Augusto: Gostaria que o senhor nos falasse sobre o seu início no treinamento do *Kung Fu*.

Genivaldo: Iniciei minha prática no *Kung Fu* estilo *Shaolin* do Norte na cidade do Recife, no ano de 1987, com o mestre Julio Kushida, na Avenida Conde da Boa Vista, 1270, no centro da capital pernambucana. Mas antes de treinar *Kung Fu* já tinha praticado *Taekwondo*, com professor Índio, no bairro do Jardim Brasil, em Olinda; capoeira, com o Mestre Zumbi Bahia, no bairro de Porto da Madeira, em Cajueiro. Não foi difícil para mim, treinar o *Kung Fu* estilo *Shaolin* do Norte, pois este estilo, semelhante à capoeira e ao *Taekwondo*, faz muito uso dos golpes com as pernas.

José Augusto: Por que esta atração pelo estilo *Shaolin* do Norte; levando-o a praticar até aos dias atuais?

Genivaldo: Em particular a didática do Mestre Julio Kushida, que, apesar de ter origem japonesa, tem uma grande identificação com a

marcialidade chinesa. Realmente, este Mestre nasceu para ser o que é, um grande mestre do *Kung Fu*, inclusive é conhecedor de vários outros estilos como o garra de águia, *Tong Long* (louva deus). *Tan Tui*, *Lou Hap*, *Chow Li Fat*, *Tai Chi Chuan*, *Hsing I*, dentre outros. Isto me fez ver em meu mestre um facilitador que condicionou-me a posteriormente ser um professor de artes marciais, tentando de forma homeopática ser no futuro, bem próximo, um mestre marcial como ele é.

José Augusto: O senhor falou que o seu mestre o influenciou de maneira benéfica, baseado nisso o senhor afirmaria que o mestre marcial determina o caráter dos seus alunos?

Genivaldo: É claro que esta afirmativa é correta. Uso aí suas palavras, constantemente ditas em sala de aula, que o professor marcial nos dias de hoje substitui os pais das crianças que treinam conosco, por uma simples realidade social, ou seja, os pais, por necessidade financeira, vão para o mercado de trabalho e por isso não têm tempo para dedicar-se exclusivamente à educação dos seus filhos, cabendo a algumas pessoas fazerem este papel. E uma delas é exatamente o professor de artes marciais que, de maneira exemplar, irá conduzir o caráter dos seus alunos, levando-os a se afastarem da violência e terem uma boa conduta dentro da sociedade.

José Augusto: O que senhor acha do *Kung Fu* na atualidade?

Genivaldo: Infelizmente, no mundo atual, existe uma série de pessoas que se denominam mestres de *Kung Fu*, inclusive orientais. E por não termos um controle sério, aliado à falta de informação do público em geral, em relação à docência do *Kung Fu*, acaba levando o povo a ser lesado por estes falsos professores e mestres marciais, prejudicando os verdadeiros professores e mestres do *Kung Fu* que desejam fazer um trabalho honesto e ético dentro desta nobre arte chinesa.

José Augusto: Deixe uma mensagem final.

Genivaldo: É necessário que o povo em geral procure, antes de se matricular em uma academia de *Kung Fu*, a origem do professor responsável por esta escola, qual a entidade federativa ou confederativa na qual tem relação, qual é o seu mestre e se ainda está vinculado a ele. E como hoje em dia é muito fácil se obter informações através da Internet, checar o que lhe foi dito por este meio de comunicação em massa.

Bruce Lee e as outras artes marciais

Bruce Lee era uma pessoa bastante direta e por possuir uma personalidade muito forte conseguiu muitos inimigos. Nelson Rodrigues, jornalista e teatrólogo, costumava dizer que toda unanimidade é burra. Daí seria impossível fugirmos desta regra simples e objetiva, desejando que nosso herói fosse amado por todos.

Inclusive, um dos questionamentos em relação à morte do Pequeno Dragão é o fato de oficialmente se ter associado a sua causa com o resultante de um edema cerebral, muitos não concordaram com essa versão, pois Bruce era odiado por muitos pelas suas idéias, principalmente pelos chineses, daí se achar que o verdadeiro motivo da sua morte foi envenenamento.

Era muito comum Bruce Lee falar mal das artes marciais. Sempre tecia comentários negativos sobre a filosofia e praticidade marcial dos estilos orientais e ocidentais. Ao seu ver somente o estilo por ele criado, o *Jeet Kune Do*, era o perfeito. Muitas das suas críticas eram direcionadas ao *Karate*. Talvez pela rivalidade existente e bastante aflorada naquela época, entre as escolas marciais chinesas e japonesas, tendo seu nativamento em aspectos nacionalistas, pois os chineses tinham rivalidades políticas e sociais com os japoneses, por diversos aspectos históricos entre as duas culturas.

Ainda adolescente e em Hong Kong, Bruce Lee, quando estudava no Edson College, foi desafiado por um japonês, professor de *Karate*, em uma exibição de sua técnica marcial, motivado pelas constantes críticas de nosso herói aos estilos de lutas japonesas. Bruce, inicialmente, não aceitou o desafio, porém, após muita insistência do professor japonês, acabou derrotando-o em questão de alguns segundos, o que o possibilitou, após este fato, obter o respeito e a admiração do derrotado, que passou considerá-lo como seu mestre.

Durante toda sua vida, apesar de teoricamente defender o livre estilo marcial e os princípios do *budo* e do *taoísmo*, Bruce Lee sempre esteve em batalhas constantes com grandes nomes e dirigentes das diversas artes marciais, orientais e ocidentais, principalmente com os mestres de lutas japonesas, com exclusividade para o *Karate*, em todas suas formas de estilos. Constantemente, Bruce afirmava que todos os estilos chineses e japoneses poderiam ser facilmente vencidos, considerando-os inferiores e incapazes de terem aplicabilidade prática em combates verdadeiros.

Com o Jhoon Rhee, seu professor marcial durante cinco anos e com quem atuou como parceiro em um filme, e com Henry Cho, ambos mestres do *Taekwondo* e com graduação de oitavo dan, Bruce Lee tinha um relacionamento de cordialidade.

Era muito comum Bruce ser atacado por praticantes de outros estilos de artes marciais no meio da rua ou em outros locais públicos os quais freqüentava. Muitos destes desafiantes eram mestres de artes marciais e lutadores profissionais e que em muitos filmes, estrelados por Bruce Lee, haviam atuado como atores secundários. E como sempre eram derrotados pelo Pequeno Dragão. Fora das filmagens estes lutadores queriam sempre testar suas técnicas marciais, achando-as somente aplicáveis no cinema.

Durante uma apresentação reproduzida por uma rede de televisão em Hong Kong, Bruce, já com seu estilo marcial bastante famoso, teve ao seu lado doze professores de estilos de lutas chinesas. Esses de forma grosseira não cumprimentaram o Pequeno Dragão, atitude bastante rude e indelicada com o nosso herói.

Cada um, paulatinamente, ia apresentando as técnicas, filosofia e origens do seu estilo marcial. Em um determinado momento um jovem lutador de um certo estilo fez uma postura e desafiou os demais a derrubá-lo. Todos foram até ele e tentaram derrubá-lo, sem sucesso, empurrando-o constantemente e ele ficava plantado na base sem nenhum movimento. Bruce somente observava sentado. Em dado momento o jovem lutador o chamou e disse: -Venha, menino, tentar também me derrubar. Após diversas insistências Bruce se levantou e caminhou lentamente em direção deste demonstrador. Ao chegar próximo a este, desferiu um forte soco em seu rosto, levando-o a desmaiar imediatamente.

Criou-se uma confusão entre os presentes e a pergunta unânime era: -Todos nos tentamos derrubá-lo, empurrando-o. Por que você o socou? Bruce, friamente, respondeu: — O meu estilo não faz coisas malucas iguais aos de vocês. Eu uso somente socos e chutes.

Estas e outras atitudes, igualmente radicais e excêntricas, faziam de Bruce Lee um indivíduo bastante polêmico entre os praticantes marciais.



Reprodução



Bruce Lee e suas fugas amorosas

Foi publicado na extinta revista DO, a revista das artes marciais, número três, na página 9, editada pela EBAL, com o título “Bruce Jee e sua vida sentimental”, um artigo bastante polêmico em relação a vida extra-conjugal do Pequeno Dragão. Abaixo transcrevemos o referido artigo na íntegra

Bruce Lee e sua vida sentimental

Mais que um simples mito para a legião de admiradores que até hoje curtem seus filmes e lhe cultuam a memória, Bruce Lee foi um ser humano comum que apenas se destacou um pouco mais que outros no setor em que atuou: nas artes marciais e, mais particularmente, no cinema. Assim, talvez essa mesma imensa admiração que despertou nos jovens do mundo inteiro tenha de certa forma contribuído para acentuar-lhe algumas falhas de personalidade, ou mesmo caráter, que o conduziriam ao fim tão melancólico quanto prematuro.

De gênio alegre e extrovertido, ótimo contador de piadas e excelente dançarino, Bruce Lee dispensava um cuidado todo especial a própria aparência (consta que levava mais de 20 minutos diante do espelho) e gostava de se vestir com elegância, mesmo depois que passou a preferir roupas esportivas, as vestes chinesas e os ternos com gravatas. Por essas e outras, ele sempre se viu cercado pelas mulheres. Sabe-se que começou a namorar aos 15 anos.

E foi exatamente aí que se revelou um dos lados negativos da personalidade de Lee - ele nunca deixou de cortejar as mulheres, mesmo depois de seu casamento com Linda Lee, o que lhe traria sérias complicações. A verdade é que não se limitava a admirar esta ou aquela mulher, mas deixava bem claro suas reais intenções para com elas.

De seus casos amorosos, o mais conhecido foi com a atriz Betty Tin Pey, a partir de um encontro casual em Hong Kong, num restaurante onde ele se achava com Linda. Essa Betty era uma mulher de vida desregrada, viciada em drogas e entorpecentes, e, segundo pessoas mais chegadas, alterou completamente a personalidade e o rumo da vida de Bruce, envolvendo-o com traficantes de drogas e apressando-lhe o fim.

Ainda assim, todos sabem que Bruce Lee amou realmente sua esposa, além da chinesa Miokasu, que sempre procurou viver no anonimato, só aparecendo no dia do seu enterro... E às escondidas.

A personalidade de Bruce Lee

O homem não é somente um ser físico, ele é um agrupamento de coisas que acoplam, inclusive, os aspectos sociais e morais de cada indivíduo. Daí o contexto da personalidade de um ser humano o faz ser marcante ou não, dentro da sociedade na qual vive. Baseado nesta premissa seria imperdoável se deixássemos de fazer uma reflexão sobre a personalidade de Bruce Lee para então tecermos uma análise abrangente deste homem que acabou se transformando em uma lenda.

O Pequeno Dragão era profundamente ligado à liberdade e à independência. Isto o fazia ser polêmico, pois ele acreditava plenamente em seus ideais, inclusive este fato nos é apresentado na certeza que ele tinha da praticidade marcial do seu estilo, o *Jeet Kune Do*.

Sua determinação em busca de independência e liberdade se faz no momento em que somente com 18 anos deixa sua família na China e vai para os Estados Unidos, sua terra natal, tentar uma nova vida. Inicialmente, nos Estados Unidos, Bruce trabalha como garçom e lavador de pratos em um restaurante de Ruby Chow. Porém, mesmo nesta fase difícil, ele jamais deixou de acreditar plenamente no seu sucesso.

Bruce Lee contou com muito apoio em sua vida. Isto por sinal é muito comum a qualquer ser humano, mas ele fez jus a todos eles. Destacando-se profissionalmente em todas as oportunidades que teve

Dentro de sua personalidade Bruce se apresentou como um grande pensador e formulador de novos conceitos marciais e cinematográficos, que o punham em destaque constante. Nos seus escritos, inclusive em sua obra *O Tao do Jeet Kune Do*, ele deixa bem claro a sua controvertida posição em relação às demais artes marciais e expõe sua concepção de mundo dentro de uma abordagem filosófica e teológica, vindas da religiosidade oriental.

Bruce era uma pessoa com quem os amigos tinham que ter muita paciência, pelo menos se quisessem preservar sua amizade, pois ele não tinha meia conversa para lançar críticas severas. Sua filosofia de vida era centrada na franqueza com os amigos e crueldade com os inimigos, sendo estes últimos maiores do que seus (verdadeiros) amigos. Muitos dos seus amigos tiveram que ter muita administração emocional para suportar as críticas radicais e de frente emitidas por Bruce.

Inclusive o Dan Inosanto, de acordo com algumas pessoas, apesar de ser um dos melhores amigos de Bruce Lee, recebeu diversos tapas no

rosto desferidos por Bruce, pelo simples fato de que ele não conseguia atacá-lo marcialmente de forma realística.

Bruce Lee adorava exhibir suas habilidades marciais em público. Uma das suas demonstrações consistia em arrancar uma moeda da mão de um indivíduo, substituindo-a, ao mesmo tempo, por outra. Outra apresentação muito popular de Bruce era o uso do soco de uma polegada, fazendo isso em restaurantes e até mesmo no meio da rua.

Por ser um ator, desde os primórdios da sua vida, sua criatividade e posição artística o faziam bastante narcisista, característico de quem conhece a fama, como ele a conheceu. Por sinal podemos afirmar que Bruce era o centro das atenções em todos os lugares que chegava, desde os primeiros anos de vida em Hong Kong, onde era acostumado a acompanhar seu pai em atividades artísticas e sendo por todos paparicado.

Nosso herói era dono de um grande carisma e de uma liderança ímpar muito bem exposta em seus poucos anos de vida, quando acabou nos deixando diversos filmes, posições marciais e cinematográficas inéditas que servem de alavanca para a criação de novas idéias. Bruce tinha um jeito sarcástico de se expressar. Inclusive esta característica ele levava para as eternas críticas que constantemente fazia às outras artes marciais.

A vida de nosso herói sempre era levada com grande energia e força de vontade por ele mesmo. Este fato é explícito de forma bastante corajosa, pois mudar um estilo tradicional como era o *Wing Chun* para suas necessidades pessoais, como foi o caso, não é nada fácil. Muitos dizem que Yip Man considerava Bruce Lee como um dos seus bons alunos, isto em termos biográficos para dar ênfase à vida do Pequeno Dragão é muito bonito, mas, eu, pessoalmente, não acredito nesta versão. Sei que é muito cômodo e interessante alguém falar bem de Bruce Lee, inclusive sendo o seu Mestre. Porém, me nego a aceitar que um mestre com formação cultural chinesa venha de forma tranqüila a aceitar que um simples aluno seu, mesmo sendo famoso, faça uma modificação bastante significativa no estilo que ministra aulas e que o ensinou para o modificador. Acredito que esta observação de Yip Man, de que Bruce Lee foi um dos seus melhores alunos e que o orgulhou, é falsa. Inclusive, se este mestre assim afirmou, é prova de que ele está indo contra toda uma concepção enraizada em seus conceitos chineses. Como exemplo temos o uso do boxe, que é essencialmente britânico, e que foi utilizado nos treinamentos de Bruce Lee e neste período, ainda na China, levou seus colegas de *Wing Chun*, todos chineses, a considerá-lo

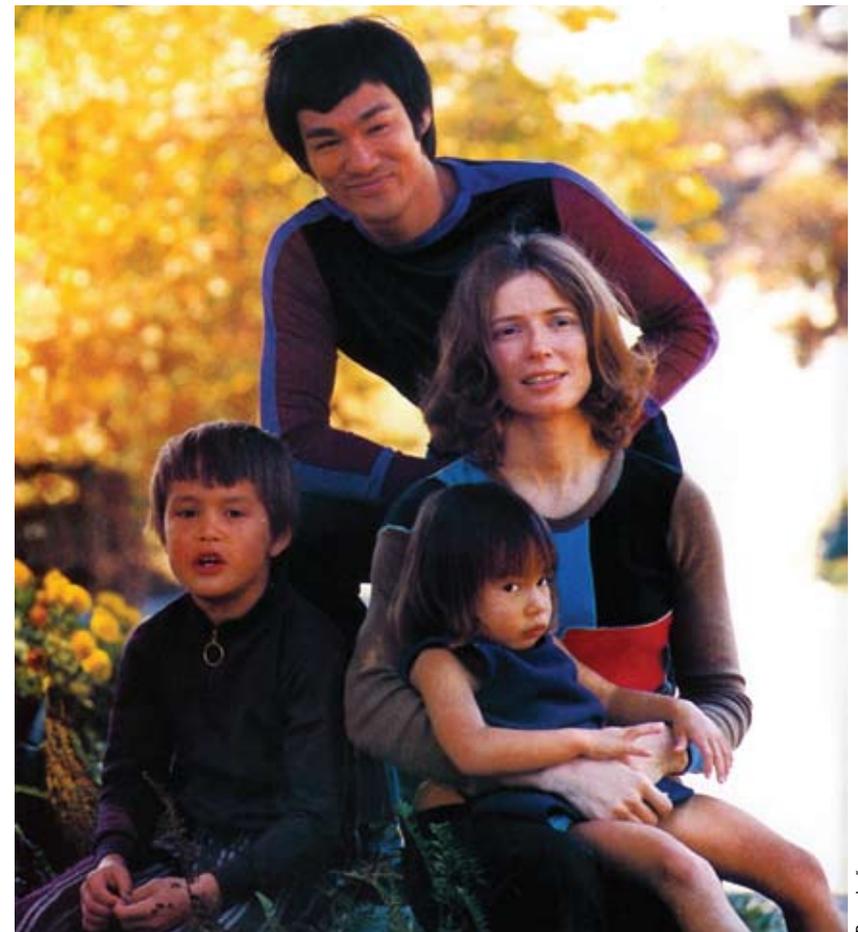
como traidor. Acho muito difícil um mestre como Yip Man aceitar, pelo menos de forma tranqüila, este fato, exatamente pela concepção xenofóbica dos chineses, em especial aos ingleses, naquele período social.

Um fato marcante da mudança de Bruce Lee em relação ao *Wing Chun* era que o *Jeet Kune Do* pregava a simplicidade e plena eficiência na aplicabilidade em lutas de ruas. Sendo que o estilo *Wing Chun* na China tem a fama de ser simples e objetivo. Bruce inclusive era bastante emotivo quando falava sobre artes marciais e temas afins, considerando-se o melhor de todos, e para ele o seu estilo era superior a todos. Baseado nisso fica-nos a dúvida sobre a real aceitabilidade de Yip Man em relação às idéias marciais do Pequeno Dragão.

Bruce era muito solidário aos seus amigos, sempre os tratava como membros da sua família. Um exemplo disso está na feitura do livro *Wing Chun*, editado pela *Ohara Publications*, que, segundo se comenta, foi feito pelo nosso herói, porém foi colocado como autor James Lee, para que este recebesse os direitos autorais, tendo em vista que o mesmo se encontrava com câncer.

Linda Lee foi a eterna companheira de Bruce. Ela sempre aparecia com ele em diversas fotos e o acompanhava nos momentos difíceis da sua vida. Um exemplo disso foi que dois meses antes da sua morte, Bruce teve um pequeno edema cerebral, nesta época ele estava em Hong Kong, e foi até aos Estados Unidos para fazer uma série de exames. E nesta jornada, como em diversas outras, ela o acompanhou. Mas acho que o maior exemplo de solidariedade e confiança de Linda em relação a Bruce foi o seu casamento. Tendo em vista que a mãe de Linda não queria, em hipótese alguma, o enlace dela com um oriental. Mesmo contra a vontade da sua mãe, Linda casou com Bruce e o resto da história todos já sabemos.

A maioria das origens das amizades de Bruce nasceu dentro do cinema e nas academias marciais, sendo isto essencialmente normal, pois esses eram os locais que freqüentava profissionalmente ou até mesmo em seus lazeres. Dois dos seus grandes amigos foram Dan Inosanto e James Lee. Dan lhe ensinou as técnicas com *nunchaku* e ele o fez famoso mundialmente, inclusive levando-o de forma pioneira para o cinema. Se não foi pioneira, como afirmam alguns historiadores, pelo menos foi quando deu destaque mundial. Nosso herói começou a ter equilíbrio financeiro após o seu casamento com Linda. Antes era uma “dureza” enorme. No seu casamento Bruce contou com o apoio financeiro dos seus amigos,



Reprodução

que o ajudaram bastante. Porém, não devemos esquecer que também foi como ator que ganhou fama e conseqüentemente mais dinheiro.

Duas das suas características marcantes eram a criatividade e aplicação das suas vivências diárias em seus filmes. Observe como ele, em cada papel cinematográfico, é representado em uma parte da sua vida pessoal. Mostra de técnicas marciais dos seus amigos, rivalidade entre as lutas chinesas e japonesas, desrespeito pelos japoneses em relação aos chineses, dentre outras.

A personalidade de Bruce foi marcante, levando-o a ser amado por uns e odiado por outros, característico de qualquer líder. A sua maior marca foi a coragem de inovar, o que o levou a ser respeitado mundialmente.

O soco de uma polegada

Bruce Lee sempre fazia questão de exibir o seu famoso soco de uma polegada, pois esta era sua marca registrada, inclusive foi graças a esta perícia que chegou às telas americanas. Na sua demonstração marcial feita no Campeonato de *Long Beach*, em 1967, foi o soco de uma polegada que o projetou para as telas e o fez ser muito aplaudido pelo público presente.

Neste campeonato Bruce colocou uma cadeira mais ou menos um metro atrás de uma pessoa. Após isso, com o punho próximo a de uma polegada de distância do peito da pessoa que usava para demonstrar, deu um soco em grande velocidade. Imediatamente, a pessoa socada era levantada do chão e arremessada de forma violenta para trás caindo sobre a cadeira, rolando em seguida pelo impacto do golpe.

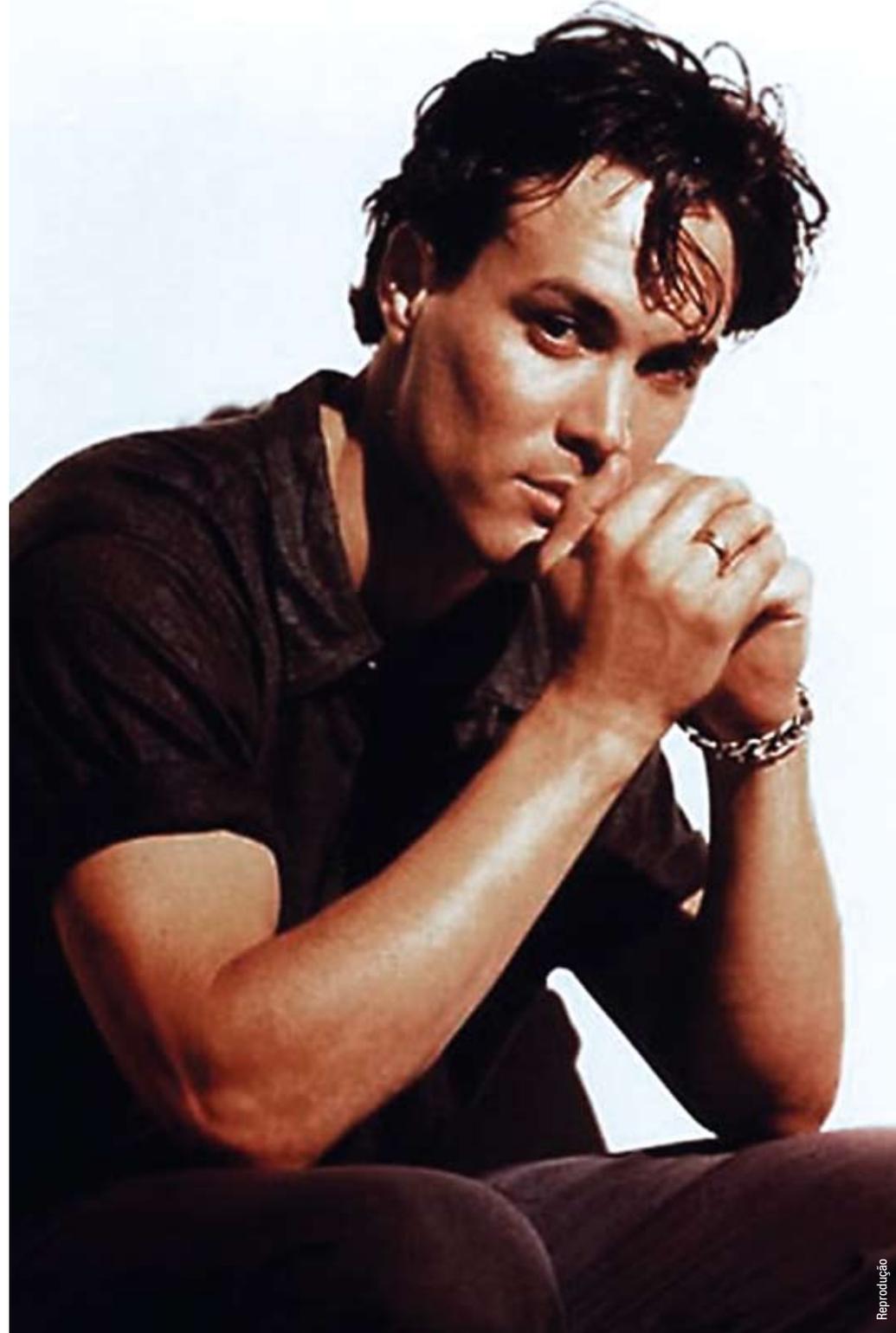
Esta técnica usada por Bruce é muito comum em muitos estilos do *Kung Fu*. Este soco de uma polegada é feito com o soco do sol. Para isso deve-se dobrar os dedos colocando-se o polegar levemente curvado para cima. Neste exato momento os músculos da mão e do antebraço são tensionados, e com isso os músculos possibilita o retardamento do golpe.

Brandon Lee

Após vinte anos da morte do Pequeno Dragão, seu primeiro filho, Brando Lee, vem a falecer vítima de uma bala durante as filmagens do filme *The Crow* (O Corvo). Com apenas vinte e oito anos, Brandon tinha tudo para substituir o seu famoso pai: possuía carisma como ator; era inteligente e conhecia muito bem várias técnicas marciais, com destaque para o *Kung Fu* e o *Jeet Kune Do*, estilos marciais criados pelo seu saudoso pai.

Brandon, infelizmente, morreu a 31 de março de 1993. E no momento em que sua carreira estava em plena ascensão. Havia atuado em filmes de sucesso como “Rajada de fogo” e “Massacre no bairro japonês”, tendo assinado um contrato com a 20th Century Fox para realizar três filmes, que de acordo com a sua caminhada artística, seriam sucessos.

Brandon Lee nasceu em Okland, no estado da Califórnia, sendo filho de Bruce e Linda Lee, e tendo deixado uma irmã de nome Shannon. A perda do filho de Bruce colocou de luto mais uma vez o cinema marcial, levantando mais ainda a suspeita de que a morte de Bruce não foi casualidade.



A história do estilo *Wing Chun*

Num livro sobre a vida de Bruce Lee, é óbvio e ululante que jamais poderíamos deixar de tecer comentários sobre o estilo marcial chinês *Wing Chun* ou *Ving Tsun*, como é chamado por muitos, e do Mestre Yip Man, pois ambos tiveram grandes participações na vida do Pequeno Dragão.

Yim Yee era um dos quinze discípulos que conseguiram sobreviver à destruição do templo *Shaolin*. Yim Yee tinha uma filha de nome Yim Wing Chun, que havia sido prometida em casamento para um próspero negociante. Yim Yee, pelo fato de ter se metido em diversos combates marciais, acabou tendo que se refugiar no início da montanha *Tai Leung*, passando a viver como simples comerciante.

Neste local tinha um excelente lutador de nome Wong que se apaixonou pela jovem Yim Wing Chun, ameaçando-a e obrigando-a a se casar com ele, caso contrário a levaria a força.

O velho Yim Yee, pelo fato de já ter muita idade, estava impossibilitado de combater com o lutador que desejava sua filha, que estava prometida em casamento para um jovem chinês.

Na verdade Yim Yee morava em uma vila no sopé da montanha *Tai Leung*. E a monja Ng Mui, nesta época, estava hospedada no Templo da Garça Branca, indo constantemente a esta vila para fazer compras. Um dia, comprando na mão do velho Yim Yee, ele, apreensivo, lhe contou a triste história que vivia atormentando-o. Ng Mui resolveu ajudar a filha do velho comerciante, *Wing Chun*, ensinando-lhe arte marcial.

Ng Mui treinou a jovem *Wing Chun* durante três anos, pois pelo fato de Ng Mui ser monja e ter treinado no templo de *Shaolin*, facilmente apresentou a *Wing Chun* um método marcial adequado a sua realidade física.

Graças aos ensinamentos adquiridos através das aulas marciais com Ng Mui, *Wing Chun* derrotou o seu pretendente agressor, casando-se pouco tempo depois com Leung Bok Chau, que tinha sido prometida desde criança, seguindo assim a tradição chinesa, reinante em sua época.

Leung Bok Chau era um excelente lutador de *Kung Fu*, praticando suas técnicas diariamente. Daí sua esposa *Wing Chun*, vendo-o praticar, começou a colocar falhas em suas técnicas marciais. Certo dia, chateado com suas constantes observações sobre suas técnicas marciais, chamou-a para um combate, tendo sido facilmente derrotado. Isto o levou imediatamente a querer aprender este método marcial treinado pela sua esposa.

Método que, aliás, posteriormente foi denominado de *Wing Chun Chun*, ou seja, “Arte dos Punhos de *Wing Chun*”, por Leung Bok Chau, em homenagem a sua esposa.

Diversos anos depois Leung Bok Chau ensinou a já famosa Técnica marcial *Wing Chun* para um médico de nome Leung Lan Kwai, que durante muitos anos preservou em segredo esta arte marcial, somente ensinando-a quando velho para um jovem de nome Wong Wah Bo, que era um ator da ópera chinesa.

Em uma das suas viagens como ator de ópera, Wong Wah Bo encontrou o mestre marcial Leung Yee Tei, que era um excelente lutador com o bastão longo. Wong Wah Bo e Leung Yee Tei se tornaram amigos e passaram suas técnicas marciais um para o outro. Isto possibilitou ao estilo *Wing Chun* ter acrescido em suas técnicas marciais o uso do bastão longo, pois neste período já tinha, em se tratando de armas brancas, o uso das espadas borboletas, além destas técnicas com armas, o treinamento destes dois mestres possibilitou ao estilo *Wing Chun* o uso dos métodos do *Chi* aliados ao bastão, conhecido como *Chi Kwun*.

Leung Yee Tei ensinou arte do *Wing Chun*, já bastante evoluída em termos de treinamentos, para um famoso médico de nome Leung Jan. Este médico era de uma família tradicional chinesa, da cidade de Fatshan, na província de Kwangtung, que por ironia do destino era a província onde nascera a mestra marcial Yim Wing Chun.

Leung Jan era um homem muito culto e proprietário de uma loja especializada em ervas de nome *Jan Sang*, além de atuar como médico na região onde residia. Sua cidade, Fatshan, era naquela época um grande centro comercial, bastante habitada por pessoas ricas e de grande prestígio perante o governo chinês. A fama de bom médico adquirida por Leung Jan fazia diversas pessoas virem de longe para procurar seus trabalhos profissionais.

As paixões do sábio médico Leung Jan eram as artes marciais e a literatura. Uma vida bastante financeiramente sólida lhe possibilitava ter o seu diletantismo maior que era a prática do *Wing Chun* como algo bastante próspero interiormente para ele, chegando este médico a ter o apelido de “O Rei do *Wing Chun*”.o que o obrigava a aceitar o desafio de diversos lutadores marciais que sempre queriam testar a eficiência do estilo *Wing Chun*, porém este médico sempre saía vitorioso, aumentando-lhe assim mais ainda sua fama como lutador e médico especializado em ervas.

O mestre marcial Leung Jan era uma pessoa bem-sucedida financeiramente, por isso podia se dedicar ao seu maior diletantismo que era a docência do *Wing Chun* e conseqüentemente sua prática diária. Ensinando a alguns poucos discípulos e aos seus filhos Leung Tsun e Leung Bik, as técnicas marciais que sabia.

Nas proximidades da loja de ervas medicinais de Leung Jan existia um posto de trocas de dinheiro que era de um homem de nome Chan Wah Shun, popularmente conhecido como Wah, Trocador de Dinheiro, devido a sua profissão. Sendo que o grande sonho de Wah era treinar *Wing Chun* com o mestre Leung Jan. Porém, por pertencer uma classe social inferior à do Mestre Leung Jan, Wah se sentia constrangido procurá-lo para tomar aulas de *Kung Fu*.

Assim sentindo-se envergonhado Wah, trocador de dinheiro, somente ia diariamente até a cerca de madeira da loja de ervas deste médico e mestre marcial e observava ministras aulas aos seus filhos e demais alunos. Dia após dia Wah ficava olhando escondido as práticas marciais do *Wing Chun*, com o comando de Leung Jan. Por fim Wah tomou coragem e se dirigiu até ao mestre Leung Jan e pediu que o aceitasse como seu discípulo marcial. Este mestre, de forma educada, recusou aceitá-lo como aluno.

Wah, apesar da tristeza pelo fato de não ser aceito como aluno no *Wing Chun*, não desistiu; partiu para outra forma alternativa de aprendizagem desta técnica de *Kung Fu*.

Existia um homem bastante forte que era aluno de *Wing Chun* do mestre Leung Jan. Este era xará de Wah. Pelo fato de ele ter os braços bastante fortes, inclusive em seus treinamentos era muito comum ele quebrar o boneco de madeira, conhecido como *Mudjong*. Seu apelido era Wah, O Homem de Madeira.

Wah, trocador de dinheiro, fez amizade com Wah, o homem de madeira, e devido a isso conseguiu aperfeiçoar suas técnicas no *Wing Chun*, pois passou a treinar constantemente com seu “xará”.

Certa vez estando em viagem o mestre Leung Jan, Wah, O Homem de Madeira, levou o seu “xará” até a loja de ervas para observar os treinamentos. Nesta oportunidade falou para Leung Tsun, que era filho do mestre Leung Jan, que seu “xará” era um perito em *Wing Chun* e tinha se iniciado somente observando às escondidas os treinamentos comandados pelo seu pai.

O filho do mestre desafiou Wah para um combate real. Rapidamente Wah aplicou-lhe um forte golpe que o jogou contra a cadeira do seu pai,

quebrando-a de imediato. Passado o susto todos correram para consertar a cadeira usada pelo mestre marcial para descansar.

Durante a noite o mestre Leung Jan se dirigiu até sua cadeira para descansar. Para sua surpresa a cadeira caiu. Querendo explicações este mestre acabou sabendo da história de Wah, por meio de seu filho. Leung Jan acabou solicitando a presença de Wah, o homem de madeira, exigindo que esse lhe contasse o que houve. Após ouvir o relato de Wah, mandou que este chamasse o seu “xará”, o trocador de dinheiro. Pouco tempo depois Wah, trocador de dinheiro, demonstrava o que sabia de *Wing Chun* para o mestre Leung Jan. Este mestre, após vê-lo mostrar suas perícias marciais, acabou aceitando-o como seu aluno marcial.

Wah, trocador de dinheiro, sempre fazia uso das suas técnicas de *wing chun* em combates reais, devido a sua profissão sempre exigir lutas para evitar ladrões. Isto possibilitou uma constante reciclagem do *Wing Chun* em termos de combates reais.

Wah, trocador de dinheiro, acabou virando um mestre do estilo *Wing Chun*. Quando estava com mais de setenta anos foi convidado para ensinar no templo ancestral da família Yip, uma das propriedades mais ricas da sua região, e, neste local, foi mestre de Yip Man, que futuramente seria mestre de Bruce Lee.



Reprodução

O Mestre Yip Man

O mestre Wah era famoso em sua região pelo fato de cobrar muito caro pelas suas aulas de wing chun. Isto o fazia ter um grupo de alunos muito seletos. Um dia, ao chegar para dar aulas, ficou surpreso ao encontrar o jovem Yip Man, filho do dono do templo no qual dava aulas, lhe esperando com três moedas de pratas na mão. Esse era o preço cobrado mensalmente pelas suas aulas.

Este jovem tinha somente treze anos de idade. E isto levou Wah a ir conversar com seu pai sobre a origem daquele dinheiro. O pai de Yip Man lhe disse que seu filho estava pagando-o com suas economias e que podia aceitá-lo como aluno, sendo para sua família uma honra se assim o fizesse.

Wah mesmo não acreditando que um menino rico como era Yip Man fosse se dedicar ao *Wing Chun*, aceitou-o como aluno. Em verdade esta postura de desconfiança perante o interesse marcial de Yip Man, pelo fato de ele ser de uma família aristocrática chinesa, tida por Wah e oriunda de pura ignorância, pois ele mesmo, quando era um simples trocador de dinheiro, foi ensinado pelo médico Leung Jan, que também era muito rico.

Felizmente, com o passar do tempo, o jovem Yip Man passou a mostrar uma grande dedicação à prática do *Wing Chun*, ganhando assim a simpatia do seu mestre, o velho Wah. Yip Man treinou *Wing Chun* com Wah até aos dezesseis anos, quando, infelizmente, este faleceu. Neste mesmo ano seu pai o mandou para estudar no Colégio Santo Estefano, em Hong Kong, pois este adotava os costumes ingleses, que eram a moda naquela época da aristocracia chinesa.

Neste colégio haviam frequentes brigas entre colegas e o conhecimento do *Wing Chun* logo fez com que Yip man se tornasse respeitado e temido, pois sempre vencia os combates, tornando-se arrogante e sem nenhuma humildade.

Certo dia um colega de Yip Man lhe perguntou se ele aceitaria treinar com um homem de cinquenta anos que era muito bom no *Kung Fu*. Yip Man, que era muito bom e se sentia o grande lutador, aceitou de imediato. Chegando ao local Yip Man perguntou qual era o estilo que ele lutava e quem era o seu mestre. Após responder, iniciou a tecer profundos comentários sobre o estilo *Wing Chun*. A ansiedade em demonstrar seus conhecimentos cegou Yip Man para alguns detalhes na



conversa com seu adversário. Tais como era que aquele homem sabia tanto sobre o estilo que ele praticava.

O homem superou Yip Man com facilidade, não machucando-o. Depois Yip Man soube que aquele homem com o qual treinara era um dos filhos de Leung Jan, cujo nome era Leung Bik, o mestre do seu mestre, o Wah. Isto dentro da filosofia do *Kung Fu* é um ato imperdoável, pois Yip Man havia desacatado um tio dentro da genealogia do *Kung Fu* chinês. Percebendo a besteira que havia feito, Yip Man foi até Leung Bik e lhe pediu desculpas e aproveitou para solicitar que ele o aceitasse como seu discípulo marcial.

Leung Bik acabou aceitando-o como seu aluno, achando inicialmente que Yip Man era muito arrogante. Porém com o tempo Leung Bik percebeu que seu jovem aluno era um bom garoto, suas atitudes emotivas eram devido à pouca idade.

Aos vinte e quatro anos Yip Man retornou para sua terra natal, voltando a treinar com seus colegas de *Wing Chun*. Nesta oportunidade passou a se destacar mais do que os outros praticantes. Levando-os a achar que ele, durante o tempo que estava em Hong Kong, havia treinado outro estilo de *Kung Fu*, sendo isso considerado uma traição perante os costumes marciais chineses. Porém, Ng Chung So, que tinha substituído o mestre Wah, explicou aos seus colegas que ele havia treinado com Leung Bik, filho de Leung Jan, mestre de Wah, trocador de dinheiro. Tudo ficou esclarecido desde então.

Durante o período de 1937 e 1941 o jovem Yip Man foi para o exército para ajudar os chineses contra os japoneses, porém o povo nipônico venceu, obrigando-o a retornar, mais uma vez, para sua terra natal. Após a Segunda Guerra Mundial a China entrou em guerra civil e Yip Man acabou servindo no governo nacionalista. Também neste período morreu sua primeira esposa. Em 1949, devido à revolução socialista na China, Yip Man teve que fugir para Hong Kong, iniciando então a ministrar aulas de *Wing Chun* para poder sobreviver.

Primeiramente Yip Man ministrava aulas de *Wing Chun* na “Associação dos Trabalhadores de Restaurantes de Hong Kong”, tendo nesta ocasião poucos alunos, pelo simples fato de o seu estilo marcial ser muito feio e não possuir os aspectos estéticos existentes em outros estilos de *Kung Fu*. E Yip Man também era contra dar demonstrações do seu estilo marcial. Passados dois anos nesta associação resolveu abrir sua própria academia em outro local mais espaçoso.

No ano de 1954 se casou novamente. Nessa época também começou a ter mais alunos, devido à eficiência do seu estilo em lutas reais e pela facilidade no aprendizado desse estilo marcial.

Muitos universitários passaram a ser alunos do Mestre Yip Man, obrigando-o a se mudar, mais um vez, para uma academia maior. Na atualidade o estilo *Wing Chun* e o mais praticado em Hong Kong. “A Associação Atlética *Wing Chun* de Hong Kong” foi fundada em 1967 e o mestre Yip Man faleceu em 1970.

Bruce Lee e a criação de novos estilos marciais

Inciei escrevendo em jornais e revistas, passando depois a trabalhar em rádio, pois sou radialista e jornalista, com registro profissional na Delegacia Regional do Trabalho (DRT-Bahia). Pelo fato de ser praticante e estudioso de marcialidades e orientalismo, acabei escrevendo livros e revistas sobre estes temas. Não poderia jamais em uma obra da minha autoria deixar de expor uma reflexão pessoal sobre a criação de novos estilos de artes marciais, tendo em vista que Bruce Lee criou o *Jeet Kune Do* e, apesar de ele não considerar sua criação um novo estilo, no fundo o *Jeet Kune Do* nada mais era do que, em verdade, um novo estilo marcial. O Resto era sofisma do próprio Bruce Lee e dos que escreveram sobre ele.

A prova maior de que o *Jeet Kune Do* era um estilo, ou seja, uma escola, onde tem um método teórico e prático de caráter doutrinário é o mecanismo que expõe o próprio Bruce Lee ao se referir ao *Jeet Kune Do*, colocando-o como superior às demais artes marciais e, obviamente, aos inúmeros estilos de artes marciais existentes no mundo. A sua visão holística e ecumênica das artes marciais levou-o a ter diversas discórdias com outros artistas marciais. Prova disso são os inúmeros desafios que recebia, constantemente, de mestres marciais que desejavam provar a verdadeira eficácia do seu método marcial.

Sua coragem e criatividade o fizeram ser diferente e polêmico, principalmente porque seus filmes, onde era o astro principal, o fazia ter fé pública perante os telespectadores em geral, lhe possibilitando expor suas idéias marciais em níveis mundiais. Inclusive, muitos dos seus desafiantes eram seus próprios companheiros de filmes que o achavam pernóstico e não acreditavam na praticidade das suas técnicas mar-

ciais, que, segundo tais artistas marciais, serviam somente para o embelezamento dos seus filmes.

Acho quase impossível o mestre de *Wing Chun* de Bruce Lee, *YIP MAN*, aceitar de bom gosto o fato de o Pequeno Dragão fazer um sincretismo marcial, tendo como ponto de partida o próprio *Wing Chun*, pois como bom mestre marcial chinês que era, Yip Man com certeza era tradicionalista e tinha uma xenofobia marcial característica de todos seus conterrâneos.

Observe que até mesmo o Mestre Yip Man sofreu preconceitos dos seus colegas chineses, ao retornar de Hong Kong e apresentar formas diferentes do estilo *Wing Chun*. Isso por ser as mesmas desconhecidas de *Wing Chun*, seus colegas marciais o consideraram traidor, somente após explicado que estas eram técnicas avançadas deste estilo chinês, foi contornada a situação. Caso semelhante de discriminação foi feito com Bruce Lee ainda adolescente, em Hong Kong, ao treinar o boxe. Os chineses, seus colegas marciais, o consideravam um traidor.

Imaginem um chinês aceitar uma visão marcial aflorada em vários estilos de lutas ocidentais e orientais, colocando sua marcialidade dentro de uma percepção fenomenológica e não meramente empirista, ou seja, o *Jeet Kune Do* não estava sendo empirista em que as percepções dos sentidos eram válidas. Este método marcial era individual e adaptável a cada ser humano dentro de seu contexto psicobioenergético, contestando assim a supremacia dos mestres marciais e o tradicionalismo existente nas diversas marcialidades orientais. Inclusive, Bruce Lee criticava as tradições marciais comparando-as com o radicalismo religioso, que acabava cegando pela fé.

Entendo a posição de Bruce Lee e sua postura marcial, pois acredito que a mente se assemelha a um pára-quadras que somente tem utilidade quando está aberto. Bruce Lee fala algo semelhante quando afirma que *Jeet Kune Do* é como um bote para atravessar um rio. Após a travessia devemos deixar o bote na beira do rio e continuarmos nossa jornada. Porém não são todos que pensam assim, principalmente aquelas pessoas que têm a sua técnica marcial como infalível e assemelhando-se a uma religião, cujo caráter é incontestável.

Observo diversas críticas à criação de novos estilos. Algumas delas fundamentadas em princípios do senso comum, não havendo uma posição radical, rigorosa e de conjunto, para uma real análise dos fatos expostos, agindo muitos pela emoção e não pela razão, usando somente

suas abordagens axiológicas e epistemológicas adquiridas por meio do treinamento sistemático em um determinado estilo marcial.

Cada escola ou estilo marcial é criada a partir de algumas realidades ou verdades existenciais, que pouco a pouco vão sendo transformadas em verdades universais, imitando-se certos movimentos, às vezes obsoletos, e defendendo-se idéias mecanicistas.

Um exemplo vivencial do que estou afirmando é que o Mestre So-haku Takeda ensinou sua arte marcial para dois futuros fundadores de estilos marciais, um japonês e um coreano. Cada um, de maneira individual, de acordo com a sua vivência marcial e filo-religiosa, criou estilos marciais diferentes. O japonês era xintoísta e totalmente voltado para a espiritualidade, enquanto o coreano gostava muito das técnicas de pernas muito usadas nos estilos do seu país, surgindo devido a isto o estilo japonês denominado *Aikido*, cujo fundador é Morihei Uyeshiba, e constitui-se um método marcial coreano conhecido mundialmente com o nome de *Hapkido*, fundado por Choi Yong Sool. Observe ambos os mestres, Morihei Uyeshiba e Choi Yong Sool treinaram com o mesmo mestre marcial, o descendente de *samurai*, Sokaku Takeda, mesmo assim criaram estilos marciais semelhantes na essência e diferentes nos conteúdos, pois ambos tiveram percepções de vidas diferentes, levando para seus estilos, estas características individuais.

Outro exemplo é o coreano, nacionalizado japonês, Masutatsu Oyama, criador do estilo de *Karate* denominado de *Kyokushinkay*. Mestre Oyama, insatisfeito com os treinamentos realizados no *Karate* clássico em sua época, resolveu devido às suas características próprias bem como acoplado a sua visão vital, fundar um novo estilo de *Karate*, tornando-se líder mundial da sua escola marcial. Semelhante foi com o Mestre Gichin Funakoshi, que foi o criador do estilo de *Karate* denominado de *Shotokan*. Este *Sensei*, quando saiu de Okinawa para ensinar *Karate* em Tokio, recebeu ajuda do criador do *Judo*, o Mestre Jigoro Kano, que criou a “Arte Suave” a partir do *Jiu Jitsu*. Como o mestre Kano ensinava somente com agarramentos e lutas no chão, característica do *Judo*, Mestre Funakoshi, em amizade ao criador do *Judo* e também objetivando transformar o *Karate* em esporte, assemelhando-se ao *Judo*, retirou do *Karate* as projeções, lutas de solo e demais técnicas similares à da “Arte Suave”. Lembremo-nos que em sua essência, o *Karate*, era uma arte para matar. Daí é inaceitável que fosse somente centrado em socos e pontapés. Quando ia para o chão, como fazia um lutador de *Ka-*

rate, ia morrer. Isto não tem lógica. É claro que em termos esportivos a parte do chão foi abolida, mas na vida real o negócio é diferente...

Após fazermos todas essas observações, vêm à nossa mente a seguinte pergunta: Para que servem as artes marciais? Respondo isso dentro da lógica de Bruce Lee. As artes marciais servem para cada um de acordo com as suas necessidades pessoais. Existem pessoas que vão para marcialidade para competir, e importante para estas os campeonatos, ou seja, os constantes pontos obtidos na competição que o fará ser vitorioso ou não. Já outros fazem artes marciais como defesa pessoal, usando-a para se defender ou até mesmo utilizar em seu trabalho diário, tais como seguranças, vigilantes, policiais etc. As crianças adentram na marcialidade pelo aspecto lúdico e para colocar para fora suas energias e até mesmo para conter sua agressividade.

Analisando friamente a questão, quem deseja entrar na marcialidade com fins de defesa pessoal e não de esporte, quer obter como resultado a eficiência prática nos golpes aplicados, servindo eles para definir sua vida ou morte. Bruce Lee criou, por meio do *Jeet Kune Do*, uma técnica de luta para briga real em rua ou em qualquer outro lugar que se tenha necessidade de combater. Jamais Bruce falou em uma arte marcial esportiva... Inclusive, a essência do *Jeet Kune Do* é exatamente o *Wing Chun*, que se caracteriza por ser uma arte marcial chinesa com movimentos feios, porém bastante eficazes em luta real, tendo este estilo como finalidade maior a economia de golpes, mas com objetividade.

Se estamos falando de um método prático de defesa pessoal, é óbvio que ele tem que ter resultados não esportivos e sim bélicos, pois o que importa em um combate real quando se é atacado com o soco é a sua defesa e contra-ataque, como bem dizia o próprio Bruce Lee. Um guarda-costas, ao fazer a defesa do seu cliente, não pode, em hipótese nenhuma, marcar pontos esportivos; tem que defender, é de verdade, seu protegido, caso contrário ele poderá perder o emprego e até mesmo ter problemas judiciais, por não fazer o seu dever, que é exatamente defender o seu cliente.

Concordo dentro deste prisma com o exposto pelos Mestres Paulo Albuquerque, criador do Kombato, e Ricardo Nakayama, criador do método Sotai, pois ambos ministram aulas de marcialidades práticas, no qual a finalidade é a defesa pessoal, simplesmente, e não a esportividade e a estética marcial. Ganhar campeonatos não é o mesmo que obter vitórias em combates reais na rua. Em combates reais não existem regras, são válidos

mordidas, uso de garrafas quebradas, canetas etc. Nas competições tem-se um momento para parar; na rua o limite é a morte.

Baseado neste paradigma é que nas metrópoles do nosso país e de outros países estão se desenvolvendo muito as práticas dos estilos livres criados como defesa pessoal. Por exemplo em uma cidade como o Rio de Janeiro, que vive constantemente em uma guerra civil, onde o índice de violência é muito grande, as pessoas precisam de estilos marciais objetivos para a praticidade como defesa pessoal e não de esportividade, ficando isso para quem procura a marcialidade como diletantismo ou para a ludicidade infantil. Com isso não quero afirmar que não existe público para a esportividade nas artes marciais ou que isto não é importante, simplesmente estou afirmando que muitas artes marciais em termos de praticidade em combate real deixa muito a desejar. E se uma pessoa procura algo eficiente, eficaz e efetivo como defesa pessoal, deve procurar estilos marciais modernos voltados para isso. Inclusive, muitos destes estilos, apesar de terem lutas no chão, não fazem usos de *tatames* ou de roupas especiais, pois na vida real as pessoas vão ter que cair no chão mesmo e ao lutar tem que estar com a roupa que usa no cotidiano.

Uma história interessante que sempre conto para os meus alunos na faculdade é a seguinte: Uma pessoa graduada e pós-graduada em administração foi ser gestora em uma prefeitura de uma pequena cidade do interior da Bahia. Lá chegando, descobriu que nesta cidade tinham-se vários guardas, inclusive um destes ficava dia e noite ao lado de um banco da praça. Este gestor procurou saber qual a função de cada guarda. De forma homeopática descobriu que cada um tinha sua função definida e porque assim fazia seu serviço. Porém ninguém sabia porque existia um guarda que ficava ao lado do banco da praça. Após um estudo detalhado este gestor descobriu que este guarda lá ficava pelo simples fato de um dia há muitos anos atrás o banco ter sido pintado e para evitar que as crianças sentassem nele e se melassem com a tinta fresca, foi colocado um guarda para vigilância. Os dias foram passando e os guardas foram se revezando, isto durante anos. E por incrível que pareça, nestes anos todos ninguém teve a idéia de perguntar por que cotidianamente um guarda ficava em pé vigiando um banco de uma praça. Semelhante a isso acontece nas artes marciais. Ninguém questiona que muitas vezes as defesas que são usadas nas marcialidades tradicionais eram muito boas para o tempo em que as armas davam um tiro somente.

O *kimono* é uma roupa de casa no Japão. Como os japoneses treinavam com suas roupas de casa, pois roupa de luta marcial é o *Gi*, porque nos dias atuais não se pode treinar com roupas comuns usadas no dia-a-dia. Será que em uma luta de rua o adversário vai esperar você colocar o *kimono*? Outro detalhe: os *kata* surgiram para simular lutas, pois naquela época, nos primórdios do *Karate*, as pessoas não podiam fazer *kumite* (luta), porque como não existia arte marcial como esporte, um poderia ferir seriamente o outro. Mas hoje em dia, fora a esportividade e a beleza estética marcial, o *kata* está obsoleto em se tratando do uso prático para uma briga real. Neste ponto temos que concordar com Bruce Lee, quando ele afirmava que o nome de um saco ou de um pontapé não tem importância; o que realmente tem valor é o seu resultado.

Diversas vezes encontramos nas fotos de Bruce Lee, ele vestido com roupas de ginástica ou trajes comuns americanos com sapatos ou tênis. As exceções são, por motivos óbvios, em seus filmes. Mas o que Bruce queria mostrar era que combates reais são feitos com roupas usadas diariamente.

Aproximando-me de Vinícius de Moraes que dizia “as mulheres feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”, digo: “os mestres marciais tradicionais que me perdoem, mas resultados bons em combates reais são essências para boa prática marcial”. Muitas críticas foram feitas a Bruce Lee por pensar desta forma, inclusive criando o seu próprio método marcial e apresentado-o ao mundo em oposição aos estilos marciais tradicionais. Mas ele nos deixou as sementes que paulatinamente estão frutificando.



Reprodução



Reprodução

O Besouro Verde

The *Green Hornet*, no Brasil conhecido como O Besouro Verde, foi uma série de TV americana de grande sucesso, que foi ao ar no período de 9 de setembro de 1966 a 14 de julho de 1967. Foi graças a este seriado que Bruce Lee, que fazia o papel de Kato, o ajudante do Besouro Verde, atraiu a atenção do produtor Raymond Chow, da Golden Harvest Studios.

Este seriado era famoso no mundo inteiro, inclusive na China. O Besouro verde era o ator Van Williams. Esta série de TV foi baseada em um seriado feito para o rádio, apresentado entre os anos de 1936 até 1952, criado por George W. Trendle.

Logo abaixo relacionamos os vinte e seis seriados desta série.

Episódio 01 - *The Silent Gun*: 9/9/66. D. Leslie Martinson. Atores convidados: Henry Evans, Lloyd Bochner e Charles Francisco.

Episódio 02 - *Give Em Enough Rope*: 16/9/66. D. Seymour Robbie. Atores convidados: Diana Hyland e Mort Mills.

Episódio 03 - *Programmed for Deatch*: 23/9/66. D. Larry Paerce. Atores convidados: Signe Hasso e Richard Cutting.

Episódio 04 - *Crime Wave*: 20/9/66. D. Larry Pearce. Atores convidados: Peter Haskell, Sheilah Wells e Ron Burke.

Episódio 05 - *The Frog is a Deadly Weapon*: 7/10 /66. D. Leslie Martinson. Atores convidados: Victor Jory

Episódio 06 - *Eat, Drink, and Be Deak*: 14 /10 /66. D. Murray Golden. Atores convidados: Jason Evens, Harry Lauter e Eddie Ness.

Episódio 07 - *Beautiful Dreamer*: Parte 1- 21/10/66. D. Allen Reisner. Atores convidados: Geoffrey Horne, Pâmela Curran e Victoria George.

Episódio 08 - *Beautiful Dreamer*: Parte 2- 28/10/66. D. William Baudine.

Episódio 09 - *The Ray is for Killing*: 11/11/66. D. Norman Foster. Atores convidados: Grant Woods, Robert Mc Queeney, Biel Baldin e Mike Mahoney.

Episódio 10 - *The Playng Mantis*: 18/11/66. D. William Baudine. Atores convidados: Mako, Allen Jung e Tom Drake.

Episódio 11 - *The Hunters and the Hunted*: 25/11/66. D. Seimor Robbie. Atores convidados: Robert Strauss, Charles Beteman e Douglas Evans.

Episódio 12 - *Deadline for Death*: 2/12/66. D. Robert Frinend. Atores convidados: James Best e Linda Day.

Episódio 13 - *The Secretary of Sally Bell*: 9/12/66. D. Allen Reisner. Atores convidados: Walter Kemmerling, Beth Brickell, Dave Perna e Greg Benedict.

Episódio 14 - *Freeway to Death*: 16/12/66. D. Allen Reisner. Atores convidados: Jeffrey Hunter e David Fresco.

Episódio 15 - *May the Best Man Lose*: 23/12/66. D. George Wagnheader. Atores convidados: Linden Chirles, Robert Hoy e Harold Gould.

Episódio 16 - *The Firefly*: 6/1/67. D. James Komack. Atores convidados: Ralph Meeker, Raymond St. Jacques e Paul Carr Jonh Baer.

Episódio 17 - *Corpse of the Year*: Parte 1- 13/1/67 D. James Komack. Atores convidados: Joanne Dru, Cesare Danova, Tom Simcox e Celia Kaye.

Episódio 18 - *Corpse of the Year*: Parte 2- 20/1/67 D. James Komack.

Episódio 19 - *Ace in the Hole*: 3/2/67. D. William Baudine. Atores convidados: Richard Anderson, Tony Epper, Richard X. Slattery e Bill Couch.

Episódio 20 - *Bad Bet on 459 Silent*: 10/2/67. D. Seymour Robbie. Atores convidados: Bert Freed e Brian Avery.

Episódio 21 - *Trouble for Prince Charming*: 17/2/67. D. William Baudine. Atores convidados: Alberto Morin, Susan Flannery e James Lanphier.

Episódio 22 - *Alias The Scarf*: 24/2/67. D. Allen Reisner. Atores convidados: John Carradine, Ian Wolfe, Patricia Barry e Paul Gleason.

Episódio 23 - *Hornet, Save Thyself*: 3/3/67. D. Seymour Robbie. Atores convidados: Linda Gaye Scott, Larry Mann e Christopher Dark.

Episódio 24 - *Invasio form Outer Space*: Parte 1 - 10/3/67 D. Allen Reisner. Atores convidados: Lind Gaye Scott, Larry Mann e Christopher Dark.

Episódio 25 - *Invasion form the Outer Space*: Parte 2 - 17/3/67 D. Allen Reisner.

Episódio 26 - *The Homet And The Firefly*: 24/3/1967 D. Darrel Hal-lenberck.

A dupla já apareceu nos episódios de Batman em pontas: (ABC TV 1966 - 1967).

The Spell of Tut – 28/9/66

The Case is Shut – 29/9/66

A Piece of The Action – 3/1/67

Batmans Satisfaction – 2/3/

Filmografia Completa de Bruce Lee

Hong Kong.

1946 – Birth of Mankind.

1950 – Kid Cheug

1953 – Blame it on Father.

1953 – In the Face of Demolition.

1953 – A Myriad Homes.

1953 – A Mother`s Tears.

1955 – An Orphan`s Tragedy.

1955 – We Owe it on our Children

1955 – Love.

1956 – Too Late for Divorce.

1957 – The Thunderstorm.

1957 – The Orphan.

1971 – The Big Boss.

1971 – Fist of Fury.

1972 – Way of the Dragon.

1973 – Enter the Dragon.

1973 – Game of Death.

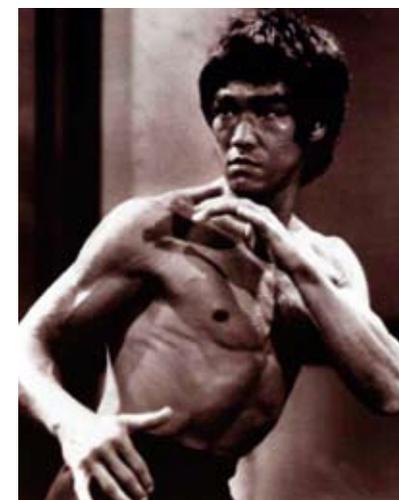
Hollywood

1967 – The Green Homet.

1968 – Ironside, Blondie e Batman (pontas).

1969 – Marlowe.

1970 – Longstreet.



Reprodução

Jeet Kune Do pelo próprio Bruce Lee

Alguém falar ao outro que tem fome é muito diferente de sentir a fome. Isto não é uma boba filosofia de porta de bar, não, e sim uma verdade de cunho existencialista como defendia o filósofo francês Sartre. Daí a melhor pessoa para falar do método marcial *Jeet Kune Do*, é o seu próprio criador, o saudoso e mitológico Bruce Lee, por isso logo abaixo transcrevemos um artigo da autoria do Bruce Lee sobre o *Jeet Kune Do*, publicado em setembro de 1971, na conceituada revista marcial americana Black Belt Magazine, e posteriormente publicada no Brasil, já traduzida do inglês, na revista *Arte do Kung Fu*, número O1, editada pela Editora Escala, sendo esta uma edição especial dedicada ao grande Mestre Bruce Lee.

O que é *Jeet Kune Do*?

Por Bruce Lee

Eu sou o primeiro a admitir que qualquer tentativa de cristalizar *Jeet Kune Do* em um artigo escrito, não é uma tarefa fácil. Talvez, para evitar fazer uma coisa fora de um processo, até agora não tenha pessoalmente escrito um artigo de *Jeet Kune Do*.

Realmente, é difícil explicar o que seja *Jeet Kune Do*, embora seja mais fácil explicar o que ele não seja. A respeito de observações sem escolha, suponha que várias pessoas que são treinadas em estilos diferentes de artes combativas testemunhem uma irada e determinada briga de rua. Eu estou certo, que nós iríamos ouvir versões diferentes de cada um desses estilistas. Isto é bem compreensível, pois o indivíduo não pode ver uma briga (ou qualquer coisa mais) “como é”, contanto que ele esteja encoberto pelo ponto de vista dele, isto é, estilo.

Ele verá a luta através das lentes de seu condicionamento particular. Lutar, “como é”, é simples e total. Não é limitada a sua perspectiva ou condicionamento, como um artista marcial chinês, um artista marcial coreano ou um “qualquer” artista marcial. A verdadeira observação começa quando o indivíduo abandona padrões fixos e a verdadeira liberdade de expressão ocorre quando o indivíduo está além dos sistemas.

Antes de examinarmos o *Jeet Kune Do*, vamos considerar exatamente o que um “clássico” estilo de arte marcial realmente é. Os estilos são criados por homens. E um estilo nunca deveria ser considerado

verdade evangélica. As leis e os princípios nunca podem ser violados. O homem, o vivo e criador indivíduo, é sempre mais importante que qualquer estilo estabelecido.

É concebível que algum tempo atrás, um certo artista marcial descobriu uma verdade parcial, embora esta seja uma tendência comum do homem, na busca por segurança e certeza na vida. Após sua morte, seus estudantes pegam “suas” hipóteses, “seus” postulados, “suas” inclinações e “seus métodos” e transformam-os em leis. Credos impressionantes foram inventados; reforçadas cerimônias solenes foram ordenadas; rígidas filosofias e padrões foram formulados e até uma instituição foi erguida. Então, o que se originou como a intuição de algum indivíduo, como um tipo de fluidez pessoal, foi transformado em conhecimento solidificado e fixado, completados com respostas organizadas, classificadas e apresentadas em uma ordem lógica. Assim, os bem-entendidos seguidores leais têm, não somente feito um santuário sagrado a esse conhecimento, mas, também um túmulo, onde eles enterraram a sabedoria do fundador.

Mas a distorção não necessariamente termina aqui. Em relação à “verdade do outro”, outro artista marcial, ou possivelmente um discípulo insatisfeito, organiza uma abordagem oposta, tal como o estilo “suave”, contra o estilo “duro”, a escola “interna” contra a escola “externa” e todos esses absurdos separativos. Logo, esta facção oposta também se torna uma grande organização, com suas leis próprias e padrões. Uma rivalidade começa com cada estilo reivindicando possuir a “verdade” à exclusão de todos os outros.

Na melhor das hipóteses, estilos são meramente partes dissecadas de um todo. Todos os estilos requerem ajustamento, parcialidade, recusas, condenação e muitas auto-justificáveis. As soluções que eles pretendem fornecer são a única causa do problema, porque elas limitam e interferem em nosso crescimento natural e obstruem o caminho para a compreensão genuína. Divisor por natureza, estilos mantêm os homens separados um do outro, em vez de uni-los.

A Verdade não pode ser estruturada ou confinada.

O indivíduo não pode se expressar completamente, quando aprisionado por um estilo confinado.

O combate “como é”, é total e inclui todos os “és”, bem como os “não é”, sem linhas preferidas ou ângulos. Sem limites, o combate sem-

pre é fresco, vivo e está sempre mudando. Seu estilo particular, suas inclinações pessoais e sua constituição física são partes do combate, mas eles não constituem o todo do combate. Se suas respostas se tornam dependentes de qualquer parte única, você irá reagir em termos do que “deveria ser” do que a realidade do sempre mutante “o que é”.

Lembre-se que, enquanto o todo é evidenciado em todas as suas partes, uma parte isolada, eficiente ou não, não constitui o todo.

O treinamento de repetições prolongadas certamente sustentará a precisão mecânica e segurança do tipo que vem de qualquer rotina. Por mais que é exatamente esse tipo de “Seletiva”, segurança ou “muleta”, que eles não podem mais andar sem elas. Assim, qualquer técnica especial, porém inteligentemente desenvolvida, é realmente um obstáculo.

Permitam-me deixar entendido, de uma vez por todas, que eu não inventei um estilo novo, combinação ou modificações.

De modo nenhum coloquei *Jeet Kune Do* dentro de uma forma distinta, governada por leis que o distinguem deste estilo ou daquele método. Pelo contrário, espero livrar meus companheiros da escravidão dos estilos, padrões e doutrinas.

O que, então, é *Jeet Kune Do*? Literalmente, “Jeet” significa interceptar ou parar, “Kune” é o punho e “Do” é o caminho, realidade, final – o Caminho de Intercepção dos Punhos ou o Caminho do Punho Interceptor. Faça-se lembrar porém, que “Jeet Kune Do” é meramente um nome conveniente. Não estou interessado no termo em si. Me interesse por seu efeito de liberação, quando *Jeet Kune Do* é usado como espelho para um auto-exame.

Diferente de uma “clássica” arte marcial, não há nenhuma série de regras ou classificação de técnicas que constituem um distinto método de combate “*Jeet Kune Do*”.

Jeet Kune Do não é uma forma especial de condicionamento com sua própria filosofia rígida. Ele observa o combate, não de um único ângulo, mas de todos os ângulos possíveis. Enquanto o *Jeet Kune Do* utiliza todos os caminhos e meios para servir ao seu fim (apesar de tudo, eficiência é o que importa), não está limitado por nada e, portanto é livre. Em outras palavras, *Jeet Kune Do* possui tudo, mas ele em si não é possuído por nada. Por isso, tenta definir *Jeet Kune Do* em termos de um estilo distinto- seja ele *Gong Fu (Kung Fu)*, *Karate*, combate de rua, arte marcial de Bruce Lee etc., é para perder completamente seu significado. Seus ensinamentos, simplesmente, não podem ser confi-

nados dentro de um sistema. Vejo que *Jeet Kune Do* não é de imediato “isto” e nem “aquilo”, ele nem se opõe, não se adere a qualquer estilo. Para compreender isto completamente, o indivíduo deve transcender a dualidade de “pró” ou “contra”, em uma unidade orgânica, que é sem distinções. A compreensão do que é *Jeet Kune Do* é a direta intuição desta unidade.

Não existem padrões pré-arranjados ou “*katas*” no ensino de *Jeet Kune Do*, nem são eles necessários.

Considere a sutil diferença entre ter nenhuma forma e ter não-forma. A primeira é ignorância; a segunda é transcendência.

Por meio da sensibilidade instintiva, cada um de nós conhece nossas próprias maneiras mais eficientes e dinâmicas de conseguir alavancas eficazes, equilíbrio em movimento, uso econômico da energia etc.

Padrões, técnicas ou formas tocam somente a orla da compreensão genuína. O âmago da compreensão encontra-se na mente individual e até isto ser tocado, tudo é incerto e superficial.

Verdade não pode ser percebida até compreendermos a nós mesmos e aos nossos potenciais completamente. Apesar de tudo, conhecimento nas artes marciais, em última análise, significa auto-conhecimento.

Neste ponto, você deve se perguntar: “Como eu ganho este conhecimento?” Isso você terá que descobrir por si mesmo. Você deve aceitar o fato de que não existe ajuda e sim auto-ajuda. Pela mesma razão, não posso dizer a você como “ganhar” auto-conhecimento. Enquanto eu posso dizer a você o que não fazer, não posso dizer a você o que deveria fazer, porque eu estaria confinando você a uma abordagem particular.

Fórmulas podem inibir a liberdade, prescrições ditadas externamente somente silenciam a criatividade e garantem a mediocridade. Tenha em mente que a liberdade que provém do auto-conhecimento não pode ser adquirida através de estrita aderência a uma fórmula. Não nos “tornamos” subitamente livres; nós somos livres.

Conhecimento, definitivamente, não é mera imitação, nem é a capacidade de acumular e regurgitar experiências fixadas. Conhecimento é um processo constante de descoberta, um processo sem fim. Em *Jeet Kune Do*, nós não começamos por acumulação, mas por descobrir a causa de nossa ignorância, uma descoberta que envolve um processo mutante.

Infelizmente, a maioria dos estudantes, nas artes marciais, é conformista. Em vez do conhecimento depender deles mesmos, para expressarem-se, eles cegamente seguem seus instrutores, não mais se

sentindo sozinho e encontrando a segurança na imitação em massa. O produto desta imitação é uma mente dependente. Investigação independente que é essencial para a compreensão genuína é sacrificada.

Olhe em torno das artes marciais e testemunhe o sortimento de artistas rotineiros, artistas “mágicos”, robôs sem sensibilidade, glorificadores do passado e então – todos seguidores ou expoentes do desespero organizado.

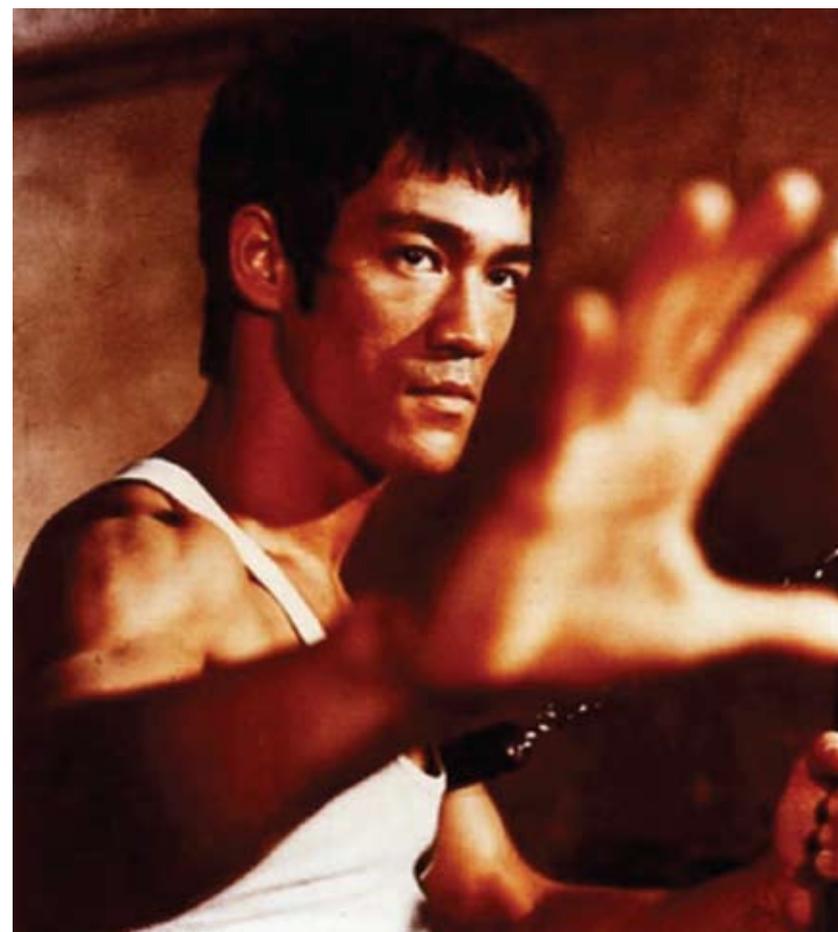
Com que frequência é dito a nós, por diferentes *senseis* ou mestres, que as artes marciais são a vida em si?

Mas quantos deles verdadeiramente compreendem o que estão dizendo? A vida é um movimento constante – ritmo é casual. A vida é uma constante mudança e não uma estagnação.

Em vez de fluir, sem escolhas, com esse processo de mudança, muitos desses “mestres” construíram uma ilusão de formas fixas concordando rigidamente com os conceitos tradicionais e técnicas das artes, solidificando o sempre fluente, dissecando a totalidade. A visão mais deplorável é ver estudantes sinceros, repetindo seriamente aqueles exercícios imitativos, escutando seus próprios gritos e berros espirituais. Na maioria das vezes, os meios que estes *senseis* oferecem aos seus estudantes são tão elaborados que o estudante deve dar tremenda atenção a eles, até gradualmente perder a visão do fim.

Os estudantes terminam desempenhando suas rotinas metódicas, como uma mera resposta condicionada, em vez de responder ao “o que é”. Eles não mais prestam atenção às circunstâncias; eles recitam suas circunstâncias. Estas pobres almas inconscientemente tornaram-se presas no miasma do clássico treinamento das artes marciais. Um professor, um *sensei*, realmente bom, nunca é um doador da verdade. Ele é um guia, um indicador para a verdade que o estudante deve descobrir por si mesmo. Um bom professor, por isso, analisa cada estudante individualmente e o encoraja a explorar a si mesmo, interna e externamente, até, finalmente, ele estar integrado com sua existência, seu ser. Por exemplo, um hábil professor deveria estimular o crescimento de seu estudante, confrontando-o com certas frustrações. Um bom professor é um catalisador. Além de possuir profunda compreensão, ele também deve ter uma mente receptiva, com grande flexibilidade e sensibilidade.

Não há nenhum padrão em combate total e a expressão deve ser livre. Esta verdade libertadora é uma realidade apenas tanto quanto ela é experimentada e vivida pelo indivíduo em si. É uma verdade que



Reprodução

transcende estilos ou disciplinas. Lembre-se, também, que Jeet Kune Do é simplesmente um termo, um rótulo para ser usado como um bote para atravessar um rio. Uma vez atravessado, ele é descartado e não mais carregado nas costas.

Um dedo apontando para a lua.

Estes poucos parágrafos são, na melhor das hipóteses, “um dedo apontando para a lua”. Por favor, não confunda um dedo com a lua ou fixe seu olhar tão intensamente a ponto de perder os espetáculos maravilhosos dos céus. Além de tudo, a utilidade do dedo está na ação de apontar longe de si próprio a luz que ilumina o dedo e tudo o mais.

Como escolher um bom professor de *Kung Fu*

Na verdade não existe uma receita ideal para se fazer uma boa escolha de um professor de *Kung Fu* ou até mesmo para outra arte marcial, oriental ou ocidental. Mas existem alguns padrões essenciais para se evitar a compra de “gato por lebre”.

Uma delas inicialmente é saber a origem do professor de *Kung Fu*, o qual você pretende ter como docente marcial. Inicie sugerindo que fizesse a ele as seguintes perguntas:

1. Quem foi seu mestre de *Kung Fu*?
2. Há quanto tempo treina *Kung Fu*?
3. O que acha da filosofia do *Kung Fu*?
4. Fale um pouco da história e filosofia do seu estilo de *Kung Fu*.

Preste bastante atenção nas suas respostas e depois confirme o que ele lhe disse com amigos que já praticam *Kung Fu* e na *internet*. Procure saber com detalhes sobre o estilo que ele ensina, pois há uma enorme quantidade de estilos de *Kung Fu* e cada um tem uma padronização de golpes diferentes, daí é necessário saber se este estilo é o ideal para você. Alguns estilos de *Kung Fu* usam mais os pés; outros mais as mãos. Procure verificar esse detalhe, pois às vezes seu aspecto físico se adapta melhor aos golpes de mãos do que de pernas ou vice-versa.

Assista a uma aula ministrada por este mestre de *Kung Fu* que você está pesquisando. Pergunte sempre aos alunos mais antigos sobre a filosofia e as técnicas deste estilo marcial. Comparando a opinião dos alunos com as que este professor lhe disse anteriormente, procure saber se é verdade ou mentira. Muitas vezes este docente marcial lhe falou algumas falácias para ser-lhe simpático e lhe ter como aluno.

Observe o relacionamento deste professor com os seus alunos. Não se deixe confundir com excessos de castigos ou libertinagem, pois nem um nem outro é certo quando feito em excesso. O bom professor de *Kung Fu* sabe equilibrar as coisas, gerando respeito sem ofensas.

Observe a academia onde ele ministra aulas. Procure saber os antecedentes desta entidade e veja se na mesma tem limpeza e higiene. Um professor sério e honesto não aceita ministrar aulas em locais sujos e desarrumados. Não confunda simplicidade com sujeira. O local não precisa ser de luxo, mas também não pode ser um lixo.

Não pense que pelo fato de o professor de *Kung Fu* ser chinês, ele está capacitado para dar aulas. O simples fato de um indivíduo ser



Reprodução

oriental não o capacita para ser mestre marcial. Seria como pensarmos que somente por ser brasileira uma pessoa é mestre em Capoeira. Ledo engano...

Não quero com isso afirmar que não existem bons mestres orientais de artes marciais, o que quero deixar bem claro é que nem todos os orientais são sérios e honestos em se tratando de artes marciais. Muitos “picaretas”, por serem do oriente querem nos fazer de trouxas. Cuidado com eles!

O resto é somente usar o bom senso e usufruir dos benefícios de uma boa aula de *Kung Fu*.

Entrevista Com Bob Wall Por André Alex Lima

Depois de se tornar diversas vezes campeão norte-americano de *Karate*, Bob Wall se tornou uma verdadeira lenda das artes marciais mundiais, devido aos seus muitos feitos, dentre os quais se destacam a sua participação em alguns filmes ao lado de Bruce Lee, de quem foi amigo particular.

Qualquer antigo praticante de artes marciais possui em sua memória, aquela famosa cena do filme *Enter the Dragon*, quando Bob Wall e Bruce Lee fizeram um combate sensacional, terminando com Bruce Lee dando um salto mortal, após ter sua perna esquerda segura por Bob Wall durante a luta.

Nesta entrevista feita por André Alex Lima, Bob Wall conta fatos que marcaram seu início de carreira como lutador e lembra Bruce Lee, seu antigo amigo de treinamentos.

André Alex Lima, nosso famoso taekwondista brasileiro entrevistou Bob Wall em Las Vegas, durante o encontro anual de artes marciais, promovido por Chuck Norris. Bob ainda fala sobre um mal-entendido entre ele e Bruce Lee, durante as filmagens de *ENTER THE DRAGON*, causado por um acidente no decorrer das gravações.

Leiam agora a conversa entre André Alex Lima e Bob Wall.

André Alex Lima: Quais foram os seus títulos nas artes marciais?

Bob Wall: Na época em que eu competia no circuito norte-americano de *Karate*, cheguei ao topo. Fui campeão em quase todas as grandes competições, entre os anos de 1968 a 1973, ao lado dos meus amigos Chuck Norris, Stone e Joe Lewis.

André Alex Lima: Como era sua relação com Bruce Lee?

Bob Wall: Nós sempre fomos bons amigos. Íamos sempre para eventos ligados às artes marciais. Às vezes treinávamos juntos, inclusive durante os filmes, que a seu convite eu contracenava com ele.

André Alex Lima: Você poderia nos explicar o acidente ocorrido durante as filmagens do filme *Enter The Dragon*, o qual causou um desentendimento entre você e Bruce Lee?

Bob Wall: O que ocorreu foi o seguinte: numa das cenas principais, senão a principal, eu e Bruce combatíamos no campeonato de artes marciais. Eu deveria correr para cima dele com uma garrafa quebrada para atingi-lo, a qual, logicamente, seria agilmente defendida por ele.



Reprodução

Após termos repetido a cena várias vezes, finalmente, na sexta vez a fizemos perfeitamente. No entanto, como o Bruce era fanático por perfeição, resolveu fazê-la mais uma vez e me falou: - Ok, Bob. Pegue a garrafa quebrada novamente e venha com tudo para cima de mim. Corri então para cima dele e ele errou o chute, que era para acertar o meu braço, com o objetivo de desviar a garrafa. Como resultado disso acabei cortando a mão dele, o que o irritou muito, e ele pediu para gravar novamente. Desta vez ele fez com perfeição, porém no último golpe em que ele me acertava com um chute lateral, ele chutou de verdade, arremessando-me por cima de uma mesa onde estavam alguns figurantes, fazendo até que um deles quebrasse o braço.

André Alex Lima: Conte-nos mais detalhes sobre o ocorrido.

Bob Wall: Eu realmente não me senti culpado por tê-lo cortado, afinal a culpa foi dele mesmo por ter errado o chute. Ele ficou chateado, mas logo as coisas voltaram ao normal. Entretanto, esta história se espalhou rapidamente aparecendo diversas versões sem fundamentos.

André Alex Lima: Você e Bruce Lee tiveram outros problemas.

Bob Wall: Sim, mas problemas ocorridos em qualquer amizade duradoura. Suponho que talvez tenhamos entrado em desentendimento umas duas ou três vezes, mas a amizade sempre cresceu. Basta dizer

que trabalhei em três filmes dele: *The Way of the Dragon*, *Enter the Dragon* e *Game of Death*. Nossa amizade foi sempre verdadeira. Resumindo, eu acredito que desde o dia em que nos conhecemos em Long Beach, em 1964, quando ele fazia uma demonstração num campeonato de artes marciais.

André Alex Lima: Bob, você se considera um dos responsáveis pelo início da comercialização total das artes marciais nos EUA, no final dos anos 60?

Bob Wall: De maneira nenhuma, André. Nós somos profissionais como quaisquer outros e possuímos os mesmos direitos de sermos pagos, assim como um médico ou um advogado, por exemplo. Quando trabalhamos bem, merecemos sermos bem-pagos. Esta comercialização das artes marciais que iniciamos nos anos 60 foi em grande parte responsável pelo crescimento das artes marciais nos EUA.

André Alex Lima: Então você ganhou bem com as artes marciais?

Bob Wall: Posso dizer que o meu trabalho foi muito bem remunerado para a época. Entre os anos de 60 e 70 eu e Chuck Norris dirigíamos uma rede de academias na Califórnia e chegamos a ter, inclusive, muitos alunos faixas-pretas que se tornaram campeões de destaques como Howard Alegrice, Pat Johnson, John Natinidade e alguns outros.

André Alex Lima: Você, atualmente, continua trabalhando com artes marciais?

Bob Wall: Eu possuo uma imobiliária muito bem-sucedida. Eu diria que este é o meu trabalho principal, atualmente. Mas, sempre estou trabalhando paralelamente com artes marciais. Até pouco tempo eu era o promotor do campeão de *Kickboxinwg*, Denis Alexio.

André Alex Lima: Você continua treinando até hoje?

Bob Wall: Eu nunca paro de treinar (risos). Eu sempre estou dando socos e pontapés e de uns tempos para cá, eu estou treinando firme o *Jiu Jitsu* brasileiro, que virou moda nos EUA.

André Alex Lima: Qual a sua mensagem para o público brasileiro?

Bob Wall: Primeiramente quero agradecer a você, André, por esta entrevista. Desejo que as artes marciais no Brasil cresçam cada vez mais. Também aproveito a oportunidade para reconhecer o talento dos lutadores brasileiros que realmente estão se destacando aqui nos EUA, como você próprio, André. Eu realmente vejo que os atletas brasileiros treinam muito duro e merecem este reconhecimento internacional, que tem alcançado nos últimos anos. Parabéns Brasil!

Entrevista Dan Inosanto Por André Alex Lima

Em qualquer parte do mundo, ao se falar em artes marciais, a primeira figura que vem de imediato à mente é o famoso Bruce Lee. Aprofundando-se um pouco o assunto vem logo o nome de Dan Inosanto, que fala com exclusividade para o público brasileiro, através do marcialista e escritor André Alex Lima.

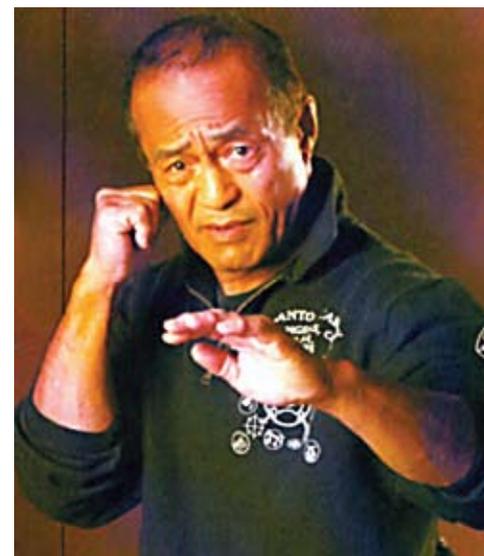
André esteve diversas vezes em contato com Dan Inosanto, tendo assim colhido informações interessantes. Além de fazer um curso com Inosanto, conhecendo assim, pessoalmente, sua técnica marcial.

A descendência de Dan Inosanto é filipina, sendo ele casado com uma típica loira americana, chamada de Paula Inosanto, que também ministra aulas junto com ele e é sua empresária.

O casal vive em Los Angeles, Califórnia, e possui uma academia no bairro Marina Del Rey. O nome da academia é *Inosanto Martial Art Academy*.

André conversou sobre a possibilidade do seu esposo, Dan Inosanto, dar um curso de artes marciais no Brasil. Ela respondeu que é bastante difícil, pois a agenda dele já está praticamente completa até os próximos dois anos. Afirmou ainda que os dois viajam quase todos os finais de semana. Paula ficou muito feliz em saber que a popularidade do seu marido no Brasil é muito grande e desejou muita felicidade a todos os praticantes de artes marciais, de todos os estilos, do Brasil.

Segundo André Lima, Dan Inosanto é muito atencioso com todos e gosta de explicar com detalhes qualquer técnica que ensine. O difícil é acompanhá-lo, pois ele começa a falar e demonstra, ao mesmo tempo, diversos golpes de pés e mãos. Ele fala de tudo, socos, pontapés, técnicas de torções, chaves etc.



Reprodução

Em todos os cursos que ministra, Dan Inosanto leva uma mala repleta de armas marciais dos mais diversos estilos de lutas, dentre os quais os de origem Filipina e alguns outros que aprendeu com um mestre de *Ninjutsu* (arte marcial dos ninjas). Com todas estas armas, ele fala e demonstra técnicas, mostrando ser um profundo conhecedor do assunto, principalmente no que se diz respeito a facas e ao *Kali*, que consiste de dois bastões de madeira.

Dan Inosanto, semelhante a Bruce Lee, se mostra sempre disposto a aprender novas técnicas de qualquer estilo marcial. Na época desta entrevista ele estava treinando Boxe francês, conhecido como *Savate*. Segundo ele, não existe idade limite para se aprender e não é vergonha nenhuma um grande mestre de qualquer arte marcial aprender com um professor de outro estilo. Como pregava Bruce Lee, o importante é sempre aprender de diversas fontes.

Dan Inosanto e Bruce Lee são praticamente da mesma altura, Mas Dan é bem mais forte e pesado que o saudoso Pequeno Dragão. Dan afirmou que ainda bem que em termos de temperamento a diferença entre ele e Bruce era muito grande, pois Bruce Lee, segundo ele, era muito esquentado e ele, pelo contrário, é muito calmo.

Foi também Dan Inosanto que primeiro ensinou técnicas de *nunchaku* para Bruce Lee, que pouco tempo depois se tornaria um excelente conhecedor desta arma marcial, popularizando-a mundialmente através dos seus filmes.

Dan Inosanto já concedeu tantas entrevistas para diversos veículos de comunicação, em todo o mundo, que fica até difícil lhe fazer uma pergunta que ainda não tenha sido feita. Apesar do assunto ser um tanto repetitivo, o nosso André Lima entrevistou este mestre, tendo o cuidado de direcionar suas perguntas mais para sua opinião, haja vista que é desagradável abordá-lo com perguntas somente sobre o lendário Bruce Lee, como já é de costume.

André Lima: Dan, o que você faz na vida?

Dan Inosanto: Eu sou profissional das artes marciais. Trabalho e ganho dinheiro ensinando minha arte.

André Lima: O que você pensa quando alguém diz que o verdadeiro mestre ou os realmente bons não cobram dinheiro para transmitir seus ensinamentos?

Dan Inosanto: Já me perguntaram isso diversas vezes. Um médico ou advogado são pagos pelos seus serviços. Ninguém pode afirmar que eles são maus médicos ou péssimos advogados por estarem comercializando a medicina ou a advocacia. Eles estão somente sendo pagos pelos seus devidos trabalhos. Eu não entendo por que existem pessoas nas artes marciais que dizem que um bom mestre não vende sua arte, ou que, o bom mestre não cobra para ensinar. Para mim, ensinar arte marcial é um trabalho que merece ser pago como qualquer outro, principalmente quando se é muito bom.

André Lima: Há poucos meses conversei com um professor de Kung Fu e profundo estudioso da vida de Bruce Lee e ele me falou que você não transmite aquilo que Bruce Lee lhe ensinou. O que você pode dizer a respeito disso?

Dan Inosanto: Em parte é verdade. Eu realmente não ensino exatamente as mesmas técnicas ensinadas por Bruce Lee, mesmo porque ele sempre enfatizava que deveríamos desenvolver nossas próprias qualidades e foi o que fiz. Acabei descobrindo com o tempo que minhas qualidades eram diferentes das deles. Além disso, nunca deixei de lado minhas técnicas de estilos filipinos. E ainda mais, creio plenamente que caminho dentro dos padrões estabelecidos por Bruce.

André Lima: Afinal, Jeet Kune Do é um estilo de luta ou é um estilo de pensamento?

Dan Inosanto: Para mim, os dois são uma via de crescimento físico, mental e espiritual. E a individualização de cada um é o respeito pela diferença de um ser humano para com outro. Um tigre não pode lutar como um galo. Um homem pequeno não pode usar a mesma técnica de um homem grande e gordo.

André Lima: Então não é possível fazer uma demonstração de Jeet Kune Do?

Dan Inosanto: Exato. Não é possível fazer uma demonstração de *Jeet Kune Do*, mas é possível explicar o que é *Jeet Kune Do*. Em algumas horas de curso cada pessoa tem sua forma própria de ver esta arte. É como escolher o lugar onde morar. Não existe o lugar perfeito para todos. Uns gostam de viver na Europa, outros na Ásia, Eu e você gostamos dos EUA e assim por diante.

André Lima: Para você, Bruce Lee era artista marcial ou ator?

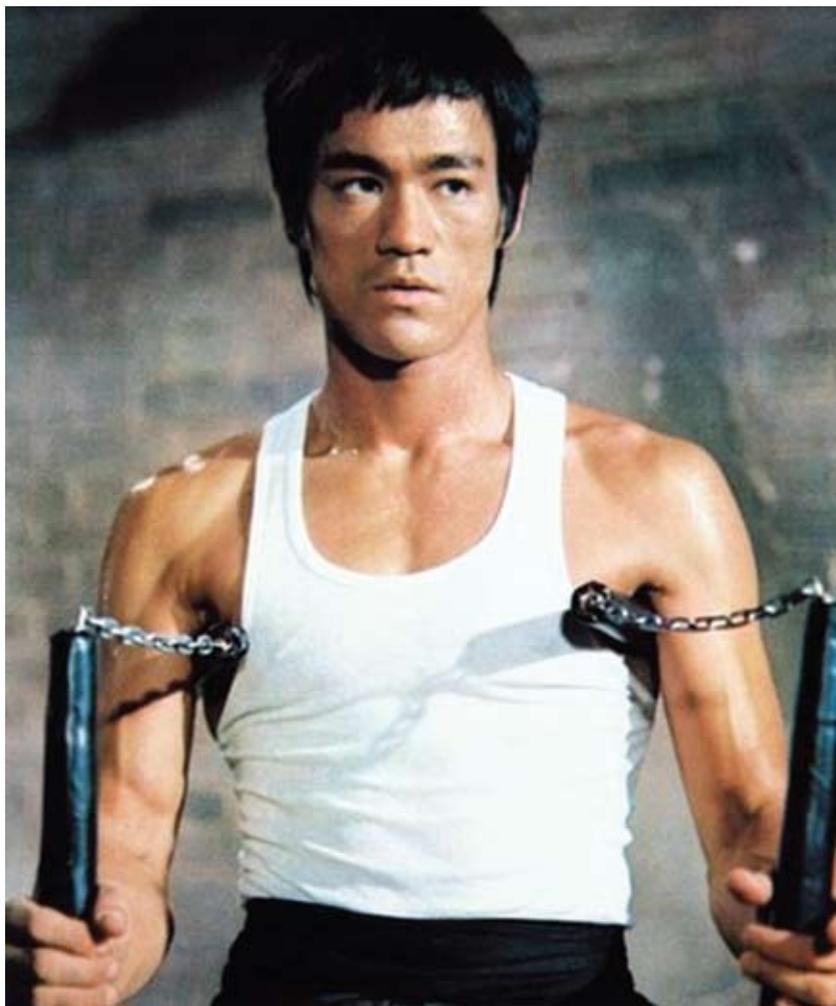
Dan Inosanto: Na minha opinião, ele era artista marcial em primeiro lugar, em seguida ator.

André Lima: Quando você ensinou Bruce Lee a manejar o *nunchaku*?

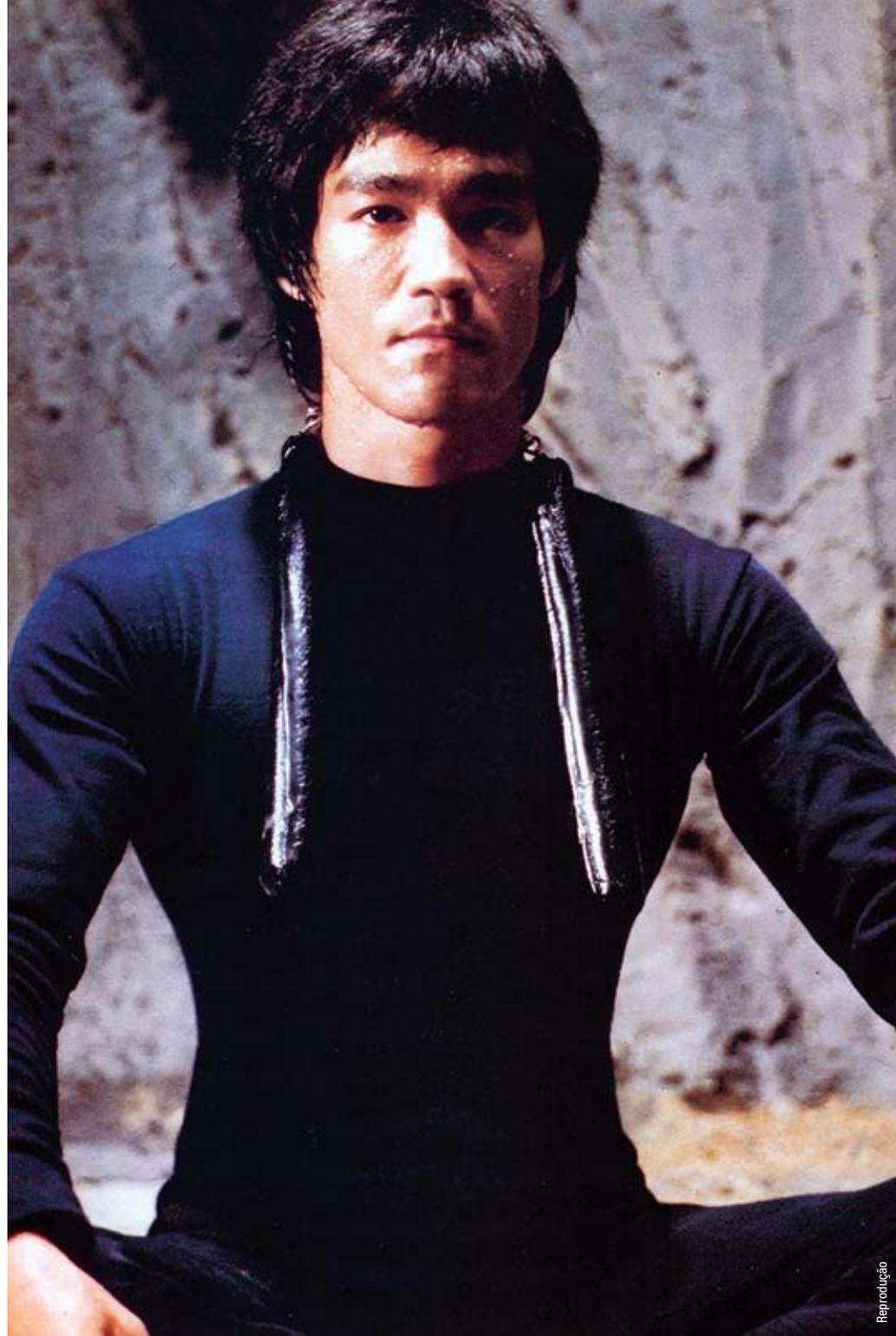
Dan Inosanto: No ano de 1964.

André Lima: Você ensina somente defesa pessoal?

Dan: Também ensino Filosofia.



Reprodução



Reprodução



O inesquecível
**BRUCE
LEE**
e as artes marciais



